MEU & OUTROS BURACOS NEGROS

UMA FAÍSCA PODE MUDAR TUDO



JASMINE WARGA

ROCCO
JOVENS LEITORES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



JASMINE WARGA

MEU & OUTROS BURACOS NEGROS

UMA FAÍSCA PODE MUDAR TUDO

TRADUÇÃO DE
PETÊ RISSATTI

ROCCO
JOVENS LEITORES

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Dedicatória

Epígrafe

Terça-feira, 12 de Março

Quarta-feira, 13 de Março

Quarta-feira, 13 de Março

Quarta-feira, 13 de Março

Quinta-feira, 14 de Março

Quinta-feira, 14 de Março

Sexta-feira, 15 de Março

Sábado, 16 de Março

Sábado, 16 de Março

Segunda-feira, 18 de Março

Quarta-feira, 20 de Março

Quinta-feira, 21 de Março

Sexta-feira, 22 de Março

Sábado, 23 de Março

Sábado, 23 de Março

Terça-feira, 26 de Março

Quarta-feira, 27 de Março

Quarta-feira, 27 de Março

Sexta-feira, 29 de Março

Sábado, 30 de Março

Sábado, 30 de Março

Sábado, 30 de Março

Domingo, 31 de Março

Domingo, 31 de Março

Domingo, 31 de Março

Segunda-feira, 1º de Abril

Segunda-feira, 1º de Abril

Quarta-feira, 3 de Abril

Quinta-feira, 4 de Abril

Sexta-feira, 5 de Abril

Domingo, 7 de Abril

Nota da autora

Agradecimentos

Créditos

Em memória de Aidan Jos Schapera,
que amava a vida e nos ensinou a viver

A verdadeira viagem de descoberta consiste em não buscar novas paisagens, mas em ter novos olhos.
– MARCEL PROUST

TERÇA-FEIRA, 12 DE MARÇO

Faltam vinte e seis dias

A música, especialmente a clássica, especialmente o "Réquiem em Ré Menor" de Mozart, tem energia cinética. Se ouvir com muita atenção, vai escutar o arco do violino tremendo sobre as cordas, pronto para acender as notas. Botá-las em movimento. E, quando as notas estão no ar, colidem umas com as outras. Faíscam. Explodem.

Passo muito tempo imaginando como seria morrer. Que barulho faz morrer. Se vou explodir como aquelas notas, soltar meus últimos gritos de dor e então ficar em silêncio para sempre. Ou talvez vou me transformar em uma estática sombria quase imperceptível, que só se ouve com muita atenção.

E, como se eu já não estivesse fantasiando sobre morrer, trabalhar no telemarketing da Tucker's Marketing Concept definitivamente me faria querer estar morta. Por sorte, eles não precisam se responsabilizar por danos à saúde, pois tenho doença preexistente.

A Tucker's Marketing Concept se localiza no porão de uma galeria escura, e sou a única funcionária que não tinha nascido ainda para testemunhar a queda de Roma. Há várias mesas de plástico cinza, provavelmente compradas por atacado na Costco, enfileiradas, e todo mundo tem um telefone e um computador. O lugar inteiro cheira a uma mistura de mofo com café queimado.

Neste momento, estamos realizando uma pesquisa para a Paradise Vacations. Querem saber o que as pessoas mais valorizam em viagens de férias – qualidade da comida e bebida ou qualidade das acomodações. Disco o próximo número da lista: sra. Elena George, que mora na rua Mulberry.

– Alô? – diz uma voz rouca ao telefone.

– Alô, sra. George. Meu nome é Aysel e estou ligando da Tucker's Marketing Concept em nome da Paradise Vacations. Teria um momento para responder a algumas perguntas?

Na minha voz falta o cantarolar que ouço na maioria dos meus colegas. Não sou exatamente o que se pode chamar de funcionária modelo da TMC.

– Já disse para vocês pararem de ligar para este número – diz a sra. George, e desliga na minha cara.

Pode correr, mas não pode se esconder, sra. George. Fiz uma anotação no registro de ligações. Parece que ela não estava interessada em uma viagem de duas semanas para o Havaí com chance de participar de um programa de férias partilhadas. Sinto muito, Paradise Vacations.

Fazer mais de uma ligação sem intervalo é demais para mim, então me viro para encarar o computador. A única vantagem do trabalho é o acesso livre e irrestrito à internet. Dou um clique duplo no navegador e entro de novo no Passagens Tranquilas, meu site favorito do momento.

– Aysel – ralha o sr. Palmer, meu supervisor, pronunciando meu nome errado, como sempre. É Â-zél, não Ái-zál, mas ele nem liga. – Quantas vezes preciso dizer para você parar de ficar brincando no computador? – Ele apontou para meu registro de ligações. – Você ainda tem um monte de ligações para fazer.

O sr. Palmer é o tipo de pessoa cuja vida poderia sofrer uma reviravolta se fosse uma única vez a um barbeiro diferente. Seu corte de cabelo parece ter sido moldado numa tigela, um corte muito popular entre garotos magrelos do sexto ano do ensino fundamental. Eu diria que um corte escovinha poderia realçar de verdade a linha de seu maxilar, mas acho que ele está feliz com a sra. Palmer, então nem pensa em se reinventar. Não, nada de crise de meia-idade para o sr. Palmer.

Odeio admitir, mas sinto um pouco de inveja do sr. Palmer. Ao menos ele tem conserto, se quiser. Uma tesourada aqui, outra ali, e ele ficaria novo em folha. Não há nada que possa me consertar.

– O quê? – pergunta o sr. Palmer quando me flagra olhando fixo para ele.

– O senhor tem um cabelo bonito.

Giro a cadeira. Acho que falei bobagem. Na verdade, meu trabalho tem duas vantagens: acesso livre à internet e a cadeira giratória.

– Hein? – grunhiu ele.

– O senhor tem um cabelo bonito – repito. – Já pensou em usar um corte diferente?

– Sabe, eu assumi um risco ao contratar você. – Ele sacudiu o dedo enrugado perto do meu rosto. – Todo mundo nesta cidade me disse que você era problemática. Por causa do seu… – Ele hesitou e virou o rosto.

Por causa do meu pai, completei a frase na cabeça. Minha boca se encheu de um gosto ácido, metálico, que acabei reconhecendo como o da humilhação. Minha vida pode ser dividida em duas partes: antes de meu pai aparecer no noticiário noturno e depois. Por um momento, me permiti imaginar como seria aquela conversa se meu pai não fosse meu pai. É provável que o sr. Palmer não falasse comigo daquele jeito, como se eu fosse um cão vira-lata atacando uma lata de lixo. Eu gostaria de pensar que ele poderia ter mais tato, mas ninguém se dá o trabalho de ter tato comigo. Por outro lado, o pensamento que tento arrancar da mente me atinge. *Você não se sentiria nem um pouco diferente por dentro*.

Enterro o queixo no peito em uma tentativa de me livrar do pensamento.

– Desculpe, sr. Palmer. Deixa comigo.

O sr. Palmer não diz nada; simplesmente olha para os três banners gigantes brilhantes que foram pendurados pouco antes na parede ao fundo do escritório.

Em todos eles, Brian Jackson está fazendo algum tipo de pose – braços cruzados, braços erguidos em posição de vitória, braços ao lado do corpo em posição de corrida. Ele foi photoshoppado para ficar com a pele perfeita, mas não precisaram mexer nos cabelos loiro-acinzentados ou nos olhos azuis brilhantes. Como o vejo nos corredores da escola, sei que os músculos da panturrilha são daquele tamanho. Na parte de baixo dos banners, as palavras NASCIDO EM LANGSTON, KENTUCKY, RUMO ÀS OLIMPÍADAS estavam impressas em texto blocado vermelho.

O banner não diz nada sobre o primeiro garoto de Langston que quase se qualificou para as Olimpíadas. Mas nem precisa. Enquanto observo sr. Palmer analisando o banner, sei que está pensando naquele garoto – o primeiro garoto. Todo mundo que vê a sobrancelha suada e as panturrilhas musculosas de Brian Jackson pensa em Timothy Jackson, o irmão mais velho de Brian. E todo mundo que vê o banner e em seguida me vê sem dúvida pensa em Timothy Jackson.

Por fim, o sr. Palmer desprega os olhos do pôster e se vira para mim. Mas não consegue me olhar nos olhos. Ele foca no alto da minha cabeça enquanto pigarreia.

– Olha só, Aysel. Talvez fosse melhor se você não viesse amanhã. Por que não tira o dia de folga?

Enterro os cotovelos na mesa, querendo derreter e me misturar ao plástico cinza, em uma insensível mescla sintética de polímeros. Sinto a pele começar a doer sob o peso do corpo e, em silêncio, murmuro a "Tocata e Fuga em Ré Menor", de Bach. Minha mente se enche de notas sombrias e pesadas de órgão, e imagino as teclas do instrumento tomando a forma de uma escada que leva a um lugar vazio e tranquilo. Um lugar longe da TMC, longe do sr. Palmer, longe de tudo e de todos.

O sr. Palmer parece achar que meu silêncio indica confusão, e não a mais completa e extrema humilhação, mas está errado. Ele estende as mãos diante do corpo, retorcendo-as como se tivesse acabado de lavá-las. Inspiro essa sensação na maioria das pessoas – o desejo de lavar as mãos.

– Como talvez já saiba, amanhã vamos fazer ligações em nome da cidade de Langston para que as pessoas compareçam ao evento de recepção de Brian Jackson no sábado.

A voz do sr. Palmer falha um pouco, e ele olha de esguelha para o banner, como se a fisionomia atlética e concentrada de Brian Jackson pudesse ajudá-lo a reunir coragem para continuar.

A magia de Brian deve ter invadido o sr. Palmer, pois ele retoma.

– Brian virá para casa do acampamento de treinamento no fim de semana, e a cidade quer que todo mundo lhe dê uma recepção calorosa. E, por mais que eu saiba que você gostaria de ajudar, tenho receio de que alguns de nossos clientes se sintam desconfortáveis com você convidando-os para o evento, porque, bem,

por causa do seu pai e…

Sua voz diminui, e ele continua a falar, mas se atrapalha com as palavras, e não consigo entender o que diz. É uma mistura de desculpa, explicação e acusação.

Tento não rir. Em vez de me concentrar em como é absurdo eu ser tão desagradável, ao que parece, a ponto de não poder nem ser operadora de telemarketing, escolho me ater à escolha da palavra "cliente" pelo sr. Palmer. Não acho que as pessoas que importunamos dia a dia se considerem clientes, antes vítimas. E, graças ao meu pai, sou muito boa em fazer todos se sentirem vítimas em potencial.

Enrubescido e agitado, o sr. Palmer se afasta da minha mesa e começa a caminhar pelas outras fileiras. Pede para Maria não mascar chiclete e implora para Tony não espalhar gordura de hambúrguer pelo teclado.

Assim que o sr. Palmer toma uma distância segura da minha mesa, reabro o Passagens Tranquilas. Simplificando muito, o Passagens Tranquilas é um site para pessoas que querem morrer. Há uma porção desses sites. Alguns são mais enfeitados que outros, alguns são mais voltados a pessoas que preferem um método específico, digamos, como sufocamento, ou são para determinado tipo de pessoa, como atletas lesionados em depressão ou outras merdas assim. Ainda não encontrei um dedicado a filhas indesejadas de criminosos psicóticos, então, por ora, o Passagens Tranquilas é meu lugar.

O site é simples, sem um trabalho de HTML espalhafatoso ou cafona. É preto e branco. Elegante. Como se um site dedicado a suicídio pudesse ser elegante. Há um mural para mensagens e fóruns, que é por onde mais navego. Recentemente, fiquei bastante interessada em uma seção chamada Parceiros de Suicídio.

O problema do suicídio, que a maioria das pessoas não percebe, é ser algo realmente difícil de concretizar. Eu sei, eu sei. As pessoas sempre ficam de mimimi dizendo que "o suicídio é uma saída covarde". E acho que é mesmo… quer dizer, estou desistindo, me rendendo. Fugindo do buraco negro que é meu futuro, me impedindo de crescer e virar a pessoa que tenho pavor de me tornar. Mas o fato de ser uma saída covarde não garante que vá ser fácil.

A verdade é que me preocupo com a possibilidade de meu instinto de autopreservação ser alto demais. É como se minha mente depressiva e meu corpo vivinho da silva estivessem sempre em confronto. Minha preocupação é que o corpo vença no último minuto com algum impulso estúpido e eu acabe fazendo as coisas pela metade.

Nada me apavora mais do que uma tentativa fracassada. A última coisa que quero é terminar numa cadeira de rodas, me alimentando de papinha e sendo vigiada vinte e quatro horas por dia por alguma enfermeira petulante que tenha uma obsessão descarada por reality shows bregas.

E é por isso que, nos últimos tempos, tenho ficado de olho na seção de

Parceiros de Suicídio. Acho que ela serve para encontrar outra pessoa que também está no fundo do poço e mora nas redondezas e com quem você possa fazer seus planos finais. É como um suicídio com a ajuda de um par e, pelo que pude entender, é eficaz pra caramba. Eu me inscrevi.

Passo o olho por algumas das postagens. Nenhuma delas é muito boa para mim. Ou estão muito longe (por que tantas pessoas na Califórnia querem estourar os miolos? Viver perto do mar não deveria deixar a pessoa feliz?) ou são apenas do grupo demográfico errado (não quero me misturar com um adulto que tenha problemas conjugais – mães dondocas à beira do colapso não são para mim).

Penso em fazer uma postagem própria, mas não sei muito bem o que dizer. E nada parece mais triste do que estender a mão, tentar encontrar um parceiro e ser rejeitada. Olho para trás e vejo que o sr. Palmer está a poucas fileiras de distância. Massageando os ombros de Tina Bart. Ele está sempre massageando os ombros de Tina Bart. Talvez não esteja tão feliz com a sra. Palmer quanto pensei.

O sr. Palmer me flagra encarando e balança a cabeça. Lanço a ele minha careta mais doce, pego o telefone e disco o próximo número no caderno: Samuel Porter, que mora na alameda Galveston.

Enquanto escuto o toque familiar do telefone, ouço o computador apitar. Saco. Sempre me esqueço de tirar o volume.

Laura, a senhora de meia-idade que trabalha ao meu lado e usa um batom brilhante demais para seu semblante pálido, ergue a sobrancelha para mim.

Dou de ombros.

– Acho que o software está atualizando – faço com a boca, sem emitir som, para ela.

Ela revira os olhos para mim. Ao que parece, Laura é um detector de mentiras humano.

O sr. Samuel Porter não atende ao telefone. Acho que não está louco para tomar piña colada. Desligo o telefone e clico de volta no Passagens Tranquilas. Apitou porque alguém postou uma mensagem nova no fórum Parceiros de Suicídio. O título é “Sete de abril”. Eu abro:

> Admito que pensava que isso era uma estupidez. Quero me matar só para ficar sozinho para sempre, então nunca entendi por que alguém faria isso com outra pessoa. Mas mudei de ideia. Estou com medo de amarelar no último minuto ou coisa assim. Tem outras coisas também, mas prefiro não entrar em detalhes aqui.
>
> Tenho poucas exigências. Uma, não quero fazer isso com alguém que tenha filhos. É pesado demais para mim. Dois, você não pode morar a mais de uma hora de distância de mim. Sei que talvez seja difícil, pois moro no meio do nada, mas por ora vou me ater a essa exigência. E, três, precisamos fazer isso no dia sete de abril. A data é inegociável. Mande mensagem para

mais informações.
RobôCongelado

Verifico as informações de RobôCongelado e tento não julgar o nome de usuário. Mas, sério, RobôCongelado? Entendo que todo mundo aqui fica um pouco… está bem, muito emotivo, mas mesmo assim. Cadê a dignidade?

Ao que parece, RobôCongelado é homem. Tem dezessete anos, um ano a mais que eu. Ótimo. Ah, e é de Willis, Kentucky, a tipo quinze minutos daqui.

Uma onda de agitação sacode meus ossos e reconheço vagamente a sensação de entusiasmo. RobôCongelado tem o timing perfeito. Talvez, pela primeira vez na vida, eu esteja com sorte. Deve ser um sinal do universo. Se a única vez que você tem sorte é quando está planejando suicídio, certamente é hora de ir embora.

Releio a mensagem. Sete de abril é bom para mim. Hoje é doze de março. Acho que posso aguentar pouco menos de um mês, embora nos últimos tempos cada dia pareça uma eternidade.

– Aysel – diz novamente o sr. Palmer.

– Oi? – respondo, mal prestando atenção nele.

Ele se aproxima para ficar atrás de mim e espiar a tela do computador. Tento minimizar a janela do navegador.

– Olha só, não me importo com o que você faz em seu tempo livre, mas não traga para o trabalho. Entendeu? – diz com a voz murcha como uma velha almofada de sofá.

Eu me sentiria mal pelo sr. Palmer se me sobrasse pena para sentir por qualquer outra pessoa além de mim.

Arrisco dizer que o sr. Palmer não está familiarizado com o Passagens Tranquilas. Deve achar que estou procurando algum site de fãs de heavy metal ou algo assim. Mal sabe o sr. Palmer que eu gosto de música suave e instrumental. Os pais dele não o ensinaram a não se render a estereótipos? Só porque sou uma garota de dezesseis anos com cabelos despenteados que usa camisetas escuras e listradas todos os dias não significa que não posso apreciar um belo solo de violino ou um tranquilo concerto de piano.

Assim que o sr. Palmer se afasta, ouço Laura bufar.

– Que foi? – pergunto.

– Não tem internet em casa? – pergunta Laura, franzindo a testa.

Ela está bebericando o café disponibilizado pela empresa, e a beirada da caneca de plástico está manchada de batom cor-de-rosa horrendo e escandaloso.

– Não tem cafeteira em casa?

Ela dá de ombros e diz, bem quando eu acho que a conversa terminou:

– Trabalho não é lugar para ficar arranjando encontros. Faça isso no seu tempo livre. Vai meter todo mundo aqui em confusão.

– Tudo bem.

Olho para o teclado. Não há motivo para explicar para Laura que não estou buscando um encontro, ao menos não esse tipo de encontro.

Encaro os pedaços de biscoito de queijo enfiados nos espaços entre as teclas *F* e *G*, e é quando decido: vou responder à mensagem de RobôCongelado.

Ele e eu temos um encontro no dia sete de abril.

QUARTA-FEIRA, 13 DE MARÇO

Faltam vinte e cinco dias

A única aula de que eu gosto é física. Não sou um gênio em ciências, mas acho que é a única matéria que talvez dê algumas respostas às minhas perguntas. Desde pequena, sempre fui fascinada por saber como as coisas funcionam. Costumava desmontar meus brinquedos e examinar como todas aquelas pecinhas se encaixavam. Olhava as peças independentes, pegava um braço de boneca (minha meia-irmã, Georgia, nunca me perdoou pela autópsia que fiz na Barbie Baile de Formatura dela) ou as rodas de um carrinho. Uma vez, desmantelei o despertador do meu pai. Ele chegou em casa e me encontrou sentada no carpete bege desbotado, as pilhas rolando perto dos tênis.

– O que está fazendo? – perguntou ele.

– Quebrando para aprender a consertar.

Ele pôs a mão no meu ombro – me lembro das mãos dele, grandes, com dedos longos e grossos, o tipo de mão que faz você sentir medo e segurança ao mesmo tempo – e disse:

– Sabe, Zellie, já existem coisas quebradas demais no mundo. Você não deveria sair por aí quebrando tudo só por diversão.

O despertador ficou desmantelado por anos, até eu por fim jogá-lo fora.

De qualquer forma, a física ao menos me parece útil. Não é como a aula de inglês, na qual lemos poemas de poetas depressivos. Não ajuda. Minha professora, a sra. Marks, faz parecer complicada a tentativa de decodificar o que os poetas disseram. Da minha perspectiva, é muito claro: estou deprimido e quero morrer. É doloroso assistir a todos os meus colegas de classe esmiuçarem cada linha, procurando os significados. Não tem significado. Qualquer um que já esteve triste de verdade pode dizer que não há nada de bonito, literário ou misterioso na depressão.

Depressão é como um peso de que não se pode escapar. Ele esmaga você, faz até as menores coisas, tipo amarrar os tênis ou mastigar uma torrada, parecerem uma corrida de trinta quilômetros montanha acima. A depressão faz parte de você; está nos ossos e no sangue. Se sei alguma coisa sobre isso, é o seguinte: é impossível escapar.

E tenho absoluta certeza de que sei muito mais sobre isso do que qualquer um dos meus colegas. Ouvi-los falar sobre depressão me dá coceira. Então, para mim, a aula de inglês é como observar um grupo de esquilos cegos tentando achar nozes. A sra. Marks diz: "Vamos dar uma olhada neste verso. Aqui, o poeta

John Berryman diz, ‘A vida, amigos, é tediosa’. O que acham que ele quis dizer com isso?” Meus colegas de classe todos gritam coisas ridículas como: “Não tinha ninguém para sair com ele no sábado à noite.” Ou: “A temporada de futebol terminou, não tem nada que preste para ver na TV.”

Preciso de todo o controle do mundo para não me levantar e gritar: “Porra, ele estava triste. É isso. Essa é a questão. Ele sabe que a vida nunca vai mudar para ele. Não há salvação. Sempre vai ser uma porcaria monótona e depressiva. Entediado, triste, entediado, triste. Ele só quer que isso acabe.” Mas isso exigiria que eu falasse durante a aula, o que violaria uma das minhas regras. Eu não participo. Por quê? Porque sou triste pra cacete. A sra. Marks às vezes me lança aquele olhar, como se soubesse que eu sei o que John Berryman queria dizer, mas nunca me chama.

Ao menos em física os colegas não ficam tentando desesperadamente complicar uma parada descomplicada. Não, em física, nós todos estamos tentando descomplicar as coisas complicadas.

O sr. Scott escreve uma equação no quadro. Estamos aprendendo movimento de projéteis, estudando as propriedades de um objeto em movimento que sofre apenas influência da gravidade. Há todas aquelas variáveis, como o ângulo do qual o objeto é lançado e a velocidade inicial.

Meus olhos embaçam. Tantos números. Começo a divagar sobre a gravidade. Às vezes, eu me pergunto se a gravidade é o problema. Ela nos mantém presos ao chão, nos dá a falsa sensação de estabilidade, quando na verdade não passamos de corpos em movimento. A gravidade não deixa que a gente flutue no espaço, impede que involuntariamente nos choquemos uns contra os outros. Poupa a raça humana de ser um desastre completo.

Queria que a gravidade desaparecesse e nos deixasse ser um desastre completo.

Infelizmente, essa não é a resposta à pergunta que o sr. Scott está fazendo.

– Aysel, pode me dizer qual é o ponto mais alto que a bola de futebol alcança?

Eu nem sabia que o objeto no problema era uma bola de futebol. Lanço a ele um olhar vazio.

– Aysel – insiste o sr. Scott.

Ele pronuncia meu nome com um sotaque que deve ter inventado um bilhão de anos atrás, quando teve aula de espanhol no ensino médio. O problema é que meu nome não é hispânico. É turco. Nessa altura do campeonato, achei que o sr. Scott já tinha ligado os pontos.

– Hum – murmuro.

– Hum? Srta. Seran, “hum” não é uma resposta numérica. – O sr. Scott recosta-se no quadro branco.

A frase faz a sala rir. O sr. Scott pigarreia, mas não adianta. Já perdeu o controle. Ouço os insultos sussurrados, mas tudo se resume a uma confusão

chiada para mim. E não importa o que estejam dizendo, não pode ser pior do que eu imagino à noite, quando me deito na cama, pensando se é fisicamente possível arrancar a própria genética à unha.

O sinal toca. O sr. Scott se atrapalha ao passar a lição de casa. A maioria dos alunos sai antes de anotar o dever. Fico sentada e anoto com cuidado no caderno. O sr. Scott me lança um sorriso triste, e me pergunto se ele vai sentir minha falta quando eu partir.

Quando a sala está vazia, me levanto e saio. Atravesso o corredor, os olhos grudados no chão sujo de ladrilhos. Eu me esforço para aumentar a velocidade. A única coisa pior do que ir para a educação física é chegar atrasada – não estou nem um pouco a fim de correr voltas a mais. A treinadora Summers sempre fala que correr fortalece o coração para vivermos mais. Sem voltas a mais para mim, por favor.

Essa é a parte de que menos gosto no dia. E não porque antecipo os horrores dos agachamentos e dos jogos. Não, odeio essa parte do dia porque tenho que passar pelo memorial – o testamento monolítico do crime do meu pai.

Sempre tento não olhar, dizer a mim mesma para manter a cabeça baixa e virar no corredor. Mas não consigo evitar. Ergo os olhos e o vejo. Sinto o fôlego preso na garganta. Lá está, a placa prateada reluzente, dedicada à memória de Timothy Jackson, ex-campeão estadual nos quatrocentos metros rasos. A placa é do tamanho de uma bandeja grande e está pendurada na parede do lado de fora do ginásio para lembrar todo mundo de que Timothy Jackson seria a primeira pessoa de Langston a chegar às Olimpíadas, mas morreu tragicamente aos dezoito anos.

O que a placa não diz, mas poderia dizer, é que meu pai é a causa da morte de Timothy Jackson. É, meu pai é o indivíduo estelar que estraçalhou o sonho olímpico da cidade inteira. Todos os anos, no aniversário de Timothy, passa uma reportagem especial no jornal apenas para garantir que ninguém se esqueça dele. Faz três anos que Timothy morreu e, acredite, ninguém está nem perto de esquecer esse fato. Especialmente agora que Brian Jackson está prestes a se qualificar para os quatrocentos metros rasos. É, a mesma modalidade. Brian está tentando realizar o sonho de que o irmão mais velho nunca foi capaz. A imprensa local não se cansa da história, os corredores da escola não se cansam da história.

Forço os pés a passar pela placa e entro no ginásio, fechando e abrindo as mãos ao lado do corpo. Quando o sol cintila na quadra de madeira polida, me pergunto o que meus colegas de classe vão fazer com todo o ódio, a raiva e o medo quando ficarem livres de mim.

Mal posso esperar até ficarem livres de mim.

QUARTA-FEIRA, 13 DE MARÇO

Faltam vinte e cinco dias

Quando chego em casa depois da escola, minha mãe está sentada à mesa da cozinha. A cozinha é estreita e pequena, e se eu estender os braços posso tocar as duas paredes cor de menta com as palmas das mãos. Minha mãe folheia contas, com o pescoço curvado pela concentração, mas quando ouve a porta se vira e olha para mim. E lá está. A mesma expressão facial com que me cumprimentou nos últimos três anos. É um misto de estremecimento e franzir de testa.

Até três anos atrás, eu passava os dias de semana com meu pai e os fins de semana com minha mãe. Mas depois que meu pai foi preso, minha mãe não teve escolha a não ser me deixar morar com ela e Steve.

Antes do crime de meu pai, minha mãe me olhava com um misto de amor e saudade, como se eu fosse um espelho de sua vida passada, uma memória agridoce. Os olhos escuros amendoados ficavam úmidos, ela inclinava a cabeça para a frente, os cabelos lisos, castanho-claros, caíam sobre os ombros magros, e apertava minhas mãos com firmeza, como se a força do aperto pudesse me fazer transportá-la no tempo. Era quase como se eu fosse um machucado que não sara. Não um machucado doloroso, mas delicado, feito de lembranças melancólicas.

Não me importava. No fundo, eu adorava ser o veículo para sua vida passada, sua ligação com a Turquia, com meu pai e sua juventude.

Isso tudo mudou três anos atrás. Tudo mudou. Hoje, eu moro com ela, Steve, Georgia e Mike. Ela nunca admitiria, mas sou uma intrusa em seu lar feliz. Uma infestação. Passei de machucado para ferida aberta, purulenta. A evolução nem sempre é uma coisa positiva.

– Chegou cedo – diz ela por fim.

Todos os dias, seu sotaque fica cada vez menos turco e cada vez mais norte-americano e sulista. Na verdade, "sulista" seria a palavra errada. O povo em Kentucky não tem sotaque sulista. Tem sotaque de música country. É muito menos charmoso que o do sul. É menos de *E o vento levou*... e mais do coronel Sanders, o velhinho do KFC. Eu me esforcei bastante para não pegar o sotaque. Mas, se eu nunca vou completar dezessete anos, me pergunto o que terá adiantado aprender a falar normalmente.

– Não vou para o trabalho hoje.

Não menciono que me disseram para não ir porque eu deixaria os clientes "desconfortáveis". O sr. Palmer é, no mínimo, o rei dos eufemismos. É provável

que ele e minha mãe se dessem muito bem, considerando que ela se refere ao que aconteceu com meu pai como "o infeliz incidente". Pelo menos era o que ela dizia. Ultimamente, tem fingido que nunca aconteceu. Como se apenas deixar de falar sobre uma coisa a fizesse desaparecer. Posso contar um segredo? Não faz.

Georgia entra marchando na cozinha. Ela solta os pompons na mesa de madeira riscada. Os cabelos cor de mel caem lisos do alto do rabo de cavalo.

– Você vai ao jogo hoje à noite, não vai?

Ela está perguntando para minha mãe, não para mim. Sou invisível.

Georgia é minha meia-irmã. Temos a mesma mãe, mas você nunca imaginaria se nos visse.

– Vou fazer de tudo para conseguir – diz minha mãe.

Tradução: pode chover canivete, ela vai assistir ao jogo. Georgia está apenas no primeiro ano, mas já é líder de torcida do time principal da escola. Pelo visto, é uma grande coisa. Embora me pareça que, diferentemente de outros esportes, em que o time de juniores e o time principal são determinados pelo nível de habilidade, para as líderes de torcida juniores e principais são determinadas pelo tamanho do sutiã.

– É a final – relembra Georgia.

Seu tom é calmo, o tom de alguém que está acostumado a ficar no controle, acostumado a conseguir o que quer. Georgia é boa nisso. Sempre soube dar um jeito nas coisas. Quando tudo deu errado com meu pai, sobrou um pouco para ela também, mas de alguma forma ela conseguiu usar isso a seu favor.

Eu me lembro que, poucos meses depois de meu pai ter sido oficialmente condenado e preso, um dia vi Georgia falando com um garoto no corredor. Eu me escondi em um canto para espiá-los. Estava pronta para intervir se ela precisasse da minha ajuda, mas a questão é que Georgia nunca precisou disso.

– É – respondeu Georgia à pergunta do garoto, que eu não consegui ouvir. Ela mexia nervosamente no colar de conchas que eu havia lhe dado dois anos antes. – Aysel é minha irmã, mas ele não é meu pai.

– Mas você o conhecia? – perguntou o garoto com a voz ansiosa.

Encarei a nuca do garoto, os tufos de cabelos com luzes cor de palha, e imaginei que devia ser Todd Robertson, um garoto da minha série que todo mundo achava que lembrava o ator principal daquele filme de vampiro. Georgia estava no sexto ano na época, mas, pela maneira como seus olhos estavam vidrados ao encarar Todd, achei que ela sabia exatamente quem ele era.

Observei Georgia torcer o nariz ao considerar a pergunta.

– Conhecia.

– Ah, é? – insistiu Todd, claramente esperançoso de que ela tivesse algum tipo de informação quente.

– Ahã – disse ela. – Ele era basicamente da família.

Todd inclinou-se para mais perto.

– Posso contar algumas histórias malucas se quiser – acrescentou ela, prometendo em tom de flerte.

Lembro-me de ter ficado furiosa por ela estar disposta a trocar nossos "segredos" familiares por popularidade, mas acabei aprendendo a deixar passar. Georgia é Georgia, sei o que esperar. De qualquer forma, não se pode culpar uma pessoa por tentar sobreviver.

Pode-se dizer o mesmo das minhas ex-amigas, não que eu tivesse muitas. A maioria delas se afastou o mais rápido que pôde assim que a notícia do crime do meu pai percorreu os corredores da escola, mas algumas tentaram ficar ao meu lado. Especialmente Anna Stevens, minha ex-melhor amiga. Quando tudo aconteceu, Anna tentou ao máximo me consolar, mas eu a afastei. Sabia que seria a melhor coisa para ela se dissociar de mim, mesmo que ela não soubesse. Gosto de pensar que, no fim, eu lhe fiz um favor.

Georgia desliza ao redor da mesa da cozinha e se senta.

– Acho que temos uma boa chance de vencer hoje à noite. Acho que vai ser histórico. Você precisa ir, mãe!

Uma longa pausa na conversa. Minha mãe respira fundo e diz:

– Por que não vem comigo?

Eu olho para trás, certa de que Mike, meu meio-irmão mais novo, havia entrado, mas Mike não passa despercebido. Ele sempre está batendo uma bola de basquete em casa, mesmo que minha mãe já tenha dito várias vezes para ele parar. Eu não me importo.

– Está falando comigo? – pergunto com uma seriedade perfeita.

Georgia não diz nada, mas posso ver seu rosto se contorcendo como se ela tivesse acabado de cuspir leite azedo. Nunca tinha me insultado na frente da nossa mãe, mas está fazendo de tudo para sinalizar que não quer que eu vá. O que posso dizer? Tiro nota dez no quesito constrangimento.

– Sim, estou falando com você – diz minha mãe, e detecto um pequeno tremor. Às vezes, fico convencida de que até minha mãe tem medo de mim.

– Obrigada pelo convite, mas tenho muita lição de casa.

Vou até o armário e pego uma barrinha de granola com gotas de chocolate. É estranho, eu sei. Às vezes, fico esfomeada. É quase como se eu quisesse comer o máximo que posso para preencher o espaço vazio dentro de mim. Outros dias, mal consigo me obrigar a mordiscar um pedaço de torrada.

Mas, mesmo se hoje eu pudesse reunir apetite, estou pegando a barrinha de granola em grande parte para manter as aparências. Não quero dar mais motivos para minha mãe se preocupar comigo. Sei que está me observando de um jeito não tão sorrateiro em busca de sinais, procurando quaisquer pistas para meu estado mental questionável. Faço meu melhor para esconder tudo dela. Uma vez que eu tiver partido, não quero que se sinta culpada por algo que pudesse ter feito.

– Boa sorte hoje à noite.

Dou a Georgia um aceno falso e subo para meu quarto. Bem, nosso quarto. Mas, como ela estará no jogo, é meu quarto hoje à noite. Assim que chego, rastejo até a cama. Puxo o edredom cinza-grafite sobre a cabeça e finjo que estou no meio do oceano, as ondas batendo no meu corpo, meus pulmões se enchendo d'água, o mundo inteiro ficando preto. Tento imaginar minha energia potencial se transformando em energia cinética, e esta se transformando em nada. Enquanto murmuro o "Réquiem" de Mozart, imagino como deve ser quando todas as luzes se apagam e tudo fica silencioso para sempre. Não sei se será doloroso, se nos últimos momentos ficarei com medo, mas tudo o que posso esperar é que acabe logo. Que seja pacífico. Que seja permanente.

Sete de abril, penso. Não vai demorar.

Às vezes, me convenço de que é um sinal da minha insanidade ainda me sentir confortada por música clássica sendo que foi meu pai que me apresentou. Ele amava. Bach, Mozart, qualquer um. Aquelas fitas cassete estranhas estavam entre as poucas coisas que trouxe consigo para os Estados Unidos. Quando eu era mais nova, ele botava uma fita no velho aparelho de som que mantinha no balcão da loja de conveniência e me contava uma história de sua infância, jogando xadrez com o pai em um tabuleiro liso feito de pedra de alabastro ou medindo os pés das pessoas na sapataria do tio. Enquanto falava, eu dançava desajeitada pela loja, no compasso das notas que subiam e desciam.

Até que um dia ele me forçou a sentar.

– Ouça de verdade, Aysel – pediu ele, os olhos escuros arregalados e concentrados. – Todas as respostas estão nesta música. Está ouvindo?

Então, eu ouvi e ouvi. Forcei os ouvidos na tentativa de memorizar cada nota. Nunca ouvi de verdade as respostas, mas assenti como se tivesse ouvido. Não queria que meu pai ficasse furioso e desligasse a música, ou se trancasse no quarto por horas, como às vezes fazia. Com meu pai, você sempre precisava pisar de leve, como se estivesse patinando no gelo – era muito divertido deslizar, mas muito fácil escorregar.

Fecho os olhos e afasto aquela lembrança. Rolo na cama, murmurando o "Réquiem" de Mozart repetidas vezes, e consigo encontrar apenas uma resposta nas notas: sete de abril.

As paredes da velha casa de madeira são finas, e eu ouço minha mãe e Georgia tagarelando na cozinha. Imagino-as se abraçando. Georgia envolvendo a cintura fina da minha mãe com os braços, e minha mãe correndo os dedos pelo rabo de cavalo brilhante de Georgia. As duas se encaixam, são unidas como mães e filhas devem ser. Um encaixe que nunca tive. Minhas pontas sempre foram afiadas demais; minhas ranhuras, profundas demais.

Isto é o que deveriam escrever na minha lápide: *Aysel Leyla Seran, a garota que nunca se encaixou*.

E, como nunca me encaixei, nem mesmo antes de meu pai se perder, nem depois, claro, a vida da minha mãe será muito melhor sem mim. Quando eu partir, ela não vai precisar se lembrar do meu pai todas as vezes que vir meu nariz angulado ou meus cabelos pretos encaracolados. Ou minhas bochechas redondas e minhas covinhas. Sei que são minhas covinhas que mais a atingem. Por sorte, só se notam quando sorrio, e não tenho feito muito isso nos últimos tempos.

Sem mim, minha mãe não precisará ficar acordada à noite, preocupada com o gene criminoso, o gene assassino que pode ter sido passado para mim, e com a chance de eu, qualquer dia, explodir a escola ou algo horrível assim. Sei que ela não sobreviveria a tudo de novo – à polícia, à imprensa, à fofoca. Sei que não quer pensar nisso, mas lá no fundo posso ver seu embate contra o medo e a dúvida. Seus olhares de esguelha e as perguntas cautelosas e investigativas são sua maneira de determinar até que ponto tenho problemas mentais.

Quero afirmar que sei, com certeza, que sou diferente do meu pai. Que meu coração bate em um ritmo diferente, meu sangue pulsa a uma velocidade diferente. Mas não estou segura. Talvez a tristeza venha pouco antes da insanidade. Talvez ele e eu compartilhemos a mesma energia potencial.

Tudo o que sei é que não vou ficar aqui e descobrir se vou me tornar um monstro como meu pai. Não posso fazer isso com minha mãe.

Não posso fazer isso com o mundo.

QUARTA-FEIRA, 13 DE MARÇO

Faltam vinte e cinco dias

Georgia ser líder de torcida em jogos de basquete só é bom por um único motivo: fico com a casa toda para mim durante os jogos, ou seja, posso usar o computador. Normalmente nunca posso usar o computador. Ao menos não sem supervisão indesejada. Temos apenas um computador em casa, e ele é da pré-história. É mais lento que uma lesma manca, e o teclado gruda nos dedos por conta de todo o suco de fruta que Mike já derramou nele.

Embora minha mãe pense que Steve é o homem dos sonhos – um empresário rico, bem-sucedido e honesto –, a verdade é que ele trabalha na linha de produção da fábrica de creme dental Sparkle. A Sparkle, fabricante de creme e enxaguante bucal de segunda linha, basicamente sustenta a economia de Langston. Claro, o emprego de Steve na linha de produção é um ganha-pão honesto, e até agora ele conseguiu ficar fora da prisão, o que é mais que se pode dizer do meu pai. Mas não quer dizer que Steve possa comprar um laptop para cada um de nós, por isso temos que nos contentar com esse trambolho.

Mas, hoje à noite, o trambolho é todo meu.

Entro no Passagens Tranquilas. Leva cerca de dez minutos para carregar a página inicial; Steve também acha que não vale a pena pagar por um plano de banda larga. Assim que consigo entrar, vejo que há uma mensagem de RobôCongelado:

> Se estiver falando sério, temos que combinar um horário e um lugar para nosso encontro. Mas precisa ser de verdade. Não quero alguém que dê para trás.
>
> – Roman

Não acredito que alguém com o nome de usuário RobôCongelado está me acusando de ser medrosa. Parece que seu nome verdadeiro é Roman. Não sei se é tão melhor que RobôCongelado. Resisto à tentação de fazer uma piada.

Mando uma mensagem para ele sem zombarias shakespearianas: *Sou mais séria que um ataque cardíaco. Não, sem brincadeira, não vou dar para trás. Como eu disse, sou de Langston. Onde vamos nos encontrar?*

Fico um pouco mais no site. Segundo os fóruns, os Parceiros de Suicídio ElmoNaChuva e TBaker14155 se encontraram pela última vez. Não sei como VerãoSoviético231 conseguiu essa informação, mas espero que RobôCongelado e

eu tenhamos o mesmo sucesso. Estremeço e engulo em seco. Deus, essa coisa toda é muito doida. Encaro o teto da sala de estar. Será que eu teria coragem de me enforcar? Se eu conseguisse juntar coragem, não precisaria lidar com esse negócio de Passagens Tranquilas.

O trambolho fez um barulho parecido com uma campainha. Meus ombros curvam-se para a frente, e vejo que RobôCongelado respondeu. Parece que não está para brincadeira também. Abro a mensagem:

> Que tal amanhã no fim da tarde, às cinco e meia? Podemos nos encontrar na lanchonete da Rota Trinta e Seis. Sabe onde é? Deve ser bem perto para você. Vou estar de boné vermelho para você me reconhecer.
> – Roman

Fico um pouco nervosa por RobôCongelado, mais conhecido como Roman, querer me encontrar em um lugar tão público. Acho que quer dizer o seguinte: ele não é um serial killer, um estuprador ou algo assim. Por outro lado, não sei se seria tão ruim se ele fosse um serial killer. Ao menos acabaria com tudo de uma vez. A menos que ele fosse um desses caras que gostam de tortura. O que não seria bom. Não quero uma morte longa; quero uma que seja instantânea. Sou assim, bem covarde.

Digo a ele que cinco e meia na lanchonete está ótimo. Amanhã eu saio do trabalho às cinco, então é só contar uma mentirinha para minha mãe e dizer que vou trabalhar até mais tarde. Vai ser fácil. Na verdade, não gosto de RobôCongelado ter escolhido o local, mas não quero começar a coisa toda dando uma de difícil. A lanchonete é popular entre garotos e garotas como minha irmã. Vai estar bem lotada depois dos jogos de futebol americano e basquete. Líderes de torcida vão dividir taças de sorvete, e os jogadores de basquete vão devorar fritas com chilli e queijo. Eca.

Não preciso dizer que não é lugar para mim. Não que algum lugar seja.

Desligo o computador e subo. Pego o livro de física da mochila. É estranho, mas, quanto mais me aproximo da morte, mais quero aprender. Acho que não quero morrer uma completa imbecil. Abro o caderno e copio os problemas do final do capítulo que o sr. Scott passou para casa.

Estamos começando a unidade sobre conservação de energia. Segundo o sr. Scott, a energia não pode ser criada ou destruída, apenas transferida. Energia potencial pode se transformar em energia cinética e voltar a ser energia potencial, mas a energia em si nunca desaparece. Não faz muito sentido para mim. Releio o primeiro problema prático: “Um paraquedista tem massa de sessenta e cinco quilos e está em pé em um avião a seiscentos metros do solo. Qual é a energia potencial do paraquedista antes de saltar do avião?”

Meu lápis treme na mão, e luto contra a vontade de mastigar a borracha. Não é o enunciado do problema que está incomodando. Sei que fórmula devo usar, e

a calculadora pode fazer o cálculo para mim.

O problema é que não consigo imaginar o que acontece com toda aquela energia quando partimos, se ela não pode ser destruída. Meu estômago se revira com o pensamento.

Anoto um problema prático que invento: *Aysel Seran, dezesseis anos, está pendurada no teto a uma altura de dois metros e meio. Ela pesa cinquenta e dois quilos. Quanta energia potencial ela tem? Quando ela morrer, o que acontece com toda essa energia? Vai se transformar em quê?*

Um cadáver ainda tem energia potencial, ou ela se transfere para outra coisa? A energia potencial pode simplesmente evaporar?

Essa é a questão que não sei responder. Essa é a questão que me assombra.

QUINTA-FEIRA, 14 DE MARÇO

Faltam vinte e quatro dias

Não tenho um carro meu, mas tenho um que posso usar para ir ao trabalho. O velho Ford Taurus tem cheiro de fast-food embolorada e bancos rasgados, mas o motor ainda funciona, então é suficiente para mim. Steve comprou poucos anos atrás de um colega. Vai ser o carro da Georgia quando ela fizer dezesseis anos. A boa notícia é que não vou estar por aqui para dividi-lo com ela.

Saindo do estacionamento da TMC, pego a esquerda a caminho da Rota Trinta e Seis. A estrada é acidentada, cheia de buracos. Ninguém quer pagar impostos para recapeá-la. É meio triste, porque poderia ser uma estrada bastante agradável, pois margeia o rio. Não que o rio Ohio seja grande coisa. É barrento, poluído e maculado por uma história horrenda, mas não importa o quanto o rio pareça nojento, sempre existe algo de mágico nele, pois se move. Rios nunca param.

Quando tudo aquilo aconteceu com meu pai, eu sempre me imaginava descendo o rio Ohio. Fantasiava que construía uma jangada e flutuava sem rumo rio abaixo até onde o Ohio encontra o Mississippi, e pensava que lá alguma família legal me adotaria. Sempre imaginava que um casal sem filhos ficaria feliz em ter uma garotinha. Eles não saberiam quem era meu pai ou o que ele havia feito e me amariam. Fariam os sentimentos ruins desaparecerem.

Nunca construí a jangada. E sei que ninguém vai fazer os sentimentos ruins desaparecerem.

Enquanto continuo pela Rota Trinta e Seis, lembro que esta estrada liga Langston a Willis, me liga a RobôCongelado, seja lá quem ele for. É impossível dizer quando Langston vira Willis – a única coisa que separa as cidades é este trecho de estrada esburacada, ladeado pelo rio lamacento de um lado e por mato do outro. Langston e Willis são cidadezinhas fuleiras do interior, cheias de casas decrépitas, bancos de madeira podre e monumentos enferrujados em homenagem à Guerra Civil. As duas têm um posto de gasolina, e foi um grande acontecimento quando o primeiro Wal-Mart abriu em Langston, no ano passado. As duas fazem propaganda por serem charmosas, tentando seduzir viajantes a parar e tomar um refrigerante na velha lanchonete na rua principal ou tirar uma foto ao lado da grande fonte de bronze que fica na frente do fórum da cidade. Mas ninguém vem a Langston ou a Willis porque quer. São lugares de passagem, não cidades turísticas.

Quando a lanchonete surge no campo de visão, percebo que parece bem

lotada. Não tem jogo hoje à noite na Escola de Ensino Médio de Langston, mas talvez tenha na de Willis. Respiro fundo algumas vezes e puxo a gola da camiseta listrada. Meu coração palpita – uma sensação que teria sido mais comum no nervosismo de um primeiro encontro. Não que eu já tenha saído com alguém de verdade, a menos que se conte aquela vez no shopping, no quinto ano, quando meu suposto pretendente comeu Cheetos demais e esfregou o farelo laranja na minha camiseta novinha.

Mas eu não deveria estar nervosa. Esse garoto obviamente é um fracassado, como eu. Precisamos um do outro. Dou uma olhada de esguelha no espelho e me sinto uma idiota por sequer pensar em como estou. Não estou me candidatando a namorada de RobôCongelado.

Uma batidinha na janela me assusta. Pulo para a frente, meu peito encosta no volante. Vejo um garoto da minha idade me encarando. Usa um boné vermelho. Ele se inclina e bate novamente na janela.

Eu abro.

– ALS0109?

É meu nome de usuária no Passagens Tranquilas. Tenho que responder, mas minha boca parece cheia de algodão. Fico encarando o garoto.

Ele pigarreia e baixa os olhos.

– Ah, desculpe. Acho que me enganei de pessoa.

– Não – digo por fim, com um gritinho. – Sou eu, Aysel.

Ele faz uma careta, fazendo aparecer uma marca enrugada no meio da testa. Ele tira o boné vermelho e o segura ao lado do corpo.

– ALS0109 – explico.

Seus lábios se estendem em um sorriso de meia-lua. Não acho que eu tenha sorrido nos últimos três anos. RobôCongelado deveria repensar suas escolhas de vida. Talvez não seja tão depressivo como acha.

– Você já está dando para trás, não é? – pergunta ele, espreitando meu carro.

Será que percebeu todos os sacos de fast-food caídos no assoalho?

O que te dá essa impressão?, penso, e me agarro ao volante. Meio que fico tentada a pisar no acelerador e ir embora. Não estava pronta para isso. Esse garoto não é o que eu esperava, de jeito nenhum. De. Jeito. Nenhum. Não é um garoto magrelo com a cara cheia de espinhas que parece nunca ter visto o sol na vida. Não. RobôCongelado não parece tão congelado assim. É alto, como um jogador de basquete, tem cabelos castanhos bem curtinhos e olhos fundos e também castanhos. Magro, mas não do jeito desengonçado, fracote. Acho que está mais para esguio. Talvez até um esguio bobão. Ainda assim, definitivamente, não é o que eu imaginava.

– Ei – diz ele. – Eu disse que não queria gente que dá para trás. – Balançou a cabeça. – Sabia que essa merda ia acontecer. Especialmente quando descobri que você era uma garota.

Tiro a chave na ignição e abro a porta, quase batendo nele. Ops.

– O que quer dizer com isso?

– Bem, você deve conhecer as estatísticas. Os garotos é que realmente vão em frente, as garotas só ficam falando.

Eu o olho com raiva.

– Isso é uma tremenda besteira sexista. E, se você é tão durão assim, por que criou uma conta no Passagens Tranquilas? Por que quer um parceiro?

Ele se encolhe.

– Opa, eu não estava…

Ele para de falar e retorce o rosto como se estivesse pensando no que eu havia acabado de dizer.

– Não sou sexista. – Ele baixa os olhos para os tênis. – E, com certeza, não sou durão.

– Mas é o que pareceu.

– Durão?

Ele ergue os olhos e sorri. Os olhos castanhos são mais brilhantes do que deveriam. Está tudo errado, isso aqui.

– Não, sexista.

Não devolvo o sorriso.

– Veja – diz ele devagar, a voz baixa e suave. – Tudo bem para mim você ser uma garota. De verdade. Não esquento com garotas.

– Você não esquenta com garotas? – repito da forma mais impassível.

– Você entendeu.

– Acho que não.

Ele franze a testa e vira o boné nas mãos.

– Desculpa, de verdade. Podemos recomeçar?

– Não – digo na lata. – Não podemos.

O franzir de testa aumenta, e ele arrasta os pés. Desde o início sua postura era um pouco curvada, mas agora começa a afundar cada vez mais para dentro do corpo.

Eu o observo se contorcer por mais um segundo e digo:

– Mas estou disposta a ouvir se tiver uma boa explicação. Por que você precisa de um parceiro?

Ele suspira e põe o boné na cabeça. Segura a aba e dobra os lados, lançando uma sombra no rosto.

– Está bem, vou explicar tudo. Só pensei que talvez a gente pudesse se sentar e conversar enquanto comemos.

Ele hesita e me encara um pouco demais para meu gosto.

– A menos que você já tenha decidido que sou um babaca e esteja pronta para cair fora.

Penso naquela frase por um momento e balanço a cabeça.

– Não estou pronta para cair fora, não ainda. Além do mais, não vou embora antes de comer umas fritas com queijo.

Afasto-me dele e sigo em direção à lanchonete. Ele dá uma corridinha para me alcançar. Seguimos em silêncio até o balcão de pedidos.

A lanchonete na verdade se chama Tony's, mas todo mundo por aqui só chama de lanchonete, e ela fica em um trailer. Você pede no balcão e a comida é preparada lá dentro, depois você leva o prato pronto para onde quiser sentar. Tem uma tenda parecida com uma daquelas de parque de diversões com várias mesas de piquenique, mas em noites realmente cheias é quase impossível encontrar um lugar.

Peço primeiro. Fritas e um milk-shake de morango. Pego meu número sete de plástico e vou para uma das mesas de piquenique ao fundo. Observo RobôCongelado pedir. Parece conhecer algumas pessoas por aqui. Balança a cabeça para elas e diz oi. Estranho. Se RobôCongelado tem tantos amigos, por que quer acabar com a própria vida?

Deveria começar a me referir a ele como Roman, mas parece pessoal demais. É mais fácil para mim pensar nele pelo nome de usuário. Além disso, não parece alguém que queira se matar – obviamente ainda está preocupado com a aparência. Parece que cortou o cabelo há pouco tempo e, claro, se veste de um jeito casual, com blusa de capuz e calça de moletom, mas esse tipo de roupa esportiva está na moda. Basicamente, Roman parece alguém que sairia com Georgia ou estaria em um carro alegórico no Desfile de Voltas às Aulas. Não alguém que fantasia sobre se jogar na frente de um caminhão de nove eixos.

Um sentimento inquietante começa a aumentar no fundo da minha garganta, e me pergunto se tudo não passa de uma piada de mau gosto orquestrada pela minha irmã. Tiro o pensamento da cabeça. Georgia não se interessa tanto no que faço para desperdiçar energia aprontando algo desse tipo. Ao menos, não acho que se interesse.

RobôCongelado começa a andar na minha direção, mas dois outros garotos o param. Os dois são altos, mas não tão altos quanto ele. Dão tapinhas nas costas, e ele meneia a cabeça, como se concordasse com o que dizem.

Eu o observo e me pergunto se iria querer me matar se fosse ele. Alguém com amigos, alguém cuja existência deixa as pessoas felizes. Mas, lá no fundo, sei que as coisas, ao menos para mim, não são bem por aí.

Eu sempre brincava de barganhar comigo mesma: *Talvez se as fofocas sobre papai parassem, talvez se mamãe começasse a me ver como uma filha normal, talvez se eu pudesse garantir que não vou virar o papai.* Mas a última condição sempre matava a negociação toda.

Não há maneira de garantir, especialmente quando sei que tem algo de errado comigo. Algo doente. O que as pessoas nunca entendem é que a depressão não

tem nada a ver com o exterior; tem a ver com o interior. Algo por dentro está errado. Claro, há coisas na minha vida que fazem com que eu me sinta sozinha, mas nada me faz sentir mais isolada e aterrorizada do que a voz na minha cabeça. A voz que lembra que há uma grande probabilidade de que eu acabe exatamente como meu pai.

Aposto que, se cortassem minha barriga, a grande lesma preta da depressão sairia rastejando. Orientadores pedagógicos amam dizer: "Pensamento positivo!", mas é impossível quando se tem essa coisa lá dentro, sufocando cada centímetro de felicidade que se pode juntar. Meu corpo é uma máquina eficiente de matar pensamentos felizes.

Nos meus piores dias, eu me permito imaginar se meu pai tinha a mesma lesma preta dentro dele. Se por isso fez aquelas coisas horríveis. Talvez haja uma linha tênue entre o suicídio e o homicídio. É o tipo de ideia que me deixa apavorada. É o tipo de ideia que me faz pensar que mal posso esperar até sete de abril. Preciso me livrar da lesma; preciso me livrar de mim.

– Ei – diz RobôCongelado, pondo seu número oito de plástico ao lado do meu sete de plástico. Oitenta e sete. Queria que houvesse algum significado. Nos últimos tempos, tenho tentado encontrar significado em tudo. Tipo, como se eu esperasse o universo me dar uma piscadela e dizer: *Sim, você está livre para partir. Siga seu caminho*.

Ele arruma os números para que fiquem em pé. Talvez esteja buscando um significado também. Ou talvez tenha TOC.

– Você é popular aqui – comento.

Ele se encolhe.

– Era.

– Parece que ainda é.

A garçonete traz as fritas e o milk-shake. Ela sorri para RobôCongelado, e eu juro que deu até uma piscadinha.

Assim que ela se afasta, percebo que ele está corado.

– Viu? Popular.

– Eu, não. – Ele me entrega o ketchup. – Alguém que já fui.

Jogo um pouco de batata com queijo em um guardanapo e enfio na boca. Sei que não é educado comer antes de chegar a comida dele, mas não acho que RobôCongelado esteja escolhendo seu Parceiro de Suicídio com base nos bons modos.

Logo a garçonete vem com sua comida. Ele pediu cheeseburger, fritas e milk-shake de chocolate, além de uma porção de jalapeños. A garçonete abre mais um sorriso paquerador antes de sair, e as bochechas dele ficam vermelhas de novo.

Tomo um pouco de milk-shake e faço uma careta. O morango está mais azedo do que imaginei, mas o milk-shake desce gostoso e geladinho pela garganta.

– Nem comece – diz ele, me olhando depois que a garçonete sai.

– Eu não ia falar nada.

– Não sou o que você esperava. Sou?

Ele joga uma batata na boca. Mas o gesto é forçado. Rápido demais. Ele não quer comer de verdade. Sei como é.

Não respondo. Então, faço outra pergunta.

– Sou o que você esperava?

Ele me encara por alguns segundos.

– Para ser sincero, não. Mas isso é bom.

– Eu devia ser pelo menos um pouco do que você esperava, porque você me seguiu no estacionamento.

Ele faz uma expressão aflita, contorcendo o rosto todo. Estica a mão para pegar alguns jalapeños e os joga direto na boca.

– O quê?

Ergo as sobrancelhas.

Ele continua a mastigar, fazendo barulhinho. As pimentas parecem ter vindo direto do pote, e o líquido está pingando de seus dedos. Ele se encolhe de leve quando um pouco cai no arranhão que tem na mão esquerda.

– Vem cá, me diz – insisto. – Como sabia que era eu?

Ele tira os olhos das pimentas e diz:

– Não quero te ofender.

– Sério? – pergunto em um tom mais ríspido do que o pretendido.

Tomo meu milk-shake fazendo barulho na tentativa de aliviar o clima. Não quero que pense que sou grosseira. Ao menos não ainda. Se achar que sou muito grosseira, talvez escolha outro esquisitão depressivo, e não a mim.

Roman tira as sementes de uma das pimentas e as coloca na língua. Ele as engole e, quando passam pela garganta, não demonstra nenhuma expressão, embora eu saiba que sua boca está em chamas. Por fim, ele diz:

– Você tem cara de quem quer morrer. Está com uma aparência deprimente pra caramba.

Ele me encara e eu devolvo a encarada com uma expressão vazia grudada no rosto. O pobre garoto se contorce no banco de piquenique e depois baixa os olhos para os tênis brancos. A cabeça afunda na direção do chão, o queixo pousado no peito, e percebo que a nuca tem sardas e ficou vermelha.

Levo um segundo para processar o que ele disse e, então, irrompo numa gargalhada. Gargalhar faz minha garganta doer. Tomo outro gole de milk-shake.

Ele ergue a sobrancelha para mim.

– Foi horrível, não foi?

Nego com a cabeça.

– É sincero. Gosto disso. E agora você sabe que não vou dar para trás.

Ele dá de ombros e brinca com o zíper do moletom.

– Não sei. Tudo o que digo é que você parece alguém que deseja morrer, mas não estou tão convencido assim de que vá conseguir puxar o gatilho.

Franzo a testa.

– Bem, é por isso que entrei nessa. Quero um pouco de… incentivo. – Olho para a blusa dele. BASQUETE DA UNIVERSIDADE DE KENTUCKY em letras grandes, pretas, blocadas. – Trabalho em equipe. Apoio moral. São termos esportivos, certo?

Os olhos se voltam para o moletom.

– Não jogo mais.

– Não perguntei.

– Sim, eu sei – diz ele. – Mas acho que entendo o que você quer dizer. Acha que vai ser mais fácil do que fazer sozinha.

Descanso o peso do corpo nos cotovelos, me debruço e canalizo a confiança da garçonete.

– Então, você é o cara certo para esse serviço? Vamos fazer isso juntos ou o quê?

Não é do meu feitio ser tão agressiva, mas por algum motivo sinto necessidade de obrigar RobôCongelado a me escolher. Preciso ser assertiva. Não me lembro da última vez que fui assertiva.

Ele se mexe no banco, pega o cheeseburger e tira os tomates. Não o vi dar uma mordida ainda.

– Não sei bem.

– O que você precisa saber?

– Mais sobre você, para começar.

– Tipo?

– De onde vem esse nome, Aysel?

Ele pronuncia corretamente. Tento não parecer impressionada.

– É turco.

– Seus pais são turcos? – pergunta.

Faço que sim. Não digo nada mais sobre meus pais. Também evito dar meu sobrenome. Minha mãe está tentando alterar legalmente meu sobrenome para o novo dela: Underwood. Mas essa mudança não aconteceu ainda, e a última coisa que quero é que RobôCongelado jogue meu nome no Google e descubra sobre meu pai. Não me importa o quanto ele seja ferrado, duvido que vá querer aliar seu sonho de suicídio ao meu se souber a verdade sobre minha história familiar.

– Você fala turco?

Nego com a cabeça. Meu pai nunca me ensinou. Às vezes, eu reunia coragem para perguntar sobre a Turquia e, se ele estivesse de bom humor, me contava a respeito das ruas estreitas da vizinhança, onde jogava futebol com os amigos à noite. Mas quando estava num dia ruim (e seus dias ruins ficaram mais frequentes quanto mais perto chegava do fim) ralhava comigo e me dizia para

parar de fazer perguntas. Dizia que eu tinha sorte de ter nascido nos Estados Unidos, porque nunca teria de atravessar meio mundo para conseguir um emprego.

E minha mãe, bem, ela tentava tudo o que podia para apagar suas raízes. Meus pais se separaram quando eu tinha menos de um ano e, desde que começou a sair com Steve, ela tenta fingir ser uma autêntica garota branca norte-americana. Minha mãe é mais clara que eu, então, se não fosse pelo leve sotaque, passaria por norte-americana sem problemas. Sem dúvida pareço mais estrangeira que minha mãe, pela pele mais escura, herdada do meu pai.

– Você fica desconfortável com esse tipo de conversa? – pergunta RobôCongelado enquanto mastiga o cheeseburger.

Não parece gostar tanto do sanduíche quanto dos jalapeños. É como se estivesse se esforçando para comê-lo, e faz isso devagar, mordiscando, pedacinho a pedacinho.

– Não – digo. – Só não entendo por que está tão interessado na minha etnia. Não estou interrogando você.

Ele abre um sorriso. Não entendo esse garoto.

– Estou apenas curioso porque acho Aysel um nome legal.

– Pode ficar com ele, se quiser.

– Engraçadinha – diz ele, mas não ri.

– Por que sete de abril? – É minha vez de perguntar.

– É quando aconteceu.

– Quando aconteceu o quê?

– O motivo pelo qual quero morrer. Aconteceu faz um ano, em sete de abril.

Ele trava a mandíbula e vira o rosto.

– E imagino que você não vá me contar o que aconteceu?

Antes que ele possa responder, os dois garotos de antes se aproximam e se sentam ao lado dele.

– E aí? – diz um deles enquanto o outro dá tapinhas nas costas de Roman.

– Não sabia que você estava saindo com alguém, Roman – provoca o cara dos tapinhas nas costas. – O que a Kelly vai pensar?

Kelly? Não me diga que RobôCongelado tem namorada. Lanço meu melhor olhar o-que-está-rolando? para ele.

– Esta é a Aysel.

Ele reage ao meu olhar com uma expressão de súplica. Não sou exatamente a Pessoa Mais Bacana da História Universal, mas não significa que eu vá dedurar RobôCongelado. Ainda assim, é engraçado vê-lo suar. Mantenho meu rosto rígido em uma expressão neutra. Estou mais fria que RobôCongelado.

– E, Aysel, estes são Travis e Lance.

Há um leve tremor na voz de Roman, e percebo que ele tem umas sardinhas ao redor do nariz que ficaram mais vermelhas quando os amigos se

aproximaram.

– Você é da Willis? – pergunta Lance, e ergue as sobrancelhas loiras para mim.

– Teríamos notado se fosse da Willis – diz Travis com uma voz pegajosa.

O tom de sua voz é suficiente para eu perder o interesse no milk-shake. Nem é preciso dizer que, se eu fosse da Willis, Travis definitivamente não se interessaria por mim. Os garotos da minha escola que são como Travis e Lance não me notam. Ao menos, não de um jeito bom.

– Não assuste a garota – retruca Lance.

Ao que parece, tem um jeito mais suave com as moças. Ele parece mais conquistador que Travis, com o cabelo despenteado de *boy band*, grandes olhos azuis e ombros largos.

Passamos alguns segundos de silêncio constrangedor.

– Ela é da Langston – conta Roman, relutante.

– Espere aí, se você estuda na Langston deve conhecer Brian Jackson, né? – pergunta Lance, arregalando os olhos azuis.

Seguro o fôlego enquanto o encaro, tentando determinar se ele já ligou os pontos.

– Ah, então é assim que vocês se conheceram? Pelo Brian? – indaga Travis quando se inclina na direção de Roman, roubando algumas batatas fritas.

Roman e eu trocamos olhares.

– Hum, não – diz ele. – Nos conhecemos semana passada.

Foi?

– Onde? – pergunta Travis, lançando outro olhar sorrateiro para mim.

Posso dizer que ele sabe que tem alguma coisa estranha. Engulo em seco e mando um pequeno desejo para o universo: *Por favor, não ferre comigo aqui. Por favor, não deixe que descubram quem eu sou.*

– Perto do velho parquinho. Na quadra – diz Roman, e noto que esse garoto é um mentiroso profissional. Suas palavras são suaves e fortes.

Travis explode, jogando os braços para cima.

– Eu sabia, cara! Você ainda quer jogar. Eu disse que o treinador botaria você de volta no time. Você precisa parar de bater…

– Podemos não falar disso aqui? – pede Roman com a voz repentinamente gélida.

– Fala sério, cara – diz Lance, que também pega um pouco das fritas de Roman. – Por que você falou isso?

O rosto de Travis enrubesce. Não sabia que garotos como ele se sentiam desconfortáveis, mas acho que algumas coisas podem fazer até caras assim se contorcerem. Estou aprendendo muito sobre o gênero masculino.

– Desculpe – murmura Travis, e afasta o olhar da mesa. Um sorriso volta para seu rosto quando percebe a garçonete. – A Suzie está bonita, não é?

– Parece que está indo bem – comenta Roman em um tom seco. Ele se vira para mim. – Suzie é aquela garçonete. Ela é da nossa escola.

Faço que sim com a cabeça como se entendesse o que está acontecendo, mas tenho certeza de que estou perdendo todo o subtexto.

Travis cutuca Roman com o cotovelo.

– Mas, falando sério. Acho que ela ainda está na sua.

Lance olha para mim, depois para Roman e de volta para Travis.

– Respeito aí, cara.

Estou prestes a dizer que Roman e eu não somos o que ele acha que somos. A ideia quase me faz gargalhar de novo, e eu engulo mais um pouco do milk-shake. Meio que chacoalho o morango na boca, correndo a língua sobre os dentes. Não me importa o quanto isso é feio.

Lance fala novamente, rompendo o silêncio constrangedor.

– Então, você conhece Brian Jackson?

Tento não transparecer que estou suando. Pego umas batatas, mantendo os olhos concentrados no ketchup. Não consigo olhar para nenhum deles.

– Na verdade, não.

– Mas ele não é meio famoso agora? – pergunta Travis. Ele dá outro tapinha nas costas de Roman. – Podia ter sido você, cara.

Roman murmura algo, e eu não resisto.

– Como assim?

Os olhos de Lance vão estranhamente de Roman para mim e de volta para ele.

– Posso contar para ela?

Roman segura a nuca com força e desvia o rosto de nós.

– Faça o que quiser.

Outro silêncio desconfortável.

– Roman jogava no time regional com Brian. Você sabe o que é time regional? – pergunta Lance.

Tenho uma ideia bem vaga, mas nego com a cabeça para conseguir mais informações sobre a relação entre RobôCongelado e Brian Jackson. Minha cabeça parece um alarme de carro prestes a disparar – com todos os apitos e sirenes. Tento estabilizar o pensamento conjurando mentalmente o início da "Cavalgada das Valquírias", de Wagner.

– Você está cantando? – pergunta Travis antes que Lance continue a explicar como exatamente Brian e Roman se conhecem. Ele começa a rir, e Roman o empurra.

– Para de ser idiota – diz ele, encarando Travis com raiva.

Seus olhos castanhos brilham de raiva, deixando-os mais dourados que verdes.

O sangue sobe para minhas bochechas, e eu baixo os olhos para a mesa de piquenique. Há uma poça de ketchup ao lado das batatas. Imagino se RobôCongelado ficaria tão na defensiva se soubesse sobre meu pai, depois me

pergunto por que os olhos de RobôCongelado parecem diferentes dos de Travis e de Lance. Os olhos deles queimam minha pele da mesma maneira que os olhos dos meus colegas de classe – ansiosos por desvelar meus segredos, enxergar meu íntimo. Os olhos de RobôCongelado são suaves e pacientes. Sabe o que vai encontrar se cavar mais fundo. Não há pressa para me abrir. Ele entende que não há nada de especial com o vazio, nada de interessante na depressão.

Junto coragem e olho-o. Ele me dá um sorrisinho, e eu tenho certeza de que encontrei meu Parceiro de Suicídio.

Seus amigos ficam em silêncio, observando-o. Embora ele diga que era popular na vida passada, parece que é popular pra caramba nesta vida também. Tamborila com os dedos no tampo da mesa.

– Brian e eu éramos amigos quando pequenos. Jogávamos basquete juntos, em um time que exigia um teste para entrar. Um time de viagem… jogamos em Louisville, Cincinnati e Lexington. Então, jogamos juntos ao longo dos anos. Corrida e passe. Nada de especial.

Roman coça a nuca de novo, os olhos ficando nublados e difíceis de ler.

– Agora, ele é famoso. Está indo para as Olimpíadas e sei lá mais o quê. A gente não conversa muito. – Ele me encara. – Nada tão interessante, não é?

Lance parece convencido de que tem algo entre mim e Roman e tenta ajudar o amigo.

– A questão é que nosso garoto aqui é o atleta na vera.

– É, se o Roman tivesse ficado, iria para a Universidade de Kentucky no ano que vem com uma bolsa de estudos bem gorda do time de basquete – acrescenta Travis, e passa o braço no ombro de Roman, como um irmão orgulhoso ou algo assim, mas Roman se afasta.

– Para com isso – retruca Roman, balançando a cabeça e olhando para o chão. – Aysel nem liga para essas coisas.

Tradução: não há necessidade de impressionar essa garota. Não estou tentando levá-la para a cama, estou tentando morrer com ela. Mas nem Travis nem Lance parece perceber o subtexto. Os dois erguem as mãos e dizem:

– Foi mal, foi mal.

Enquanto os observo, sei que deveria estar pensando que parecem sombras, fazendo exatamente os mesmos movimentos exatamente ao mesmo tempo, mas tudo o que penso é que nunca tive essa sincronia com ninguém. Será que RobôCongelado já esteve em sincronia com os dois, mas de alguma forma saiu da órbita?

Eu me pergunto o que aconteceu. O que transformou Roman, atleta e amigo da promessa olímpica, em RobôCongelado, o garoto trágico que acessa sites de suicídio.

Eu o observo de canto de olho. A cabeça baixa, os ombros curvados, examinando a única semente de jalapeño que restou, movendo-a pelo prato de

papel com o dedo. Lentamente, ele a ergue até os lábios e a engole.

Ficamos todos observando Roman, e por fim ele murmura:

– Bem, foi bom ver vocês, rapazes, mas acho que Aysel vai me dar uma carona para casa agora. Vejo vocês mais tarde, ok?

– Tá certo, cara. – Travis aperta os ombros de Roman. – Fica de boa. A gente está do seu lado.

– Vamos marcar de sair em breve – acrescenta Lance. – Queria jogar com você lá na quadra antiga. Como nos velhos tempos.

– Tudo bem – diz Roman, a voz fria. – Bem como nos velhos tempos.

Ele se levanta da mesa e joga o resto de comida na lata de lixo.

Aceno de leve para Travis e Lance e sigo Roman. Jogo fora as batatas, que já estão quase no fim mesmo, mas fico com o milk-shake.

– Então, vou te dar uma carona para casa? – sussurro, esperando que Lance e Travis não me ouçam.

– É. Eu não dirijo.

– Você não tem dezessete anos?

Ele me dá aquele sorriso de meia-lua que abriu quando nos encontramos.

– Você vasculhou meu perfil.

– Queria saber se não era uma mãe dondoca ou algo assim – argumento, seguindo para meu carro.

Não acrescento que gostaria que seu perfil tivesse anunciado sua relação com Brian Jackson. Nunca teria aceitado me encontrar com ele.

Quando destranco o carro, jogo o lixo que está no banco do passageiro para trás. Deixo alguns sacos de fast-food engordurados no chão diante do banco. Acho que ele pode pisar neles. Que se dane. Não vai me rejeitar porque sou bagunceira.

Ele entra e bate a mão no console empoeirado.

– Belo carro.

Seus tênis esmagam os sacos de comida velhos.

– Parece que você cuida bem dele.

Ignoro os comentários e ponho a chave na ignição. O motor faz um barulho engasgado. Sacudo o volante e entramos em um acordo. Saio do estacionamento e só então volto os olhos para ele. Está olhando pelo para-brisa, a cabeça inclinada na direção do peito. Os olhos castanhos estão bem abertos, mas vazios. Pela primeira vez, consigo realmente enxergar. RobôCongelado não está brincando; RobôCongelado quer morrer.

A lesma preta também vive dentro de RobôCongelado.

QUINTA-FEIRA, 14 DE MARÇO

Faltam vinte e quatro dias

Por um tempo, seguimos em silêncio. Fico um pouco nervosa, pois RobôCongelado pode abrir a porta do carro e se jogar na estrada. Não sei se o impacto o mataria, mas ainda me colocaria numa situação complicada.

Quando estende a mão para o botão do rádio, e não para a porta, dou um leve suspiro de alívio. Ele escolhe a rádio favorita de Georgia – aquela que toca o mesmo *top five* repetidas vezes. Todas as músicas parecem ser sobre tomar porres, usar vestidos curtos e brilhantes e dançar a noite toda. Faço uma careta.

– O quê? – pergunta ele.

– Não entendo. Você parece um…

Ele faz um movimento, levantando o indicador perto do rosto, o que entendo como "cala a boca", e eu calo. A única coisa em que sou boa é obedecer a ordens. Espere, acho que não é verdade. Nunca obedeço às ordens do sr. Palmer, embora a maior parte do tempo eu tente fingir que obedeço.

Roman desliga o rádio.

– Desculpa. Não sabia que você era metida a besta com música.

– Não sou nada metida.

– Não é metida e não é mãe dondoca – diz ele. – Você está superbem na fita.

– Tudo bem – respondo, e em seguida mudo de assunto. – Tanto potencial desperdiçado em sete de abril.

Energia potencial. Será que RobôCongelado pensa na física da morte?

– Aí, sim – diz ele, fingindo erguer um drinque no ar. – Saúde!

Acho que as músicas na rádio de Georgia combinam bem com os interesses dele.

Sacolejamos mais um pouco pela estrada em silêncio. Mexo no botão do rádio e sintonizo uma estação de música clássica. Ele não comenta minha escolha. A paisagem aos poucos se torna mais acidentada. Chegamos a uma curva fechada na estrada e nos afastamos do rio, seguindo na direção das colinas. A grama ainda está marrom e seca pelo inverno, e a maioria das árvores ainda está desfolhada. A primavera está demorando a chegar este ano. Abro um pouco a janela e o ar úmido e frio entra no carro. Às vezes, dá para sentir o cheiro de uísque no ar, o aroma doce do centeio vindo da destilaria que fica a poucos quilômetros, mas hoje sinto apenas cheiro de lama e grama molhada. O vento bate no meu rosto, e seguro a vontade de olhar para ele, mantendo os olhos concentrados na estrada.

– Não posso mais dirigir porque aconteceu uma coisa no ano passado – revelou ele por fim. – Por isso você sempre vai precisar dirigir. Pedi para minha mãe me deixar na lanchonete mais cedo. Ela ficou empolgada por eu querer sair de casa pela primeira vez depois de meses para encontrar uma amiga.

Ele me olhou.

– Eu disse que você era uma amiga nova. Minha mãe ficou entusiasmada.

Então, os pais se preocupam com ele. Não é bom. Significa supervisão dobrada. Mas acho que é por isso que ele precisa de mim, sua Parceira de Suicídio.

– Entendi – comento. – Bem, acha que pode ao menos me dar instruções para eu saber onde eu te deixo?

Ele hesita, e seu lábio inferior se retorce, como se estivesse considerando se deveria falar ou não.

– Que foi? – pergunto.

– Posso pedir um favor?

Minha primeira tarefa como parceira. Algo dentro de mim sacode como uma cadeira de balanço em uma sala vazia – é solitário e confortável ao mesmo tempo.

– Claro. O que é?

– Pode parar na loja de pescaria na avenida principal?

Torço o nariz.

– Loja de pescaria?

– É. Preciso pegar umas minhocas.

Pisco e dou uma olhada rápida para ele. Ele olha para a frente. Os músculos do rosto estão relaxados, não há sinal de que esteja brincando.

– Hum, tudo bem – digo. – Só me diga como chegar lá.

– Vá direto por essa estrada até chegar à bifurcação ao lado da ponte. Depois, mantenha a esquerda e estará na avenida principal. A loja de pescaria fica na esquina à direita do cruzamento entre a principal e a Burns.

A voz de RobôCongelado é calma e firme. Ao que parece, é um cliente habitual da loja de pescaria. Bizarro.

Aperto o volante e tento me concentrar na música. A rádio está tocando a Sinfonia nº 40 de Mozart, mas nem as notas ligeiras da escala menor do violino são capazes de me distrair.

– Por que precisa de minhocas? Curte pescar?

Ele fez um som que ficava entre um grunhido e uma risada.

– Não.

Obviamente, RobôCongelado não é um homem de muitas palavras.

– Não?

– Não, não curto pescar.

Ele se retrai, movendo o corpo para ficar o mais próximo possível da porta do

passageiro. Os joelhos batem no console, e eu penso em sugerir que empurre o banco para trás se estiver desconfortável, mas não digo nada.

– Tudo bem. Então, não entendi. O que eu não estou sabendo?

– Hein?

Acho que ele precisa que eu fale com todas as letras.

– Por que precisa de minhocas se não gosta de pescar?

– Para minha tartaruga de estimação – explica ele, como se eu devesse saber o tempo todo que tinha uma tartaruga de estimação. Como se esse fosse um pensamento razoável a se ter sobre as pessoas. Talvez Willis, Kentucky, seja a capital da tartaruga de estimação dos Estados Unidos.

No início, fiquei confusa pelo fato de ele ter um bicho de estimação. Não parece alguém que tem animais, e, se parecesse, eu imaginaria que fosse o dono de um golden retriever ou algo assim. Ele tem uma aparência bem norte-americana, um cara que joga basquete, come hambúrguer e adora cachorros. Por outro lado, minha garganta fica apertada quando esse fato se acomoda na mente. *Ele tem um bicho de estimação*.

Digo em voz alta.

– Você tem um bicho de estimação.

– Eu tenho um bicho de estimação – repete ele e, como se soubesse o que estou pensando, me olha. – Mas não se preocupe, isso não vai me impedir.

Respiro fundo e olho para o tapete sujo do carro. Uma lata de Coca amassada está presa no canto traseiro. A superfície metálica reflete a luz do sol, e parece que ela está piscando para mim.

– Você deveria manter os olhos na estrada – diz ele.

– Como?

– Mantenha os olhos na estrada.

– Eu ouvi – digo em uma voz sufocada, aguda. – Mas, se você quer morrer, por que se preocupa se estou atenta ao trânsito?

Ele bufa e me olha de soslaio, vejo os ombros largos se curvarem, fazendo-o parecer um alce que acabou de tomar um tiro de um caçador.

– Quero morrer, mas não quero machucar mais ninguém.

– É justo.

Cerro os dentes e olho adiante. Não comento com ele da lata de Coca. Provavelmente pensaria que era uma ameaça à segurança.

Passo pela bifurcação que RobôCongelado descreveu e fico à esquerda. O carro desliza pela avenida principal de Willis, cheia de casas em estilo vitoriano pintadas e transformadas em lojas graciosas: a Creamy Whip, uma sorveteria; a Fried Egg, um café; a Suds e Bubbles, uma lavanderia.

– Qual é o nome da tartaruga?

– Capitão Nemo – conta ele, e acrescenta: – Não fui eu que dei esse nome.

Não insisto. A pessoa anônima que batizou Capitão Nemo paira no ar como um

envelope fechado. Nós dois sabemos que há uma carta, uma história lá dentro, mas naquele momento nenhum de nós tem coragem de abrir o envelope.

Quando nos aproximamos de uma casa azul com adesivos de peixes na janela, reduzo a velocidade. Há uma placa no gramado onde se lê "Bob's Fishing Supply & Co." Estaciono em uma vaga do outro lado da rua.

– Vou correndo – diz Roman.

Começo a tirar a chave da ignição, mas ele balança a cabeça.

– Pode ficar aqui.

Antes que eu dissesse alguma coisa, ele já saiu do carro e está dando uma corridinha até a porta da Bob's Fishing Supply & Co. Move-se com mais urgência do que vi o dia todo. Lá na lanchonete, estava meio letárgico, molenga.

Deve amar essa tartaruga pra caramba. Meu coração parece congestionado, apertado, mas aos poucos a sensação desaparece. Dou uma tapinha na barriga. *Bom trabalho, lesma preta*. Enquanto o espero voltar, fecho os olhos e ouço a música. Começa a tocar "O lago dos cisnes", de Tchaikovsky. Não é minha favorita. Leve demais, bonita demais. Tem muitos anseios.

Não gosto de canções sobre querer coisas. Gosto de canções sobre partidas, sobre dizer adeus.

Quando dou por mim, RobôCongelado está de volta com um copo de papelão nas mãos. Ele se encolhe no banco e eu digo:

– Melhor não derramar.

– Por quê? Você mantém seu carro limpinho, por acaso?

Seus lábios se retorcem, deslizando em um sorriso relaxado. O garoto realmente tem um problema com sorrisos. Ainda mais para alguém que tem a coragem de me acusar de medrosa.

Franzo a testa.

– Porque seria nojento.

– Tá, tudo bem. Não vou deixar cair.

Saio da vaga e continuo pela avenida principal.

– Então, onde fica sua casa?

Roman me dá as instruções e, no final, pergunta:

– Como consegue ouvir essas coisas?

Aponto para o rádio.

– Essas coisas? Essas são coisas de gênio.

Queria que não fosse Tchaikovsky para poder defender algo mais poderoso, como uma das tocatas de Bach, mas mesmo assim. "O lago dos cisnes" é milhões de vezes mais profundo do que qualquer baladinha pop que ele queria ouvir.

– Não tem letra – argumenta ele.

– Essa é a questão, e é engraçado que logo você reclame disso.

Sinto-o se remexer no banco mais uma vez. As pernas batem na lateral da

porta.

– Como assim?

– Você não parece um grande fã de palavras. Então, pensei que gostaria da falta de letra.

Ele estica o pescoço para me olhar. Sinto os olhos dele no meu rosto – ainda são suaves, não queimam –, mas sinto mesmo assim.

– Gosto das palavras de outras pessoas. Elas me preenchem.

– Como palavras sobre ficar bêbado e avançar nas garotas?

Ele solta uma risada abafada.

– Não. Aquilo é só barulho. Mas eu gosto também. Me ajuda a esquecer.

– Esquecer o quê?

– Por que quero morrer.

Entramos na vizinhança dele. Parece a minha, as mesmas casas de madeira antigas, com a diferença de que os jardins de sua vizinhança parecem mais bem cuidados. Não há tufos de mato ou dentes-de-leão.

– Não entendo você.

E é verdade. Talvez seja a coisa mais sincera que eu disse durante todo o dia. Não entendo por que ele quer ser preenchido, encontrar coisas nas músicas. Quando ouço música, estou em busca de um lugar para me esconder, um lugar para escapar do meu vazio.

Percebo que ele está mexendo com as minhocas. Elas balançam para cima e para baixo em seu colo, e ele tenta manter o copo o mais firme e seguro possível. Eu me pergunto por que ele se dá o trabalho de ser tão cuidadoso com criaturas que estão prestes a morrer.

Ele não diz nada, então insisto.

– Não entendo por que você quer isso, por que quer participar disso.

– Está me perguntando por que quero me matar ou por que não quero me matar sozinho?

– Os dois – respondo, mordendo o lábio inferior. – Para ser sincera, não me importo com o motivo por que você quer se matar.

É mentira, mas não quero dizer por que quero morrer, de modo que parece justo não pedir que conte seus motivos.

– Só preciso saber que você não vai dar para trás.

Ele deixa escapar uma risada fria.

– Ah, então agora você está preocupada com medrosos?

– Eu vi seus amigos. Preciso ter certeza de que isso não é alguma pegadinha doentia.

O que eu não digo é: *Preciso ter certeza de que não é uma cilada, pois você conhece Brian Jackson.*

– Amigos? – Ele cospe a palavra, enojado. – Aqueles lá não são meus amigos.

– Não sou especialista, mas pareciam seus amigos.

– Olha só, você não sabe o que está falando, então é melhor ficar quieta – retruca ele.

O sol está baixo no céu, espalhando luz dentro do carro, dando aos olhos castanhos dele um brilho dourado. Queria que voltassem a ser mais verdes. Não parecia tão malvado, tão irritado, quando estavam verdes.

– Não é algo muito legal de se dizer.

Ele ergue o queixo, como se para sinalizar que não vai se desculpar.

– Pegue a esquerda, aqui. – Ele aponta para uma rua pequena que cruza a Southwind, a rua principal de sua vizinhança. – É a casa vermelha à direita.

É uma casa velha e decrépita como a minha, mas o revestimento de madeira parece mais conservado, e alguém pelo visto cuidou do jardim. Há um canteiro de flores recém-coberto de terra e, embora nada tenha brotado ainda, imagino que, com a primavera se aproximando, vá ficar cheio de lírios e calêndulas. Uma caixa de correio caramelo fica no fim da entrada da garagem, e nela há uma placa em que está escrito FRANKLIN.

– Bonitinho – elogio.

– Minha mãe tenta – diz Roman enquanto sai do carro, equilibrando o copo de minhocas na mão esquerda.

Acho que todas as mães tentam.

– Espere – digo. – Então, vamos fazer ou não?

Ele dá a volta até o lado do motorista. Abro toda a janela.

– Sim. Estou dentro, se você estiver.

– Sem dúvida, estou dentro – confirmo. – Mas só não entendo.

– Entende o quê?

– Por que precisa de mim.

Como se aquela frase fosse uma deixa, a porta da casa se abre. Uma mulher baixinha, gordinha e de meia-idade desce a pequena escada depressa. Os cabelos são do mesmo tom castanho de Roman, mas já quase grisalhos. Ela usa um avental de cozinha e tamancos floridos. Se eu estivesse fazendo um guia turístico de Willis, Kentucky, o que graças a Deus não estou, colocaria esta senhora na capa. Ela é a personificação da cidadezinha.

– Roman! – diz ela, dando um pequeno aceno para nós dois. É um tchauzinho de miss. A maioria das mulheres mais velhas por essas bandas aperfeiçoou o movimento: pulso duro, giro lento. – Roman! – repete. – Me apresente a sua amiga.

Meu rosto inteiro queima, e meu estômago se aperta e se solta como um punho. Não que eu me sinta culpada; no fim das contas, não é minha culpa o filho dela querer se matar. Mas conhecer a família não era exatamente meu desejo. É o problema da mamãe dondoca que eu estava tentando evitar. Dois pontos negativos em RobôCongelado – a tartaruga de estimação e a mãe fofa. Se eu fosse mais exigente, diria que ele tem muita coisa para resolver ainda. Mas,

considerando minha situação, não estou em posição de escolher.

– Hum, mãe – diz Roman, a voz trêmula. Ele respira fundo algumas vezes, o pomo de Adão visível na garganta. – Esta é Aysel.

Bem suave, RobôCongelado, bem suave.

– Aysel – fala ela, erguendo as sobrancelhas.

Estendo a mão pela janela aberta. Sei que estou sendo reprovada no "Teste das boas maneiras sulistas". Deveria sair do carro e fazer uma reverência se quisesse ter uma maldita chance de ela me aprovar. Mas não preciso de sua aprovação. Não estou pedindo a mão de Roman em casamento. E, de qualquer forma, não vai haver "eu" para aprovar daqui a um mês.

– Prazer em conhecê-la.

Aperto a mão dela sem muita vontade.

– Aysel é um nome lindo – comenta ela.

Aprendi com o passar dos anos que "Aysel é um nome lindo" é o substituto educado de: "Mas que nome é esse? Aysel?"

– É turco.

Examino seu rosto em busca de reações. Estou mesmo interessada em ver se as histórias do meu pai tiveram a mesma resistência que têm em Langston. Se há a possibilidade de Roman, seus amigos ou mesmo sua mãe saber sobre meu pai e o que ele fez. Tenho certeza de que meu pai é o único turco que foi parar nas manchetes dos jornais nessas bandas de Kentucky. E, nos últimos tempos, desde que Brian Jackson passou a figurar em todas as notícias, as referências ao crime se tornaram cada vez mais frequentes. Se ela ligou os pontinhos, não demonstra. Seu rosto em formato de coração mantém o mesmo sorriso genuíno.

– Sua família mora aqui em Willis? – pergunta.

– Langston – respondo.

– Tenho amigos que vão à Casa da Graça, em Langston. Você frequenta?

Quer saber se vou à igreja. Esperta. Tenho de admitir que gosto da coragem dessa mulher.

– Minha mãe frequenta a de São Columbano.

Não é mentira. Minha mãe, Steve, Georgia e Mike vão à igreja todo domingo. Vou às vezes, mas faz tempo que não apareço. Logo depois de eu me mudar para a casa deles, minha mãe me forçava a ir, mas depois desistiu. Minha mãe é boa em desistir. Tenho certeza de que todo mundo na igreja notou minha ausência. Devem ter comentado aos sussurros que puxei ao meu pai demoníaco.

Os olhos da mãe de Roman brilham à menção de São Columbano. Ela pousa as mãos nos quadris largos e se debruça na minha direção, ao lado da janela. O cheiro de spray de cabelo invade o carro.

– Ouvi dizer que é uma igreja linda. Fui à procissão de Natal alguns anos atrás. O diretor do coral é espetacular, não é?

Não sei nada sobre o diretor de coral da São Columbano. Não sei de quantas

formas diferentes se pode cantar “Então é Natal” ou “Noite Feliz”, mas faço que sim com a cabeça, como se concordasse, como se eu fosse um ser humano normal tendo uma conversa agradável sobre a igreja, como se eu não fosse uma bomba-relógio ativada para virar um monstro.

– Minha irmã canta no coral.

Essa frase a deixa realmente feliz. Seu sorriso é largo e direto, nada parecido com o de Roman, retorcido, quase hesitante.

– Ah, que ótimo! Sempre tento fazer Roman se envolver mais com a igreja. É lindo ver jovens adorando o Senhor.

Resisto à tentação de revirar os olhos. Para ser honesta, não sei nada sobre minha irmã. Não conversamos direito há uns dois anos, mas tenho certeza de que ela não está adorando o Senhor. Não tem tempo para adorar ninguém mais além dela.

– Ela adora cantar na frente das pessoas.

Não menciono o fato de Georgia também amar o som da própria voz.

O sorriso da mãe de Roman se alarga tanto que tenho medo de que seu rosto vá se partir ao meio. Ela se vira para Roman.

– Ah, você trouxe comida para o Capitão Nemo.

Ele curva os ombros, arredondando as costas, como se tentasse esconder o copo de minhocas. Seja qual for o disfarce físico que esteja tentando, não funcionou.

– Sim, passamos lá na volta da lanchonete.

Ela abre um sorriso iluminado para mim.

– Que adorável!

Eu meneio a cabeça para ela, sem saber o que dizer. Refreio a vontade de perguntar quem batizou Capitão Nemo. Talvez tenha sido ela. Parece uma pessoa que gosta de bichos de estimação.

Tudo fica quieto por alguns momentos, então Roman pigarreia e arrasta os pés.

– Ei, mãe – diz ele. – Pode me dar um segundo a sós com Aysel?

A mãe parece confusa, e depois um olhar estranho, afogueado, surge em seu rosto. O tipo de expressão que as pessoas fazem depois de terminar um triatlo ou escalar o topo de uma montanha. Está sorrindo para mim, como se eu fosse um anjo cristão que chegou para resgatar seu filho perdido. Ela acha que entende, mas definitivamente não entende. Não tem a menor ideia. Coitada.

– Claro, vejo você lá dentro, querido.

Ela tira o boné de beisebol dele e corre a mão pelos cabelos castanhos curtos. Ela devolve o boné e, como numa troca, ele lhe entrega as minhocas.

– Pode levar lá para dentro? Eu dou comida para ele quando entrar – diz Roman.

– Claro.

Ela pega o copo com cuidado, como se as minhocas fossem um pacote

precioso.

Antes de se virar para entrar, ela me lança um último sorriso.

– Foi muito bom conhecê-la. Venha jantar conosco algum dia.

– Hum, seria ótimo – minto.

Quando se afasta, fala alto olhando para trás:

– Vou até procurar algumas receitas turcas. Posso preparar um jantar tradicional.

Ela pega o copo de plástico com as duas mãos, embalando-o, e em seguida se apressa na direção da porta, os tamancos estalando no concreto da entrada.

Só comi pratos turcos poucas vezes na vida, quando meu pai recebia alguns amigos de fora. Uma das esposas assumia a cozinha, e lembro que o aroma de orégano, azeite e sumagre invadiam a casa toda.

– É por isso que preciso de você – diz Roman.

– Por causa de sua mãe? – pergunto. – Ela parece legal.

Ele balança a cabeça, os lábios crispados em uma linha fina.

– Pois é. É legal, mas superprotetora. Preciso de ajuda para escapar dela e a gente poder, você sabe…

É um dos truques do suicídio adolescente. É preciso ser capaz de fugir dos olhos vigilantes do tutor tempo suficiente para garantir que você realmente se foi antes de alguém encontrá-lo. Nada pior do que alguém cortar a corda antes de você ter se sufocado de fato ou tirá-lo do carro antes de o monóxido de carbono ter causado efeito. Parece que Roman já descobriu que não pode dar cabo da vida em seu lar; a mamãe está o tempo todo em cima dele.

– E você não tem carro – acrescento.

Precisa de mim para levá-lo ao local de sua morte. Não estou acostumada com gente precisando de mim. Meio que gosto disso. Queria que a lesma preta dentro de mim comesse esse sentimento. Gostar das coisas é perigoso.

– Tem isso – admite ele.

– Por que não pede para Travis ou Lance? – Pisco para ele. – Os dois dirigem, certo? Podia pedir para deixarem você na ponte perto da avenida principal. Diga a eles que vai fazer uma viagem. Uma viagem bem longa.

Ele me olha com raiva.

– Não tem a menor graça, Aysel.

Risca uma linha na grama com o pé.

Que jeito de acabar comigo, RobôCongelado.

– Desculpe – digo.

– Quer passear comigo no sábado?

– Passear?

Não acho que, em toda a minha vida, eu tenha "passeado" com alguém. Mesmo quando eu era amiga de Anna Stevens, nossos encontros tinham sempre um objetivo: juntar e catalogar folhas caídas, construir um modelo de avião,

assistir a um especial da PBS sobre besouros africanos.

– Sabe o que quero dizer. Tipo, se encontrar para planejar a coisa toda – diz Roman.

Ele joga o boné de beisebol para lá e para cá nas mãos e, por fim, encaixa-o de novo na cabeça.

É engraçado, mas por um momento finjo que estamos planejando algo que não seja nosso suicídio conjunto, como um roubo a banco, uma pegadinha ou mesmo algo simples, como uma apresentação para a aula de inglês. Imagino que somos dois adolescentes normais, que realmente vou até a casa dele para o jantar turco que a mãe dele vai preparar para mim, que passaremos a noite ouvindo música e rindo enquanto vemos vídeos idiotas na internet.

Respiro fundo e sinto minha caixa torácica expandir. Não, não somos adolescentes normais. Sim, a lesma preta ainda está aqui, devorando quaisquer pensamentos felizes que eu me permita ter.

– Sábado à noite é bom para mim. Vou anotar na agenda: Planejamento do Dia da Morte.

Ele se contorce. Sem sorriso de meia-lua dessa vez. Puxa o celular do bolso.

– Me dá seu telefone?

Tem algo de poético no fato de que o primeiro garoto que pede meu telefone é o mesmo garoto com quem vou morrer. Aposto que John Berryman faria a festa com essa situação. Na verdade, talvez não – é provável que ele achasse muito entediante.

Dou meu número a Roman e depois o adiciono como novo contato. Salvo como RobôCongelado. Ele estreita os olhos ao observar a tela do meu celular.

– O quê?

– Por que me registrou com esse nome?

– É mais fácil pensar em você assim.

Ele balança a cabeça de novo.

– Precisa parar de tentar fazer as coisas parecerem fáceis. Nada disso vai ser fácil.

Eu sei, RobôCongelado. Eu sei.

SEXTA-FEIRA, 15 DE MARÇO

Faltam vinte e três dias

O sr. Scott está batendo o pé no chão de linóleo como se tivesse fazendo um teste para um papel em *Esperando Godot*. O sinal toca, e ele começa o show.

– Hoje é um dos meus dias preferidos no ano.

Olho para a data. O Dia do Pi foi ontem. O que mais poderia deixar o sr. Scott tão empolgado?

Ele franze a testa enquanto seus olhos percorrem a sala de aula. Todos estamos afundados nas carteiras, a maioria fingindo que não passa cada segundo olhando o relógio.

O sr. Scott suspira.

– Ninguém quer saber por que estou tão animado?

– Eu quero, sr. Scott – diz Stacy Jenkins. Ela joga o cabelo castanho-avermelhado brilhante para o lado e lhe mostra um simbólico sorriso falso.

– Alguém mais? – insiste ele, e a classe solta um grunhido. – Fico feliz em ver como são entusiasmadas as jovens mentes do futuro.

Sua tentativa de sarcasmo dá errado. Todos continuamos a encará-lo com olhos baços e boca levemente aberta. Aposto que, se filmassem as salas da Escola de Ensino Médio de Langston e comparassem o vídeo com gravações feitas de criaturas do mar que respiram pela boca, a semelhança seria impressionante.

– O que foi, sr. Scott? – bajula Stacy.

Não me surpreendo com muitas coisas em Stacy, mas tenho de admitir que é preciso ter colhão para falar com um professor de física como se fala com um cachorrinho de estimação. Mas o sr. Scott parece nem ligar.

– Hoje vou passar para vocês meu mundialmente famoso projeto de fotografia de física.

A classe grunhe de novo. Os projetos são os piores.

– Cada um de vocês terá um parceiro.

Mais grunhidos e suspiros. Risque o que eu disse antes. Projetos em grupo são os piores.

– Ah, deixem disso – diz sr. Scott, sorrindo. – Meus alunos sempre amam esse projeto.

– Vamos tirar fotos do quê? – pergunta Stacy, girando o lápis entre os dedos.

– Calma, Stacy. Vou explicar – diz ele e, pela primeira vez, sinto um pouco de irritação em sua voz.

Será que o sr. Scott sonhava em ser professor de física na nossa idade? Duvido. Aposto que pensava que aterrissaria em um trabalho pomposo na NASA ou algo assim. Coitado. Não consigo pensar em destinos piores do que ensinar as jovens mentes de Langston, em Kentucky.

O sr. Scott continua a falar:

– Vocês vão tirar cinco fotografias do mundo real que representem os princípios da teoria da conservação de energia. As fotografias precisam ter relação com um tema de sua escolha.

– Tema? – interrompe Tyler Bowen.

– Sim. Tema – confirma sr. Scott. – No passado, tive alunos que usaram o basquete como tema. Todas as fotos foram tiradas em um jogo da Escola de Ensino Médio de Langston. Outros temas já foram parques de diversão, cachorros…

– Tipo, fazer compras poderia ser um tema? – arrisca Tanya Lee.

O sr. Scott se contorce e logo volta à expressão facial neutra.

– Em tese, você poderia tirar todas as suas fotos no shopping.

Tyler Bowen ergue a mão. Que novidade, ele levantando a mão em vez de simplesmente falar o que vem à mente.

– Sim? – O sr. Scott aponta para ele.

– Temos que tirar as fotos ou podemos pegar da internet?

Outra contorcida.

– Boa pergunta. Vocês precisam tirar as fotos. Grande parte da sua nota vai ser…

– Não é justo – protesta Stacy. – Não é aula de fotografia.

Stacy não é tão boa como Georgia em mascarar seus choramingos com argumentos válidos, mas eu ainda lhe daria uma nota dez pelo esforço.

– Vocês não vão ser avaliados pela qualidade das fotografias em si – explica sr. Scott de pronto. – Mas espero que vocês… – Ele hesita. – Espere um pouco. Talvez eu deva passar a folha com as orientações que explicam melhor o projeto antes de continuar tagarelando.

A classe murmura, uma mistura de grunhidos e suspiros. O rosto do sr. Scott se avermelha, e ele fuça nas folhas de trabalho.

– Alguém quer me ajudar a distribuir?

Sem voluntários.

– Aysel? – pede ele com voz suplicante.

– Ãhn, claro.

Eu me levanto da carteira, embora preferisse comer grampos a interagir com meus colegas. Não fito os olhos de nenhum quando entrego as folhas. Ninguém parece interessado em me olhar também. Todas as vezes que chego à carteira de alguém, sinto a pessoa se endireitando, segurando o fôlego, querendo que eu me afaste. Parte de mim quer gritar que não precisam ter medo, mas outra parte, a

maior parte de mim, hesita porque não tenho tanta certeza.

Assim que volto à minha carteira, o sr. Scott continua a explicar o projeto. Conta que espera que imprimamos as fotografias em papel vegetal branco e, em seguida, as organizemos em um álbum. Cada fotografia deve ser acompanhada de uma explicação detalhada numa legenda, descrevendo a história do princípio e das fórmulas correspondentes. Seremos avaliados pela clareza das fotografias, das descrições e explicações dos princípios da física envolvidos. Também ganharemos pontos pela organização do álbum e pela criatividade do tema. Além disso, se não tivermos acesso a uma câmera digital, podemos pegar uma emprestada na biblioteca. O sr. Scott está deixando pouco espaço para desculpas.

– Então, agora tudo de que precisamos é escolher os parceiros – diz ele, juntando as mãos. – Acho que é mais justo sortear os nomes em um boné.

Conforme previsto, a classe irrompe em protestos.

– É tão injusto – diz Stacy.

– É – ecoa Tanya. – Deveríamos escolher nossos parceiros. Especialmente porque nossa nota depende deles.

O sr. Scott coça a nuca, os olhos agitados.

– Nos anos em que deixei os alunos escolherem os parceiros, recebi temas nada originais e fotografias pouco inspiradas. Nos anos em que os parceiros foram escolhidos ao acaso, recebi trabalhos muito mais criativos. Acho que tem a ver com tirá-los da zona de conforto.

A classe continua a discutir com ele mesmo depois que escreveu todos os nomes em pequenos pedaços de folha de caderno e os entregou para ele. O professor pega o boné do Cincinnati Reds na mesa e põe todos os nomes ali. Quando chama os pares, os grunhidos e suspiros ficam mais altos.

Travo os dentes, pois queria ter sido esperta o bastante para não entregar meu nome. Talvez eu pudesse fazer o trabalho sozinha. Melhor ainda, não teria de ouvir meu parceiro dar o Maior Piti do Mundo assim que descobrisse que faria o trabalho comigo.

– Aysel Seran – anuncia o sr. Scott quando puxa meu nome do boné.

A sala fica em silêncio.

– Seu parceiro será Tyler Bowen – revela o professor em tom alegre, na completa ignorância da minha lepra social.

– Ai, meu Deus – diz Stacy. Ela estende a mão para dar um tapinha no ombro dele. – Sinto muito, Ty.

O rosto de Tyler fica sombrio como se alguém tivesse acabado de matar sua mãe. Acho que, pelo meu histórico familiar, eu não deveria fazer esse tipo de piada. Quase me senti mal por Tyler. Sei que qualquer relação comigo representará más notícias para ele no âmbito social. Mas a questão é que o prazo do nosso projeto é dez de abril, então, no fim das contas, nem importa.

Terei ido embora antes de entregarmos o projeto.

SÁBADO, 16 DE MARÇO

Faltam vinte e dois dias

Os últimos dez minutos do meu expediente na TMC são sempre os mais lentos. Penso em ligar para a próxima pessoa da lista, mas isso significaria que eu me interesso em ser uma boa funcionária, o que não é verdade. Então, decido dar uma olhada no Passagens Tranquilas.

Leio mais postagens da seção Parceiros de Suicídio. É estranho como algumas pessoas postam várias vezes. Eu me pergunto se não gostaram daqueles que responderam, e se alguém além de mim respondeu para Roman. *Ele escolheu a mim em vez de outra pessoa?* O pensamento faz meu estômago revirar de uma forma com que não estou acostumada. Em grande parte, porque nunca na vida fui escolhida quando havia alternativa. Mas, se eu for totalmente sincera comigo mesma, Roman não deve ter tido outras escolhas. Willis, Kentucky, é no meio do nada. Sorte dele que Langston fica a apenas quinze minutos a oeste do nada.

– Já disse para parar de acessar sites de encontros quando está no trabalho – resmunga Laura.

– Por que você se importa?

Minimizo a janela depressa antes que ela possa ver direito o site.

Ela cutuca o esmalte rosa-shocking lascado.

– Não me importo. Embora eu tenha de dizer que, na minha opinião, você só vai encontrar esquisitões aí.

Ela não tem ideia do quanto está certa.

– Obrigada pelo conselho.

Faço o melhor para manter uma expressão séria, mas não consigo. Laura balança a cabeça.

– Não diga que não avisei quando seu computador pegar um vírus – retruca ela, apontando para minha tela.

– Não se preocupe, eu informo ao sr. Palmer que o site esquisitão era todo meu.

Dou uma piscadinha para ela antes de pegar o telefone, tentando não rir, e disco o próximo número na lista: Earl Gorges, que mora em Rowan Hill Drive.

– Alô? – Uma voz grave atende ao telefone.

– Por favor, poderia falar com o sr. Earl Gorges?

– Sou eu – diz a voz.

– Olá, sr. Gorges, aqui é Aysel Seran, estou ligando da Tucker's Marketing Concepts em nome da Fit and Active Foods. Gostaria de fazer algumas perguntas.

– Vá para o inferno – diz o homem, e desliga o telefone.

Viro para Laura.

– O homem acabou de me mandar para o inferno.

Agora é a vez dela de rir.

Decido pegar o caminho mais longo para buscar Roman. Minhas mãos começam a tremer quando entro na alameda Tanner. Tenho evitado essa rua o máximo possível desde que tudo aconteceu com meu pai. A alameda Tanner fica no subúrbio e abriga apenas um centro recreativo e algumas lojas decadentes. Enquanto passo pela rua, me permito uma olhada para a esquerda.

Então, eu vejo. A loja de conveniência do meu pai. O prédio pobre de cimento cinza não parece muito diferente agora que está abandonado, o que diz mais sobre sua situação passada do que a atual. A cidade continua cogitando derrubá-lo. Ao que parece, alguma incorporadora comprou e planeja transformá-lo em um daqueles postos de gasolina modernos onde você pode comprar um milk-shake de qualquer sabor, uma pizza quente e encher o tanque. Tudo o que era possível comprar na antiga loja do meu pai era uma barra de chocolate, um copo de café e jornal.

Sei que deveria estar ansiosa pela demolição, sedenta por ver a lembrança ruir. Talvez, se a cena do crime não existir mais, as pessoas comecem a esquecer. Mas sei que não é verdade. E, mesmo se fosse, não quero ver o prédio sumir. Bem ou mal, é parte da minha infância.

Encaro o prédio e me lembro de ficar sentada lá, atrás do balcão, com meu pai. Dividíamos um Snickers e ouvíamos Bach. Ele me contava como era na sua juventude, quando sonhava em aprender a tocar piano. Disse que, quando juntasse dinheiro suficiente na loja, pagaria aulas de piano para mim e me mandaria para um acampamento musical daqueles bem chiques. Acho que as coisas não saíram exatamente como ele planejou.

O estacionamento está vazio. Estaciono ao lado do prédio e desligo o motor. Saio e corro as mãos pelos blocos de concreto familiares. Caminho até a calçada na frente e procuro o lugar onde, aos dez anos, gravei o formato da palma das mãos no cimento fresco.

Quando meu pai descobriu o que eu havia feito, seus olhos brilharam de raiva e a veia em sua testa saltou, mas depois ele encarou as mãozinhas, olhou para mim e, por fim, caiu na risada. Ele me jogou sobre o ombro e disse: “Tudo bem, Zellie. Desse jeito, todo mundo vai saber que este lugar é seu.”

Fecho bem os olhos e ponho as mãos na antiga marca. São grandes demais para se encaixarem, mas ainda me sinto mais à vontade ali do que em qualquer outro lugar do mundo. Inclino a cabeça para o alto e abro os olhos devagar. O céu está cinzento e parado, como se estivesse segurando a respiração. Prendo o fôlego também e espero o bolo cada vez maior na garganta ceder. Não cede.

– Sinto saudades, pai – sussurro quando volto os olhos para a calçada cimentada. – Sei que não deveria, mas sinto.

Meu telefone bipa, e vejo uma mensagem de Roman. Digo que estou a caminho e volto correndo para o carro. Quando chego à casa de RobôCongelado, mando uma mensagem para ele sair. Não quero ter de encarar a mãe dele. Mas, quando a porta se abre, vejo a sra. Franklin em pé. Ela caminha na direção do meu carro com passo ligeiro.

Respiro fundo e abaixo a janela.

– Aysel – diz ela, a voz abafada. – Fico feliz que esteja aqui.

Não parece. Faço que sim com a cabeça porque não sei direito o que dizer.

– Roman não saiu da cama ontem e se recusou a ir à escola. Mas acabou de me dizer que vai sair com você. É isso mesmo?

Ela estreita os olhos para mim, como se tentasse determinar qual é o meu encanto. Coitada. Ela não tem ideia de que não sou eu o encanto: é a morte.

Meneio a cabeça de novo.

– É. Vamos sair.

Tento manter a voz neutra, com medo de que a menor hesitação na voz entregue nosso verdadeiro plano, o motivo real para o encontro.

– Vão aonde?

Ela põe as mãos na cintura. Afundo mais no banco do carro. Não havia me preparado para um interrogatório.

Vasculho a mente por uma resposta quando Roman surge atrás da mãe.

– Vamos ao parquinho.

Ela me encara, olha para ele e depois para mim. Um olhar preocupado cruza seu rosto e ela aperta os lábios. Então sorri lentamente, mas o sorriso é fraco.

– Vão jogar basquete?

Olho para Roman em busca da resposta. Os ombros estão curvados, como se ele mal conseguisse ficar em pé, como se estivesse desconfortável com o próprio peso. Mas é uma daquelas pessoas que nunca fica invisível, mesmo se quisesse.

– É. Vou ensinar Aysel a arremessar. – Ele aponta para mim devagar, as mãos desajeitadas e vagarosas. Eu me pergunto se ele tinha o costume de falar com as mãos, mas agora está enferrujado. – Está olhando para a próxima superestrela do basquete.

Forço um sorriso e só posso imaginar como deve parecer terrivelmente falso.

– Ele me disse que podia ensinar um gato a arremessar, então ofereci uma aluna mais difícil ainda. Eu.

A sra. Franklin ri, mas ainda sinto um pouco de hesitação.

– Ora, tudo bem, crianças. Divirtam-se. Mas Roman… – Ela põe a mão no ombro dele, e as unhas pintadas de rosa brilham com a luz dos faróis do carro. – Vai me ligar se ficar até tarde na rua?

– Claro, mãe, sem problema.

Ele lhe dá um abraço frouxo e vira o rosto quando ela corre os dedos pelos cabelos curtos.

Ela acena para nós no caminho de volta para a casa. Roman se senta no banco do passageiro, e ficamos alguns momentos em silêncio.

– Que bom ver você também – digo.

– Já disse para parar de fazer piadinhas.

– Não era uma piada. – Ligo o motor. – Então, vamos passear no parquinho? – Uso as palavras que ele usou antes.

"Passear" soa muito menos mórbido que: "Onde vamos planejar nossa morte conjunta?"

– Claro. O velho parquinho é uma boa.

Ele olha pela janela e parece ainda mais distante do que da primeira vez que nos encontramos.

O carro percorre a rua de Roman e pego a esquerda na avenida principal.

– Você esquece que não sou de Willis. Não sei onde fica o velho parquinho.

Talvez ele seja o tipo de pessoa que transforma mentiras em verdades na cabeça. Tipo, só porque ele disse aos amigos que me conheceu no antigo parquinho, de alguma forma o universo transformou a lorota em verdade.

– Continue por aqui e pegue a direita na Passagem do Gambá.

Só numa cidade como Willis, Kentucky, haveria uma rua chamada "Passagem do Gambá".

– Você me conquistou na Passagem do Gambá.

Ele me olha com raiva.

– Tudo bem, tudo bem. Vou parar de gracinha.

– Você está me deixando louco – diz ele.

– Por quê?

– Suas piadas. Parece que leva a coisa toda a sério, mas sempre que começa a falar disso fica toda alegrinha.

Solto uma risada. A mesma que vem sempre que estou falando com Laura. É aguda e abafada.

– Viu?

– Desculpe. Dou risada quando estou nervosa.

– Por que está nervosa?

Viro à direita na Passagem do Gambá.

– Porque está me interrogando para saber meus motivos. E li uma vez que um dos efeitos colaterais da depressão é um desejo irresistível de fazer piadas ridículas.

Ele franze o cenho.

– É sério.

– Não acho que seja verdade.

– Procura, então.

– Tudo bem, vou procurar. – Ele cruza o braço e olha pela janela. – Então, você vai me dizer ou não?

– Dizer o quê?

Meu carro pula em uma valeta na Passagem do Gambá.

– Por que quer fazer isso.

Vejo o parquinho no lado esquerdo da rua. O "velho parquinho" aparentemente consiste em um balanço enferrujado, uma quadra de basquete completa, cheia de rachaduras, com um cesto de malha metálica e três mesas de piquenique apodrecendo. Parece que tinha uma caixa de areia, mas em algum momento, acho, a areia foi substituída por cascalho. Latas de refrigerante e sacos de batata frita estão espalhados na grama enlameada. De alguma forma, o parquinho parece mais um cemitério. Como a prova decrépita de lembranças desbotadas, de tempos melhores. Talvez seja por isso que RobôCongelado gosta tanto daqui.

Estaciono o carro e olho para ele. Seus joelhos estão dobrados e batem no console, mas ele parece não se importar. Os olhos castanhos se arregalam ao examinar o parquinho.

– Você não me disse por que quer fazer isso. Não sabia que estava nos planos dividirmos isso um com o outro – digo.

Meus pulmões se contraem, um alerta para não revelar uma informação e mais tarde me arrepender de ter contado.

Ele abre a porta e sai do carro. Fico sentada por mais alguns segundos e fecho os olhos com força. Sei que contradiz toda a ideia de ter um Parceiro de Suicídio, mas uma parte gigantesca em mim não quer contar meus motivos a RobôCongelado. Não quero que ele comece a me olhar do jeito que os outros garotos e garotas da escola me olham, como se eu fosse uma bomba-relógio fazendo tique-taque. Gosto de que Roman pense que ele e eu somos parecidos. Gosto de ter alguém para me relacionar. Não quero arruinar tudo.

E, pior, como ele conhece Brian Jackson, não acho que levaria numa boa o que meu pai fez. Claro, talvez não seja mais próximo de Brian, mas tudo parece muito desconfortável, considerando que meu pai é responsável pela tragédia que assombra a família de Brian – o mesmo motivo por que o irmão não foi para as Olimpíadas. Sem chance de eu contar para Roman. Não vou arriscar a possibilidade de ele me dar um bolo.

Tudo o que ele precisa saber é que estou pronta para morrer. Deve ser suficiente.

Roman dá uma batidinha na minha janela. Saio do carro e me recosto na lataria.

– Desculpe – diz ele. – Sou mesmo um babaca às vezes. Desde que…

Ele hesita, cobre os olhos com a mão para olhar o céu. O sol quase se pôs, então não sei por que está preocupado em proteger os olhos. Talvez seja apenas

um hábito. É engraçado… quantas coisas fazemos por hábito.

– Desde que o quê? – incentivo.

Ele caminha até uma das mesas de piquenique e se senta no tampo. Sento-me ao lado dele e respiro o aroma de madeira úmida, apodrecida. O céu é de um índigo nevoado. O pôr do sol em março sempre é assim em Kentucky. É como se o céu tivesse umidade demais para produzir qualquer cor que não seja alguma variação de azul.

– Desde que ela morreu.

– Quem morreu?

Não esperei um segundo antes de perguntar. Provavelmente não é educado, mas imagino que nenhuma das regras sociais normais se aplique ao meu relacionamento com RobôCongelado.

– Minha irmã. Minha irmã mais nova. Tinha só nove anos.

Começo a roer a pele ao redor da unha do dedão e encaro o perfil de Roman. Ele puxa os joelhos para o queixo, dobrando-se como uma cadeira de praia.

– Bem jovem.

Por um breve momento, penso em Mike. Ele tem nove, quase dez anos.

– Jovem demais.

– Dezessete é jovem – comento.

– Está tentando me persuadir a não fazer isso agora?

– Não. Estava apenas enfatizando que não acho que você precise morrer só porque ela morreu. É como…

Ele me interrompe.

– Ela morreu por minha causa. – A voz dele vira um rosnado baixo, e eu me afasto.

– Como assim?

Os ombros tremem quando ele expira alto.

– Eu estava cuidando dela uma noite. Mas não estava cuidando de verdade, sabe?

Não sei, mas meneio a cabeça de leve, encorajando-o a continuar.

– Minha namorada estava lá em cima, e Madison, minha irmã…

Ele respira várias vezes bem depressa, e eu fico apavorada, pois ele está prestes a chorar. Nunca sei o que fazer quando as pessoas choram. Não choro desde os dez anos. Acho que é porque a lesma preta sugou todas as minhas possíveis lágrimas.

Roman continua.

– Madison queria tomar banho, e eu disse que tudo bem. Mas, veja, Maddie tinha convulsões. Tipo, convulsões bem feias. Então, não podia tomar banho sozinha.

– Ah – digo num resmungo, imitando a estratégia de Laura.

– Mas eu queria, sabe, com Kelly.

– Espera – digo. – Kelly não era a garçonete da lanchonete?

Ele nega com a cabeça.

– Não. Aquela era Suzie.

– Mas Travis insinuou que vocês saíam.

– Saímos um tempão atrás.

– Você tinha várias namoradas?

Tento não ficar boquiaberta.

– Está falando sério? – Ele ergue as mãos. – Estou contando minha história e você me pergunta isso?

Dou de ombros e volto a mordiscar o dedão. Chuto a perna da mesa de piquenique. Ela balança e, por um segundo, parece que vai despencar.

– Continua.

– Não vai me pedir desculpas?

– Meio que não significa mais nada, não é? Essa palavra? Especialmente quando você pede para eu dizer isso?

Ele franze as sobrancelhas até se juntarem, como se estivesse considerando se a "desculpa" tem ou não validade. Por um instante, eu me sinto um pouco mal e digo:

– Tem razão, me desculpe.

– Tá, tudo bem. – Ele volta para a posição de cadeira de praia. – Então, eu disse a Maddie que podia tomar banho, porque fui idiota e tudo em que eu conseguia pensar era que, se ela tomasse banho, eu teria quinze minutos a sós com Kelly, então Kelly e eu fomos para o quarto e eu liguei a música bem alta para Maddie não nos ouvir, sabe?

De verdade, não sei. Meio que fico surpresa por RobôCongelado pensar que já tenho uma vida sexual ativa.

– Então, Kelly e eu… – Ele me dá um olhar desconcertado e balança as mãos ao lado do corpo. Compreendo as pistas não verbais. – Daí eu saí do quarto para ver Maddie e… – A voz dele falha, e eu o ouço reprimir um soluço. – Encontrei minha irmã morta na banheira. Ela se afogou durante uma convulsão. Se ela gritou por socorro, eu não ouvi, porque estava muito ocupado fazendo coisas com a idiota da minha namorada.

A história dele bateu em mim como um golpe no peito. Respiro fundo enquanto tento processar o que ele acabou de me confessar. Sei que deveria dizer algo solidário, algo gentil e reconfortante. Mas a lesma preta dentro de mim comeu todas as coisas gentis, reconfortantes e solidárias possíveis que eu pensaria em dizer. Então, solto:

– Mas o que isso tem a ver com dirigir? Tipo, pensei que você tivesse sofrido um acidente terrível ou algo assim.

Roman ergue a cabeça, e eu vejo que seus olhos estão vermelhos. Ele salta da mesa.

– Sabe de uma coisa? Esquece. Pensei que podia fazer isso com você, por mais estranha e perturbada que você seja, mas acho que não vai dar.

– Roman, por favor. – Eu me levanto do tampo da mesa, olhando para ele. – Não é justo. Não sei o que você espera de mim.

Ele corre a mão pelos cabelos curtinhos, recusando-se a me olhar. Encara o chão enlameado.

– Esperava que não tirasse sarro de mim.

– Tirar sarro de você? Como estou tirando sarro? Você que acabou de dizer que sou perturbada.

– Você não se acha perturbada?

– Sei que sou perturbada.

Ele bate palmas bem devagar.

– Obrigado, senhoras e senhores. Ao menos em uma coisa a gente concorda.

Eu pulo e fico em pé ao lado dele. Resisto à tentação de agarrá-lo pelo braço.

– Para com isso. Ainda podemos ir em frente. Eu só não sei o que dizer. Não sou psiquiatra.

– Dá pra ver – diz ele, e balança a cabeça para mim.

Aos poucos, um sorriso malicioso se abre em seus lábios.

– Queria que eu sentisse pena de você? – pergunto, indo até o balanço.

Agarro os elos suaves da corrente e me acomodo no banco de metal com a pintura lascada. Começo a dar impulso com as pernas, me esforçando para alcançar o máximo de altura que consigo. Talvez, se eu empurrar o suficiente, vou voar, e minha energia cinética vai me projetar para fora deste universo. Improvável, mas uma garota pode sonhar.

Ele não me responde, então digo:

– Não sinto pena de ninguém.

– Por quê? Porque a vida de ninguém pode ser pior que a sua?

Roman se senta no balanço ao meu lado sem fazer força para se movimentar. O balanço paira com o peso, mas ele não empurra com as pernas.

– Não – respondo. – Eu só imaginei que o mundo todo sente pena de você. Você obviamente não está procurando alguém que faça o que todo mundo já faz.

Estou indo cada vez mais alto e sinto o assento do balanço ranger.

– Cuidado – avisa ele.

– Por quê?

Não estou pensando em tomar cuidado. Estou pensando no último empurrão, em soltar, voar e cair.

– Você não pode morrer sem mim – sussurra ele.

SÁBADO, 16 DE MARÇO

Faltam vinte e dois dias

Roman me pede para ir até Crestville Pointe. Crestville Pointe é um parque que fica naquelas colinas imensas sobre o rio Ohio. As margens do parque são compostas por penhascos rochosos, e para Roman esse seria o lugar perfeito para morrer.

Não estou muito convencida.

– E se o impacto não nos matar? – pergunto. – Podemos ficar vivos por no mínimo uma hora na água, gemendo e agonizando, cegos de dor. Poderia levar um bom tempo até morrermos de verdade. Não quero uma morte lenta e dolorosa. Não foi para isso que me candidatei.

– Você é seriamente perturbada. Sabe disso, não é? – diz ele, caminhando pela trilha.

Estamos tentando encontrar a maneira mais fácil de chegar ao penhasco. Os guardas do parque tentam dificultar, em grande parte porque não querem adolescentes saltando do penhasco para cair na água por diversão, pois há probabilidade de morte. Espero que ela seja mais que provável.

– Estou pensando nisso há mais de onze meses – conto. – Certo, sou perturbada. Mas também tenho mais visão.

– Pode parar com essa bobagem de onze meses. Quero tanto quanto você. Além do mais, você não tem ideia do que é viver com esse tipo de culpa.

A voz de Roman é fria, e ele não para de avançar pela colina. Está quase correndo, e me esforço para acompanhá-lo.

– Tem razão, não tenho. Mas você não sabe bosta nenhuma sobre mim.

Eu mal consigo vomitar a frase. Recosto-me e abraço meu corpo, arfando pesadamente. Eu deveria sair mais. A grama fria faz cócegas nos tornozelos, esgueirando-se no espaço de pele exposta onde os jeans deveriam encontrar os tênis. Os jeans são curtos demais para mim, mas prefiro engolir grama a sair para fazer compras com a minha mãe e Georgia. Imagino que eu possa viver mais algumas semanas sem calças novas.

– Não sei nada sobre você porque você não me diz nada – retruca ele. Não parece estar sem fôlego. Desgraçado.

Aponto para uma clareira.

– Aposto que, se a gente cortar caminho por aqui, vamos chegar mais perto da água.

Ele me segue pela grama. É difícil ver aonde estamos indo, pois está escuro, e

eu me pergunto se, em um golpe irônico do destino, poderíamos voar penhasco abaixo sem nem perceber. Como a última piada do universo: você não pode planejar sua morte, mesmo quando tenta.

A clareira de grama aos poucos volta a ser floresta. Troncos grossos e escuros nos cercam, e nossos sapatos estalam folhas e galhos. Eu quase tropeço em uma raiz alta, e Roman me segura. O problema do rio Ohio é que não faz um barulho perceptível. Nenhum marulho ou gorgolejo. Mas ainda assim percebo que estamos nos aproximando. Quase sinto o cheiro e o gosto mofado, úmido do rio.

O solo muda de lama de floresta para cascalho. Chegamos à beira. Encaramos o rio; o único som ao redor é o pio de poucos pássaros.

– Não entendo por que você não me conta nada – diz ele por fim.

– Por que está tão curioso? Importa mesmo saber por que quero morrer?

– Meio que sim – responde ele.

– Por quê?

– Porque, se for uma coisa estúpida, vou tentar convencê-la a não se matar.

Eu dou risada.

– Não, você não faria isso.

– Sim, faria.

– Não faria, porque você perderia sua carona, lembra? Não vai conseguir se livrar de sua mamãe querida. Aliás, você nunca explicou isso.

Embora o sol já tenha se posto, ele faz novamente aquele gesto de proteger os olhos com as mãos para olhar o céu. Estamos tão perto que eu até vejo os buracos na gola da camiseta preta. Sua clavícula é pontuda e visível por baixo da pele; ele é mais magro do que eu havia notado.

Roman me flagra encarando e dá alguns passos para longe de mim, criando um espaço entre nós.

– Depois que Maddie morreu, me mandaram para a terapia. Muita terapia. Os médicos sugeriram aos meus pais que deviam me proibir de dirigir, porque estavam preocupados com minha capacidade de concentração. Também sugeriram que eu nunca fosse deixado sozinho. Ao que parece, estar completamente sozinho tende a deixar as pessoas mais deprimidas, mas, pelo que posso dizer, a dor da morte de Maddie não muda se eu estiver sozinho ou não.

Terapia. Logo depois que meu pai se foi, minha escola me obrigou a ir a sessões com a orientadora pedagógica três vezes por semana. Mas as reuniões não eram produtivas. Eu ficava lá, sentada, murmurando uma música clássica, e encarava sua exagerada coleção de vasinhos de planta. No fim das contas, ela desistiu de mim.

– O quê? – pergunta ele.

Devo ter feito uma careta.

– Nada. Uma vez me mandaram para a orientação pedagógica, então achei engraçado a terapia não ter funcionado para você também.

– Engraçado?

– Engraçado, não. Irônico.

– Não sei se esse é o uso correto da palavra, mas você parece mais inteligente que eu, então confio em você.

– Confia em mim?

Ele não responde. Senta-se na beirada do rio e se deita. Cruza as mãos atrás da cabeça e abre os cotovelos. Sento-me ao lado dele. Não me deito, mas puxo os joelhos e apoio o queixo neles.

– Quer morrer na água porque foi como ela morreu?

Ele fecha os olhos e confirma de leve com a cabeça.

– Parece justo.

– Podemos fazer aqui, se quiser. Só estou nervosa.

Desdobro os joelhos e estendo a mão para sentir o solo. As pedras são ásperas ao toque da minha mão.

– Tenho certeza de que é uma reação normal se sentir nervosa.

Expiro alto.

– Não estou nervosa pelo ato em si.

– Ah, você é tão durona que a ideia de pular deste penhasco não deixa você nem um pouco nervosa?

Roman fica de lado para me olhar de frente.

– Tudo bem, talvez esteja um pouco assustada. Mas fico mais assustada com o que vem a seguir.

Ele volta a se deitar de costas.

– Quer dizer, com o que vai acontecer quando estivermos mortos?

Pego um punhado de cascalho e deixo que passe por entre os dedos.

– Nunca pensou nisso? E se não for o fim e apenas seguirmos para um lugar ainda pior do que este aqui?

Ele se senta e pega uma pedra. Joga-a da beira do penhasco. Ela parece desaparecer quando cai no rio – pequena demais até mesmo para agitar a água.

– Qualquer lugar deve ser melhor que isto aqui.

– Mas você acha que é realmente possível morrer?

Seu rosto endurece, os músculos do maxilar enrijecem e os olhos faíscam como se estivessem em chamas. Será que RobôCongelado era diferente antes da morte de Maddie? Com cabelos castanhos, pele clara e maxilar quadrado, definitivamente tem uma beleza clássica. Sabe, daquele jeito óbvio. Quer dizer, é o tipo de garoto que participa dos elencos de comerciais de volta às aulas. De qualquer lugar que se visse Roman era possível dizer que era popular no colégio. Sim, Roman é um deles.

Porém, quanto mais olho para ele, mais começo a perceber que há algo diferente, diferente dos Tyler Bowen e Todd Robertson do meu mundo. Lembro o que eu disse quando nos conhecemos – RobôCongelado é de fato congelado.

Todos os movimentos e expressões faciais têm uma tensão, como se ele tivesse sido esculpido em pedra, trancafiado em uma câmara de gelo e trazido de volta à vida recentemente. Não sei como descrever, mas, quanto mais o encaro, mais vejo a dor o envolvendo, como algemas que nunca poderá tirar. Tento imaginá-lo sem a dor, sem o peso, sem o congelamento, mas é difícil enxergá-lo sem que esteja desesperadamente triste. É, ele parece alguém destinado a ser popular e bem-sucedido, mas também parece alguém que foi feito para se enlutar.

E o luto lhe cai bem.

– Como pode perguntar uma coisa dessas? – A voz dele me traz de volta à realidade. – É óbvio que é possível morrer. Maddie morreu. Ela está morta. Se foi.

Dou de ombros, esfregando a palma das mãos no cascalho. As pontas das pedras riscam a pele.

– Tenho pensado muito na energia do universo. Se a energia não pode ser criada ou destruída, apenas transferida, o que acha que acontece com a energia das pessoas quando morrem?

Ele balança a cabeça, levanta e se afasta mais de mim, chega mais perto da beira do penhasco. Eu o sigo. Olhando para o rio lá embaixo, tento imaginar a sensação de bater na água. O rio Ohio se move tão devagar, não há agitação ou revolta, apenas uma corrente preguiçosa. Talvez a água me abrace forte, arrancando todo o ar dos pulmões. Talvez seja como se eu estivesse sendo embalada para dormir, talvez eu seja puxada para baixo e tudo fique preto e seja como um sonho. Talvez.

– Você pode morrer, é fato. – Ele repete o argumento de antes. – Maddie está morta. Eu não vejo a energia dela em lugar nenhum.

– Só porque você não consegue ver não significa que a energia dela foi embora.

As mãos dele se erguem ao lado do corpo. Ele pega outra pedra e joga do penhasco.

– Tem que parar de me falar essas coisas. Me deixa maluco.

– Me deixa maluca também – digo com suavidade.

– Preciso pensar que, quando morrermos, vamos estar mortos. Não consigo pensar em outra coisa.

– Tudo bem.

Concordo em parar de falar, mas não significa que eu consiga parar de pensar nisso.

Em silêncio, voltamos a olhar o rio. Voltamos a imaginar nossas mortes aquáticas.

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE MARÇO

Faltam vinte dias

Segunda-feira de manhã é provavelmente o pior momento da semana. Não consigo nem ficar quinze minutinhos a mais na cama porque Georgia sempre acorda mais cedo para escarafunchar o armário inteiro. Deus a livre de escolher o modelito errado. Pelo visto, a aparência da segunda-feira é muito importante – segundo Georgia, o que você veste nesse dia determina como será o restante da semana. Tipo, se você se vestir realmente bem e receber toneladas de elogios, vai passar na prova de matemática na quinta-feira. Não acho que polinômios tenham algo a ver com saltos plataforma ou jeans skinny, mas Georgia está convencida disso. O bom é que uso uma variação das mesmas coisas todos os dias – camiseta de manga longa cinza listrada, jeans pretos, tênis cinza –, então não há como as coisas serem diferentes para mim.

– Aysel – sibila ela. – Aysel, acorda.

– Georgia – gemo, rolando para o lado. Aperto o rosto com mais força no travesseiro na esperança de abafar seus ruídos. – Não quero saber se você vai usar o vestido-suéter roxo ou a saia-lápis vermelha. Tenho certeza de que vai ficar bonita de qualquer jeito.

Ouço a ponta da minha cama ranger. Georgia começa a me cutucar na cintura, e eu me retorço para me afastar dela, minhas pernas e braços enrolados nos lençóis.

– Droga, o que foi?

– Acorda! – Ela quica na cama e fica em pé. – Olhe pela janela.

Esfrego as têmporas. Planejava dormir ao menos mais quinze minutos, vinte se eu decidisse não pentear os cabelos. Suspirando, me esforço para sair da cama. Tropeço até a pequena janela que fica bem no meio da parede ao fundo do quarto. Essa janela tem sido nossa linha divisória nos últimos três anos – lado esquerdo para mim, lado direito para Georgia. Seu lado é coberto com páginas que arrancou de revistas de moda, fotos de amigos e sua coleção de saleiros. Ela tem essa estranha obsessão por saleiros únicos – em forma de corujas, caminhões, lobos – que encontra em lojas de um e noventa e nove. Minha parede não tem nada.

– Olha – insiste ela, apontando para a janela.

Lá fora, vejo que a grama está coberta de neve. Pisco porque o sol faz o jardim inteiro reluzir. A neve está empilhada nos troncos dos carvalhos e, pelo que vejo, deve ter ao menos uns dez centímetros de altura.

– Não é incrível? – diz Georgia, batendo palmas atrás de mim. – A escola vai fechar!

– Nunca neva em março – observo.

– Nevou uma vez, quando éramos pequenas, lembra?

Lembro. Foi um dia legal. Eu não tinha mais que nove anos, Georgia devia ter uns sete na época, e Mike, dois. Meu pai me levou para passar o dia lá porque insistiu em trabalhar na loja, esperando talvez conseguir alguns clientes de passagem, pois nenhuma criança iria à escola.

Naquela manhã, minha mãe fez panquecas com gotas de chocolate para nós, depois passamos o resto do dia montando bonecos de neve no quintal e escorregando a ladeira da rua Vine com trenós. Parecia mesmo um dia em família – eu não me senti uma intrusa que aparecia de visita apenas aos fins de semana.

Isso foi há muito tempo.

Tudo fica silencioso por alguns momentos. Eu encaro a neve fresca pela janela, e Georgia me observa. Nenhuma de nós sabe mais como conversar.

– Acho que vou voltar a dormir – digo.

É isso que significa um dia de neve, não panquecas e bonecos de neve, mas horas a mais na minha cama. Sozinha.

Ouço-a fazer o equivalente verbal de um franzir de testa – um bufar lamurioso.

– Ainda está cansada do sábado à noite?

– O quê?

– Você ficou fora até tarde – responde ela.

Eu caio de costas na cama e puxo o edredom sobre o rosto. Não vou falar sobre Roman com Georgia. Nem agora, nem em um milhão de anos.

Ela se senta na ponta da minha cama de novo.

– Quem estava com você? Está namorando ou algo assim?

Não consigo evitar e dou uma gargalhada. Se eu tivesse um namorado, seu nome seria Suicídio. E tenho certeza de que Roman também está apaixonado por ele. É como um triângulo amoroso que dá errado. Ou talvez seja um triângulo amoroso que vai dar certo: nós dois vamos ficar com o cara em sete de abril.

Ela bufa, e quando se levanta eu sinto a cama se mexer.

– Tudo bem. Pode rir de mim. Eu só estava tentando conversar com minha irmã mais velha. Desculpe por fazer esse esforço.

Ah, agora você quer falar comigo? Sinto vontade de gargalhar de novo. Que ironia. Está apenas interessada em falar comigo quando quinze centímetros de neve impedem que ela se encontre com os amigos.

– Meia-irmã – corrijo e, por um segundo, me sinto um pouco culpada. Mas a lesma preta vem para ajudar.

– Você está impossível – retruca ela, e suspira. Se eu não a conhecesse bem,

diria que está triste. Ela se recosta à parede, as mãos na maçaneta da porta. – Sabe, mamãe fez panquecas.

Ouço a porta bater quando ela sai. Após alguns segundos, abre de novo.

– Ah, sabe, Steve… – Ela diz "Steve" do mesmo jeito que eu sempre faço, estendendo a palavra como um elástico frouxo. Faz uma pausa estranha e depois continua. – É, Steve, ele está no trabalho. A Sparkle não fechou a fábrica.

– Você diz, seu pai – corrijo-a de novo. – Seu pai está no trabalho.

– É, meu pai. Aquele que você odeia sem motivo compreensível. Aquele que deu uma casa para você morar.

É isso. Jogo o edredom de lado e me sento na cama.

– Que generoso da parte dele. E eu não o odeio, Georgia.

– Ah, não? Bem, você age como se odiasse. Estou cansada de você o dia inteiro sentindo pena de si mesma só pelo que seu pai fez. Vou te contar uma coisa: você não é seu pai. E devia parar de culpar todo mundo pelo que ele fez. Você mesma, inclusive.

Diga isso para todo mundo, penso. Lanço um franzir de cenho meio rosnado, esperando que ela me deixe em paz, mas ela não se move. Georgia me encara por um tempo, as mãos nos quadris esguios. Retribuo o olhar, tentando imaginar como podemos ser meias-irmãs. Com sua pele clara, cabelos cor de mel e nariz mínimo, ela parece um protótipo de candidata a Miss Kentucky. Ela é como o sol, e eu sou como a lua acidentada, ressentida. A única coisa que temos em comum são os olhos. Temos os olhos escuros e amendoados de nossa mãe.

Seu cabelo está trançado, e ela usa short-boxer e uma camiseta enorme dos Kentucky Wildcats. Será que ela desistiu da regra de segunda-feira? Estou prestes a comentar, mas antes que eu faça isso ela diz:

– Eu só queria que você não fosse tão triste o tempo todo, Aysel.

Eu também, Georgia. Eu também.

Respiro fundo e me levanto da cama.

– Eu já desço e encontro você para comermos panquecas. Só vou escovar os dentes.

Ela sorri como se eu tivesse acabado de dizer que ela gabaritou a prova de matemática e sai do quarto saltitando. Não me lembro de vê-la pular assim desde a última vez que nevou em março.

Entro no banheiro, passando pelo corredor, e ponho um pouco de pasta na escova de dente. Volto para o quarto com a escova na boca e escovo os dentes enquanto olho pela janela. Ouço minha mãe, Georgia e Mike conversando na cozinha.

– Ela já está descendo – conta Georgia.

– Ai, que bom! – diz minha mãe. – Fico tão feliz que a tenha convencido de sair da cama.

O cheiro de xarope de bordo enche a casa toda. Ouço Mike batendo os punhos

na mesa da cozinha.

– Ponha mais gotinhas de chocolate – sugere ele. – Aysel ama gotinhas de chocolate.

Meu coração se enternece, e espero a lesma preta levar aquele sentimento embora, mas ela não leva. A ternura vira uma dor pequena, aguda – vai ser mais difícil deixá-los do que imaginei.

Quando calço o chinelo e desço pesadamente as escadas, me flagro desejando que todos os dias fossem assim. Se todos os dias fossem assim, não acho que estaria tão ansiosa para partir.

O problema é que é um milagre nevar em março. Não se pode viver de milagres.

QUARTA-FEIRA, 20 DE MARÇO

Faltam dezoito dias

Tyler Bowen está me esperando junto a uma das mesas da biblioteca da escola. Imaginei que fosse jogar tudo para o alto, mas parece que às vezes eu me engano em relação às pessoas.

A biblioteca da escola é menos biblioteca e mais central de mídia. Fica no meio da escola, um espaço vazado que encheram de computadores, mesas e frágeis estantes de plástico. Recentemente, penduraram banners de Brian Jackson na parede dos fundos. São os mesmos que estão pendurados na TMC. Não consigo fugir deles.

– Oi, irmã da Georgia – diz ele quando me sento.

– Você sabe que eu tenho um nome, certo?

Abro o zíper da mochila e puxo o caderno de física.

O rosto pálido de Tyler fica vermelho, ressaltando as sardas.

– Que foi?

Tiro a tampa da caneta e dou batidinhas na mesa.

– Não sei pronunciar seu nome.

Eu dou risada, e seu rosto se cobre com um tom de vermelho mais escuro.

– Não tem graça – retruca ele, baixando a cabeça. – Você tem um… nome estranho. Seu pai que escolheu?

Pisco, um pouco surpresa por ele falar do meu pai por vontade própria.

– Acho que minha mãe escolheu. Mas não tenho certeza.

– Então, como se pronuncia?

– Aysel – respondo. – Rima com pincel.

Ele estreita os olhos, confuso, então repito:

– Â-zél.

– Entendi, Aysel – diz ele, pronunciando de um jeito exagerado, mas já é um começo.

– É sério que você não sabia como se diz meu nome?

– Tinha uma ideia, mas não certeza. Sabe, é difícil pronunciar.

– Entendi. – Dou de ombros quando percebo que me vejo da mesma maneira que Tyler me vê: como uma variável desconhecida. – Então, vamos começar?

– Vamos, claro.

Ele corre as mãos pelos cabelos ruivos. Será que ele acha que isso o faz parecer suave?

– Alguma ideia para o projeto?

Mordisco a ponta da caneta para que eu não pareça nada suave.

Tyler não responde. Ele se recosta na cadeira e acena para um dos colegas do basquete que acaba de entrar na biblioteca. O amigo grita alguma coisa para ele, mas toma uma bronca da srta. Silver, a bibliotecária da escola.

– Olha só, me dá um minuto? – pergunta Tyler.

– Claro.

Eu o observo atravessando a biblioteca para encontrar o amigo. Posso ver que estão cochichando, apontando na minha direção. Tyler arrasta os pés e ergue os ombros. Imagino que esteja explicando que foi forçado a fazer dupla comigo.

– Falou, cara – ouço Tyler dizer.

– É, boa sorte – responde o amigo.

Em seguida, Tyler volta para a mesa, mas seu passo é lento, como se estivesse se esforçando ao máximo para mostrar que é uma punição. Não uma escolha.

– Desculpe.

Dou de ombros.

– Não precisa se desculpar. Vamos voltar ao trabalho.

– Isso aí, Aysel.

– Não precisa falar meu nome toda vez. – Enfio a mão na mochila e puxo o livro de física. Deixo cair na mesa com um estrondo. – Então, tem alguma boa ideia para o tema do projeto?

– Tema?

É óbvio que Tyler Bowen não presta muita atenção à aula.

– É, tema. O sr. Scott disse que nosso projeto precisa girar em torno de um tema.

– Ah, esse tema. – Ele estende as pernas longas. – Por que não basquete?

Olho para ele, incrédula.

– Sério?

– É, sério! – Tyler se debruça sobre a mesa. – O sr. Scott usou o basquete como um dos exemplos, então está na cara que ele ama esse tema.

– Ou que já foi feito centenas de vezes. Acho que temos de ser criativos.

Por outro lado, nem sei por que estou dando bola para esse projeto. Encontrar Tyler é uma perda de tempo. Minha nota não importa. Vou ter ido embora antes de entregarmos o trabalho.

Mas quero fazer um bom trabalho para o sr. Scott. Mesmo se eu não estiver por aqui para ver sua reação, quero que saiba que levei a matéria a sério. Abro uma página em branco do caderno. Bato a caneta no papel, esperando que uma ideia surja.

– O que quer dizer com criativos? – Tyler diz a palavra como se fosse tão estranha para ele quanto meu nome.

– É, criativos. Por que não vamos ao zoológico ou algo assim?

Anoto a ideia.

Ele faz uma careta.

– Zoológico? Esse lugar é pra criancinhas.

– Ah, para com isso. Aposto que você amava.

– Quando tinha, tipo, onze anos.

Ele mexe nos cabelos de novo. Não dá para negar que são brilhantes e macios. E, pelo visto, ele sabe.

– O zoológico é perfeito – continuo. – Há muitas oportunidades para tirar fotos. Tipo morcegos pendurados de cabeça para baixo, eles têm tanto potencial. E talvez a gente possa fotografar um leão comendo carne crua e intitular a foto "Transferência de energia".

– Mas o zoológico fica a milhões de horas de distância, lá em Louisville. Não podemos escolher algo mais fácil?

Não dá para escancarar a verdade para Tyler: quero ir ao zoológico uma última vez antes de morrer. Amaria ver os leões tomando banho de sol ou ursos-polares chapinhando na água do lago. RobôCongelado provavelmente me diria que sou medrosa por pensar nisso, mas não consigo evitar.

– Certo, é uma viagem longa, mas assim que chegarmos lá vai ser fácil. Há tantas coisas que podemos fotografar – argumento, cruzando mentalmente os dedos.

– Tem razão, Aysel que rima com pincel. Vamos com o tema zoológico.

Ele pega minha caneta, puxa o caderno e o balança no ar. Estico a mão para pegá-lo de volta, mas é tarde demais.

Seus olhos se arregalam quando ele encara a página do caderno que abriu.

– Uau.

Pego o caderno e olho para a página. Dou um suspiro de alívio. Não é tão mau quanto poderia ser. Tem apenas um bonequinho de palito desenhado com um nó corrediço ao redor do pescoço. Acho que desenhei algumas semanas atrás, na aula, enquanto o sr. Scott tagarelava sobre ângulos e velocidade, e eu não conseguia parar de pensar em destruição de energia.

– O que é essa… forca?

– Desenhei quando estava entediada na aula. Você não fica entediado? O sr. Scott não para de falar de ângulos.

Meu coração está acelerado, mas faço o máximo para minha voz soar normal.

Ele fecha a cara, todas as feições retorcidas.

– Tem certeza de que não preciso me preocupar com você?

– Por brincar de forca?

– Não parece com nenhuma forca que já fiz – diz ele com suavidade.

Dou de ombros e me obrigo a sorrir.

– Acho que jogo uma versão mais bizarra de forca.

– Tudo bem…

Ele engole em seco, e percebo que está atrapalhado com as palavras. Deixei

Tyler Bowen sem palavras. Acho que posso riscar esse feito na minha lista de coisas a fazer antes de morrer.

Ele devolve o sorriso com timidez.

– Uma vez ouvi dizer que peixes são os melhores animais para se olhar se você está deprimido ou coisa assim. – Ele dá um soquinho de leve no meu ombro, como se fôssemos velhos amigos. – E o zoológico tem um aquário bem grande.

Olho de esguelha para o banner de Brian Jackson. As palavras estão na ponta da língua, e fico meio tentada a contar a verdade para Tyler, que o desenho não é uma piada ou um jogo. Espero a sensação passar, mas não passa. Sou como uma granada feita de cerâmica: sólida, densa e fria, mas ainda assim frágil. Posso explodir a qualquer momento. Não quero estourar na frente de Tyler.

Com a voz mais firme que consigo manter, digo:

– Então, quando você quer ir ao zoológico? Deveríamos ir logo para começar o projeto de uma vez. Sei que você vai pensar que sou nerd, mas quero mesmo fazer um bom trabalho.

– Podemos ir no sábado – sugere ele.

– Durante o dia?

Acho que em tese estou escalada para trabalhar no sábado, mas provavelmente vou poder trocar de turno com alguém. Ou faltar. Meu trabalho parece mais inútil agora do que jamais foi.

Ele aperta os lábios com força, os olhos azuis brilhantes de surpresa.

– Por quê? Tem grandes planos para sábado à noite ou algo assim?

– Não – digo, me preparando para o soquinho de provocação.

Mas ele não vem.

– Que tal se eu te buscar por volta das dez?

– Pode ser.

Não preciso dizer onde moro; ele já buscou minha irmã algumas vezes. Aposto que ela vai ter um infarto quando vir Tyler Bowen na frente de casa, me esperando. O pensamento quase me faz sorrir.

– Que foi? – pergunta ele.

– Nada – respondo, e cruzo os dedos sobre a mesa. – Só estou empolgada para ir ao zoológico.

QUINTA-FEIRA, 21 DE MARÇO

Faltam dezessete dias

Hoje é o aniversário de dez anos de Mike. Estamos todos reunidos no salão de festas ao fundo do Pirate Jack's Laserplex. O Pirate Jack's Laserplex é exatamente o que o nome sugere: uma arena decadente de *laser tag* com cenário de piratas. Fica em um prédio parecido com um bloco de cimento, com pequenas janelas e assoalho de ladrilho manchado.

Steve sempre tem as quintas-feiras de folga, e minha mãe usou um dia das férias. Georgia e eu fomos direto da escola para ajudar nossa mãe a decorar o salão com bandeirinhas pretas e vermelhas, tampões de olho e moedas de ouro falsas. Se fechássemos os olhos, cobríssemos os ouvidos e girássemos algumas vezes, quase poderíamos acreditar que estávamos em um navio pirata, e não encalhados em Langston, Kentucky. Quase.

Estou sentada no fundo da sala, sozinha a uma mesa, com o presente de Mike no colo, segurando um copo de plástico com refrigerante de laranja na mão esquerda, tentando fingir que não me sinto ridícula usando um chapéu de pirata de papelão. Steve está diante dos colegas, tomando latas e mais latas de cerveja barata e aplaudindo toda vez que Mike abre uma bola de basquete ou uma luva de beisebol. Georgia, minha mãe e algumas amigas da minha mãe estão sentadas à mesa ao lado de Steve, fofocando sobre as líderes de torcida e lamentando que Christine Beth Thomas venceu Sandra Dewitt no concurso de beleza do mês passado.

De vez em quando, minha mãe me olha. Como eu já comentei, ela, Georgia e eu temos olhos iguais, mas minha mãe tem cílios diferentes. Os dela são opacos e têm aparência de gastos. Tem uma tristeza neles. Ela me flagra olhando para ela, e eu desvio o rosto.

Mike está rasgando a pilha de presentes como um tornado. Acho que é minha vez. Estendo a mão e deixo o copo de refrigerante com cuidado na mesa. Uma gota do refrigerante açucarado pula pela borda do copo e pinga na minha mão. Limpo-a na camiseta e pego o presente de Mike. Parece leve nas mãos, mas quero que seja pesado, significativo. Vou até ele.

Mike toma o presente.

– Ei, Aysel – diz ele, e os olhos verde-acinzentados se iluminam.

É assustador como Mike se parece com Steve, uma versão em miniatura. Os dois têm cabelo loiro ondulado, pequenos olhos redondos verde-acinzentados e queixos pronunciados, pontudos.

– Oi, Mikey. Feliz aniversário.

O restante do salão ficou em silêncio, nos observando. Embrulhei o presente em papel com estampa da fórmula $E=MC^2$. Parece que ele não nota. Rasga o papel rápido e, quando vê o presente, seus olhos se arregalam como bolas de beisebol.

Mike dá um gritinho e sacode no ar o presente, uma revista em quadrinhos. É uma edição de *O Espetacular Homem-Aranha*, autografada por Stan Lee. Ele abraça a revistinha e abre um sorriso para mim.

– Homem-Aranha? Que demais!

Ele olha a capa e corre o dedo pela assinatura, como se estivesse hipnotizado por ela. Depois, deixa a revistinha com cuidado na mesa ao lado dele e abre bem os braços, me puxando para um abraço apertado.

Minha boca fica seca, e o estômago, pesado como uma bola de boliche. Retribuo o abraço sem muita força e corro os dedos pelos cabelos ondulados.

– De nada, cara. Espero que curta ler essa revistinha nos próximos anos.

Ele aperta os olhos para mim como se soubesse que tem algo de errado no que acabei de dizer. O problema é que não consigo dizer o que queria. Deveria dizer que gastei quinze salários para comprar a revistinha porque queria muito que ele tivesse algo legal para se lembrar de mim. Para pensar em mim como uma pessoa legal, bacana, carinhosa. Não como a cria psicótica de um assassino que se suicidou quando ele tinha dez anos.

Quero ser mais que isso para ele. Sei que talvez nunca aconteça, mas sonho que daqui a alguns anos, quando eu tiver ido embora e Mike sentir minha falta, ele pegue a revistinha e se sinta melhor. Seguro. Vai saber que pode derrotar seus demônios exatamente do jeito que não consegui.

– Ei – ouço uma voz rude chamando.

Deixo os braços caírem da cintura de Mike e me viro. É um dos colegas de Steve. Tem cabelos castanhos lisos que caem nos ombros e está usando um boné de estampa camuflada.

– Ei – repete. – Esse negócio aí é caro. – Ele aponta para a revistinha com a lata de cerveja que tem na mão direita. – Espero que tenha conseguido por meios legais.

Ele abre um sorriso malicioso, revelando os dentes tortos e amarelados. Sua encarada mostra exatamente em quem está pensando: meu pai.

– Não se preocupe – digo. – Foi tudo dentro da legalidade. Comprei com meu dinheiro suado.

O homem vira a cabeça para olhar minha mãe.

– Então ela puxou a você, Melda?

Minha mãe assente, rígida, e vai até a frente do salão. Encaixa a mão na cintura de Mike e olha para mim.

– É um presente muito bonito, Aysel. Obrigada.

Engulo em seco a raiva que se revira no estômago. *Amo meu irmão mais novo. Claro que comprei um presente bonito para ele. Por que está tão surpresa, mãe?* Travo a mandíbula com medo do que pode sair se eu abrir a boca.

Mike é o único que nunca agiu como se fosse estranho eu ter ido morar com eles. Quando cheguei à casa de Steve, Mike estava me esperando na porta com um sorriso tão largo que pensei que seu rosto se partiria ao meio. Meu coração ficou feliz quando vi o sorriso banguela, e essa lembrança me dói. Quando cheguei, sempre lia para ele antes de dormir nas noites em que minha mãe trabalhava até tarde. E, às vezes, Mike implorava para eu brincar com ele no quintal. Corríamos à beça, chutando a bola de futebol suja de lama para lá e para cá. Mas, nos últimos tempos, não tive energia para fazer essas coisas.

Minha mãe passa por mim quase arrastando os pés e se posta atrás da mesinha com o bolo de aniversário.

– Mike, venha me ajudar a cortar o bolo.

Mike olha para ela e depois para mim. Então me dá outro abraço apertado e vai até minha mãe. Ele é pura energia, sorriso e amor. Mikey sempre foi assim.

Minha garganta está seca quando volto para a cadeira e observo minha mãe cortar o bolo de chocolate. A cobertura está derretida, pingando. Ela diz para todo mundo comer rápido, pois o jogo de *laser tag* está programado para começar em vinte minutos.

Enquanto devoram o bolo, os amigos de Mike se revezam para ver os presentes. Quando um deles pega a revista em quadrinhos com os dedos cobertos de chocolate, Mike tira a revista do menino.

– Não vai sujar, hein?

Ele me olha, meu coração fica apertado, e penso que a qualquer momento vai explodir. Às vezes, imagino que meu coração é como um buraco negro – tão denso que não há espaço para a luz, mas isso não significa que não possa me sugar para dentro dele. Vou sentir muita falta de Mike. Vou sentir tanta falta dele que quase não aguento pensar nisso.

Enfio o garfo na fatia de bolo e suspiro. Fico em pé e vou até a porta. Minha mãe vem atrás de mim e pousa a mão no meu ombro.

– Aonde você vai?

Suas pálpebras caem pesadas sobre os olhos, como se a qualquer segundo fossem fechar, e ela não fosse me ver nunca mais.

– Só ao banheiro.

– Tudo bem, mas volte logo. Não vai perder o *laser tag*.

Suas palavras são simples. Benignas. Mas sei o que ela quer dizer: não tenho direito de agir como uma garota triste e fracassada aqui. É a festa de aniversário de Mike, e eu preciso me esforçar. E o fato é que ela tem razão. Não seria justo eu ir ao banheiro e ficar amuada por horas.

Quero gritar com ela. Nunca se importa em perguntar o que há de errado ou o

que está acontecendo. Não quer saber. Embora minha mãe nunca tenha participado de concursos de beleza, aprendeu a atuar. É excelente em abrir um sorriso gigantesco, mesmo quando sei que quer chorar. Ou falar com voz calma e comedida quando sei que quer gritar. Às vezes, queria que ela gritasse. Esse jeito de sempre fingir que está tudo bem apenas faz com que eu me sinta mais louca do que já sou.

Imagino se sua fachada por fim desmoronaria se eu lhe dissesse o que vou fazer. Se ela soubesse o que RobôCongelado e eu estamos planejando. Tiro o pensamento da cabeça. Falar com ela faria mais mal que bem. Nada que ela tenha a dizer pode me salvar. Preciso me lembrar disso.

Atravesso o corredor, os olhos voltados para as manchas de sujeira que se espalham aos salpicos no ladrilho. Empurro a porta e saio. Fecho os olhos quando o vento frio estapeia meu rosto.

Ponho as mãos na neve que ainda não terminou de derreter. As pontas dos dedos congelam.

Faltam dezessete dias.

SEXTA-FEIRA, 22 DE MARÇO

Faltam dezesseis dias

– Não acredito que você vai me dar o cano amanhã – diz Roman.

Está sentado no colchão, se embalando para cima e para baixo. Apesar da altura, às vezes parece uma criancinha. Acho que a roupa dele também está me deixando confusa. Não está com a blusa de capuz e a calça de moletom habituais. A mamãe obrigou-o a vestir calças de sarja escuras e uma camisa de botão creme para a ocasião. Ele parece um pouco desconfortável, como se estivesse brincando de ser arrumadinho.

– Dar o cano?

Caminho pelo quarto dele. É bem simples, como o que eu havia imaginado. Não que eu tenha passado muito tempo imaginando o quarto de Roman. Com parede bege, o pôster obrigatório do time de basquete Wildcats da Universidade de Kentucky e os detalhes marrons, poderia muito bem ser o quarto de qualquer outro garoto do ensino médio.

No criado-mudo, vejo a fotografia de uma garotinha dentuça; a boca grande está bem aberta em um sorriso, e ela está mostrando a língua para quem tirou a foto. Tem o cabelo da mesma cor do de Roman, os mesmos olhos amendoados e fundos. Deve ser Madison.

A mãe de Roman está lá embaixo fazendo o jantar, sua experiência com a culinária turca. Vai ser interessante. O pai ainda está no trabalho, mas deve chegar em casa a tempo para o Grande Evento. Fico meio surpresa pelo fato de a mãe de Roman não ligar se ficarmos sozinhos no quarto. Parece pensar que está rolando algo entre mim e Roman, mas talvez seja mais inteligente do que pensei. Embora tenha dito para ele deixar a porta aberta… sei lá.

– Ei. – Eu me viro para encará-lo. – Por que você deixou sua mãe fazer isso?

– Isso?

Dou de ombros.

– O jantar falso. Não fica meio mal por ela estar se matando lá embaixo?

Ele para de balançar no colchão e baixa a cabeça.

– É, mais ou menos. Mas precisa ser assim.

Eu faço uma careta, confusa.

– Preciso que ela acredite que estamos ficando próximos – explica ele bem devagar. – Então, vai me deixar sozinho com você em sete de abril. Meio que não me deixaria passeando por aí com uma completa estranha no primeiro aniversário da morte de Maddie. Ela é esperta demais para isso.

Então, sou uma pecinha no jogo. Acho que já tinha entendido. É por isso que ele precisa de uma Parceira de Suicídio, no fim das contas. E, na verdade, ele é uma pecinha para mim também. Um meio até um fim. Ou melhor, o meio para o Fim.

Volto a xeretar o quarto de Roman. Tem uma bola de beisebol assinada que foi colocada estrategicamente dentro de um boné dos Cincinnati Reds.

– Meu pai pegou para mim – diz ele. – Foi a um jogo quando eu era pequeno.

Assinto com a cabeça e continuo mexendo nos objetos dele. Será que isso o incomoda? Eu, fuçando seus segredos enquanto ele observa? Olho para trás e ele está caído na cama, o queixo virado para o teto. Se está incomodado, não aparenta. Talvez seja o efeito colateral de saber que está prestes a morrer: nenhum de seus segredos importa mais. Depois que você for embora, todos vão ser descobertos mesmo. Revirados por outras pessoas.

Não gosto da ideia de outras pessoas xeretando meus segredos. Nem sei se tenho segredos. Além de RobôCongelado. E do segredo que escondo dele: o que meu pai fez.

– Então, você vai ao zoológico amanhã?

– Vou – digo, folheando um exemplar de *Viagem ao centro da Terra*. É quase bonitinho ver a leve obsessão que ele tem por Júlio Verne. Volto com o livro para a estante e puxo *Vinte mil léguas submarinas*.

– Eu gostava desses livros quando era mais novo.

– Ahã.

Viro a página e vejo as ilustrações em preto e branco. É um belo volume, do tipo mais caro. Edição de colecionador ou algo assim. Uma criatura marinha de aparência assustadora me olha com olhos grandes como toranjas. Fecho o livro de uma vez. Páginas soltas escapam. Pego uma delas. É um desenho a lápis de uma tartaruguinha. A imagem é tão bem desenhada que parece tridimensional. Embora seja desenhada com lápis artístico, é possível ter uma ideia do pescoço encouraçado da tartaruga e de seu casco liso. Mas tem algo diferente também – é quase como ver uma tartaruga através de lentes embaçadas. Há um quê de surrealismo na figura. As marcas no casco são muito enfatizadas, e as patas dianteiras são alongadas e finas.

Folheio outros desenhos; a maioria é da mesma tartaruga, mas descubro um que parece um retrato de Madison. Os olhos estão arregalados e sombreados com habilidade, e o desenho capturou o sorriso dentuço. Mas, embora Madison esteja sorrindo, há uma tristeza na imagem, como se o artista soubesse de seu destino final, mesmo que ela não soubesse. Não consigo tirar os olhos do desenho. É assustador.

RobôCongelado se contorce e desliza para a ponta da cama.

– São coisas idiotas. Larga aí.

Volto para o primeiro desenho da tartaruga e dou um passo na direção do

aquário de vidro que abriga o famoso Capitão Nemo. A tartaruga está subindo e descendo pela água, remando com os pés escamosos.

– Não são idiotas. São muito bons, de verdade.

Comparo o desenho com o Capitão Nemo da vida real. É quase perfeito, tirando o traço fantástico do desenho. A tartaruga que Roman desenhou parece triste, quase como se estivesse de luto. Os olhos de conta de vidro são pretos, e as patas traseiras parecem pesadas e inchadas demais para serem usadas para nadar.

– Foi você quem desenhou?

– Foi. – Sua voz é baixa, e consigo ouvi-lo se movendo na cama, o colchão rangendo embaixo dele. – Pode deixá-los aí? Estou com vergonha.

– Por que tem vergonha deles? Digo, você fez o Capitão Nemo parecer um pouco mais emo do que eu acho que é, mas, tirando isso, é igualzinho. – Ergo o desenho ao lado do aquário. – É incrível.

Roman não diz nada, mas ouço quando suspira de leve em protesto. Viro para encará-lo. Está com os joelhos dobrados perto do peito e os braços envolvendo as pernas.

– Não sabia que desenhava. Eu desenho às vezes, mas só consigo fazer desenhos de palitinhos. – Observo o desenho e corro os dedos pelo casco da tartaruga, de aparência lisa, quase esperando senti-lo de verdade. – Estes aqui são impressionantes.

– Sei lá. Não sou artista nem nada. – Ele dá de ombros. – É só algo que faço quando estou sozinho aqui. Para matar o tempo.

Faço que sim com a cabeça e enfio os papéis de volta na capa da edição de colecionador de *Vinte mil léguas submarinas*. Vejo que o corpo de Roman relaxa assim que os desenhos são guardados.

– Então, acho que o Capitão Nemo foi batizado com o nome de um personagem de Júlio Verne?

– Já disse, não fui eu quem deu o nome. – A voz de Roman de repente ficou fria.

Ignoro sua rispidez.

– Foi Maddie quem deu?

– Foi.

Deixo o assunto de lado e observo a tartaruga real mais um pouco. Não conheço muito de tartarugas, mas aquela parece excepcionalmente bem cuidada. Tem uma tigela de frutas frescas, bolinhas de pingue-pongue vermelhas para brincar e uma placa de pedra lisa para tomar sol. Como Roman consegue cogitar deixar o Capitão Nemo para trás? Será que sabe o que vai acontecer com o pobrezinho quando ele não estiver mais por aqui? Mordo o lábio. Não tenho coragem de perguntar. Ou talvez não queira saber a resposta.

– Então, você e esse cara estão saindo ou algo assim? O cara com quem vai ao

zoológico? – pergunta Roman, do nada.

Tento não rir e decido ignorar a pergunta idiota. É óbvio que Roman não está tão preocupado com o destino de Capitão Nemo. Ou, se estiver, está evitando pensar nisso. Eu me inclino para examinar a prateleira de troféus. Leio as inscrições, um monte de coisas da Liga Júnior, mas há uma grande placa de prata que se destaca. Nela se lê: JOGADOR DE DESTAQUE DA EQUIPE DA ESCOLA WILLIS. Pego a placa para olhar mais de perto. É pesada.

– Então, seus amigos tinham razão. Você era mesmo bom no basquete. Por que foi tão modesto?

Ele dá de ombros.

– Porque sim.

– Porque sim o quê?

– Não é que fui bom. Eu sou bom. E é estranho se gabar de coisas em que você ainda é bom.

– Mas você não joga mais?

– Não. – Ele cai de novo na cama. – Não faço mais nada.

– Além de encher meu saco sobre ir ao zoológico. Eu e você não temos planos, RobôCongelado.

– Não me chame assim.

– Tudo bem, tudo bem.

Ele joga um travesseiro em mim, que bate no meu rosto.

– Ei! – digo, esfregando a bochecha direita como se o travesseiro fosse mesmo deixar uma marca.

– Desculpe, só queria chamar sua atenção porque tenho uma ideia.

– Que ideia?

Ele desliza pelo colchão e senta ao pé da cama. Bate no chão ao lado. Eu me sento perto dele. Acho que se cansou de me ver xeretando seus segredos. Recosto a cabeça na ponta do colchão.

– Percebi que vou morrer com você e não sei qual é sua cor favorita.

Levo a mão à boca e balanço a cabeça. *É assim que se deixa tudo bizarro de novo, RobôCongelado*. Quando penso na questão, tiro a mão da boca e começo a cutucar o carpete. É mais limpo que o do meu quarto e de Georgia. Não há batatinhas chips esmigalhadas ou fiapos soltando das fibras.

– Que foi? – pergunta ele.

– Minha cor favorita não vai dizer nada sobre mim.

Ele se aproxima de mim até nossos ombros se tocarem.

– Tudo bem. Então me fale algo sobre você. Quero saber alguma coisa sobre você. Não parece certo que você seja uma completa estranha.

– Completa estranha? Você sabe coisas sobre mim. Caramba, sua mãe está fazendo um jantar para mim agora. – Ele me lança um olhar inexpressivo, então acrescento: – Comida turca. Está fazendo comida turca para mim. Porque sou…

Ele sacode a mão, me interrompendo.

– Eu sei o que você quer dizer. Não essas coisas falsas. – Seus olhos arregalam-se, e ele meio que parece um cachorrinho. Um cachorrinho triste. – Quero saber algo real. Algo que nem todo mundo sabe sobre você. – O rosto de cachorrinho fica mais pronunciado, os cantos da boca baixos.

– Não consigo dormir de meia, mas meus pés sempre estão frios, então é meio que um problema.

Observo seu rosto se abrindo em um sorriso malandro. Ele olha meu All Star cinza.

– Maddie odiava usar meias.

– Sério?

– Sério. Ela sempre me disse que, quando usava meias, parecia que os pés estavam sufocando.

– Garota esperta.

– Era mesmo – diz ele.

Recosta a cabeça no meu ombro, e eu não sei direito o que fazer. Acho que está buscando conforto, mas não tenho nenhum para dar. Desajeitada, prendo as mãos ao lado do corpo e murmuro a "Sinfonia nº 24" de Mozart.

Mas ele não parece se importar. Não se afasta, e sinto seus ombros subirem e descerem devagar com a respiração. Nos últimos tempos, me tornei muito mais atenta às coisas que fazemos que nos mantêm vivos – as inspirações, as expirações, as batidas do coração.

– Se eu perguntar uma coisa, promete que não fica bravo?

– Pode perguntar – responde.

– Sei que você se culpa pela morte de Maddie, mas seus pais o culpam?

Seu corpo todo enrijece, mas ele não ergue a cabeça do meu ombro. No máximo, apoia-se ainda mais sobre meu corpo, como um pedaço de madeira recostado a uma parede.

– Estão em negação. Mas ainda ouço minha mãe chorar toda noite. Ela tenta fazer uma cara boa, mas sei que está despedaçada por dentro. E por minha causa. Então, acho que não me culpa. Pelo menos não explicitamente. Mas é só porque acho que eles têm pavor de me perder também.

Sinto um aperto no coração. Aperto os olhos e tento esquecer o que Roman acabou de dizer, mas a imagem de sua mãe surge na minha mente. Vejo-a em pé ao lado de seu corpo – as roupas dele encharcadas com a água do rio, o rosto azulado e frio, a boca aberta, a língua inchada pela falta de oxigênio. A bile sobe para o fundo da minha garganta, e eu deslizo para me afastar dele.

Seu corpo reage e se retorce, e ele se senta. Puxa os joelhos para o peito, na pose de cadeira de praia. As pessoas são engraçadas. Quanto mais perto se fica delas, mais se começa a perceber que todo mundo faz os mesmos movimentos, repetidas vezes. Todos queremos acreditar que todo dia será diferente, que todo

dia vamos mudar, mas na verdade parece que certas coisas são programadas dentro da gente desde o início.

Não sei ao certo se Roman sempre deu sorrisos de meia-lua e sempre sentou como uma cadeira de praia dobrada. Talvez tenha acontecido depois da morte de Maddie. Mas uma coisa é certa: seu corpo sempre está alerta, como se estivesse andando bem longe do chão em um fio de trapézio. Acho que sua energia potencial o protege contra a dor de seu mundo, dizendo: *Sorria, logo tudo vai acabar* e *Abrace seu corpo e não vai sentir tanto*. Talvez, mesmo na morte, sua energia vai continuar e fazer esses gestos. Será que sua mãe se lembrará dessas coisas também? Ou vai imaginá-lo na quadra de basquete, driblando? Ou talvez se lembre dele estendido no sofá, desenhando ou com o nariz enfiado em um romance de Júlio Verne.

Eu me pergunto o que minha energia fará depois que eu morrer. Imagino se nossa energia de fato sobrevive a nós.

Ele estende a mão para tocar meu braço.

– Aysel?

– Sim?

– Você está com cara de quem está viajando.

– Desculpa.

– Tudo bem. Olha, eu estive pensando… – diz ele.

– O quê?

– Quero ir ao zoológico com você. Pode me levar quando for com aquele outro cara.

Antes que eu possa responder, a mãe de Roman nos chama.

– Pessoal, o jantar está pronto! Venham.

Ele se levanta devagar e me oferece a mão. Pego-a, e ele me ergue. Sei que está esperando que eu responda sobre o zoológico, mas finjo que o pedido nunca aconteceu. Ele faz uma reverência de brincadeira, sinalizando para eu descer as escadas na frente dele.

A mãe de Roman está esperando no vestíbulo. Ela pega meu rosto entre as mãos e me puxa para perto.

– Estou tão feliz que você pôde vir. Espero mesmo que goste da comida.

Eu deveria lhe dizer que não sou especialista em culinária turca, que não sei nada sobre isso, que se ela tivesse feito um cheeseburger, teria passado como autêntico. Mas meio que gosto de ser o centro das atenções. Estou começando a entender por que Georgia se esforça tanto. É bom ter as pessoas esperando cada movimento seu. Recolho o sentimento e deixo de lado. Fico feliz por tê-lo sentido antes de sete de abril.

– Aysel – diz ela, pronunciando meu nome de maneira perfeita –, este é o sr. Franklin.

O pai de Roman é alto como ele, quase careca, com um rosto longo e estreito.

Ele estende a mão, e eu o cumprimento.

– Prazer em conhecê-la – diz ele, e faço meu melhor para parecer amigável.

– Aysel e Roman se conheceram no velho parquinho – conta ela ao sr. Franklin, cingindo seu braço.

O sr. Franklin vira-se para encarar o filho.

– Estava jogando basquete de novo?

Há um toque de surpresa em sua voz. Meus olhos vão do sr. Franklin para Roman, para a sra. Franklin e de volta para o primeiro. O sr. Franklin talvez esteja tentando nos desvendar.

– Estou faminta – falo, na esperança de evitar mais perguntas sobre como Roman e eu nos conhecemos.

– Eu também – concorda o sr. Franklin. – Vamos comer.

Assim que me sento à mesa, a mãe de Roman começa uma oração. Não fecho os olhos, mas percebo que Roman fecha. A sala inteira cheira a orégano e cominho, e minha cabeça se enche com a imagem da esposa do amigo do meu pai, que fez o jantar para nós uma noite quando vieram nos visitar. Ela tomou meu rosto entre as mãos, como a sra. Franklin fez momentos antes, e sussurrou em turco. Não entendi nada, então fingi que ela estava dizendo: "Tudo vai ficar bem, Aysel. Vai dar certo."

Hoje sei que provavelmente não estava dizendo isso. E, mesmo se tivesse dito, estava errada.

A sra. Franklin me passa uma travessa morna.

– É *kuzu güveç*. – Ela me olha como se perguntasse se a pronúncia estava correta. Não tenho ideia, então balanço a cabeça de leve. – É um tipo de cozido de cordeiro.

A mesa está lotada de outros pratos – charutinhos de uva, kebab de cordeiro e de frango, arroz pilaf e molho de iogurte. Há também um pratinho de jalapeño para Roman. Deve ter levado horas e horas para preparar, e tudo parece fantástico, mas quando espeto o garfo no cordeiro, pronta para dar uma mordida, sinto o apetite desaparecer. Encaro a sra. Franklin, seu rosto sorridente e ávido para agradar, e sei que Roman e eu estamos prestes a deixá-la arrasada.

O jantar todo, sua tentativa de se ligar a mim, é muito mais do que minha mãe jamais fez. A sra. Franklin continua sorrindo para mim, esperando para saber minha opinião sobre tudo. Seus olhos são brilhantes, e reconheço a fagulha neles: esperança. Ela acredita que Roman está melhorando, que fez uma nova amiga, que está mostrando interesse em uma garota.

Deslizo o garfo pelo prato, empurrando o cordeiro para o meio do arroz. Eu me esforço para engolir a culpa.

– Está uma delícia, querida – diz o sr. Franklin, limpando a boca com o guardanapo. – Tenho que admitir que fiquei receoso no começo. – Ele dá uma olhada para mim. – Não que eu achasse que não estaria bom, mas nunca

experimentei esse tipo de comida antes.

Meneio a cabeça para ele e deixo claro que não estou ofendida. Não sei o suficiente sobre culinária turca para ter qualquer direito de opinar sobre o fato de o sr. Franklin gostar ou não. Imagino como seria saber algo sobre o lugar de onde meus pais vieram.

A sra. Franklin balança a cabeça para cima e para baixo, empolgada com o elogio do sr. Franklin.

– E você gostou também, Aysel?

– Está deliciosa – declaro, como uma especialista.

– Ah, que bom.

Ela esfrega as mãos e abre um sorriso imenso.

Não quero, de jeito nenhum, deixá-la arrasada.

SÁBADO, 23 DE MARÇO

Faltam quinze dias

Georgia e eu estamos sentadas à mesa da cozinha, e ela olha pela janela. Acho que espera ter um vislumbre de Tyler antes de irmos.

– Quem é o bonitinho?

Ela aperta o rosto na vidraça.

Dou um gole no café preto. Fico tentando me ensinar a gostar de café, mas, não importa o quanto eu tente, não suporto o sabor amargo.

– Achei que você conhecesse o Tyler.

– Para de brincadeira – diz ela. – Aquele garoto não é o Tyler. É mais alto e tem o cabelo mais curto.

Olho pela janela e vejo o jipe vermelho da sra. Franklin se afastando da calçada. A campainha toca e eu me levanto para atender a porta, mas Georgia corre na frente. Ela abre de uma vez, põe a mão na cintura e, em sua voz mais doce, diz:

– Olá, prazer em conhecê-lo.

– Hum, oi – diz Roman ao entrar em casa.

Nunca tive vergonha de nada na casa de Steve, em grande parte porque passo todo o meu tempo envergonhada comigo mesma, mas no segundo em que Roman entra começo a perceber que tudo está errado. O carpete está manchado e há uma pilha de pratos sujos na pia. Não parece nada com sua casa imaculada, impecável.

Sei que não deveria me importar com o que ele acha. Não vai se negar a pular comigo do penhasco em Crestville Pointe porque minha casa é uma zona, mas não gosto da ideia de ele sentir pena de mim. Desejo que a lesma preta vá em frente e coma meu embaraço junto com minha alegria.

Ele estende a mão para cumprimentar Georgia como se fosse um estadista. Os bons modos sulistas são duros de matar, acho eu.

– Sou Roman – diz ele. – Amigo de sua irmã.

Fico surpresa que tenha deduzido que Georgia era minha irmã, considerando a falta de semelhança.

– Meia-irmã – solto antes de Georgia dizer qualquer coisa.

Um laivo de irritação passa pelo rosto de Georgia, mas ela me ignora e volta a atenção para Roman. Aproxima-se dele e puxa a ponta do rabo de cavalo brilhante.

– Então, como conheceu Aysel?

Roman baixa os olhos e arrasta os pés.

– Nós nos conhecemos poucas semanas atrás em uma quadra de basquete em Willis.

Georgia gira para me encarar.

– O que estava fazendo em Willis?

– Por que você quer saber? – Aceno para Roman se sentar à mesa da cozinha. – Quer beber alguma coisa?

Enquanto eu observo seus olhos percorrerem o cômodo, quero pegá-lo e levá-lo para fora de casa antes que veja mais alguma coisa.

– Minha mãe trabalha fora – digo, tentando inventar qualquer desculpa para justificar a bagunça em que a casa se encontra.

– É, ela trabalha no Swift Mart – acrescenta Georgia, saltitando pela cozinha. – Seis dias por semana, pobrezinha.

Pobrezinha? Há coisas piores na vida da nossa mãe do que o trabalho no Swift Mart. Por exemplo: seu primeiro marido é um assassino condenado. Ou: sua filha mais velha é estranha e depressiva.

– Você não tinha que estar em outro lugar? No ensaio de líder de torcida ou algo assim? – pergunto, abrindo a geladeira.

Roman não respondeu se queria beber alguma coisa, mas vou lhe dar suco de laranja mesmo assim. Eu sirvo e ponho o copo diante dele.

– Obrigado – agradece ele, sem prestar atenção.

Sua mente está em outro lugar. Percebo que o copo está embaçado de tanto pó. Nojento. Às vezes é preciso que outra pessoa observe como você vive para você perceber como vive.

Georgia senta-se na cadeira ao lado dele.

– Não tenho ensaio hoje. Estava pensando que talvez eu pudesse sair com vocês.

Tento não ficar boquiaberta. *O quê?*

– Hum, mas vamos fazer um projeto de física.

Ela se vira para Roman.

– Você está trabalhando no projeto de física?

Ele me dá um sorrisinho antes de dizer:

– Não. Só gosto de zoológico. O clima de aventura, os animais.

Ela apoia os cotovelos na mesa e me lança um sorrisinho malicioso.

– Também gosto de zoológico. Adoro uma aventura.

A campainha toca de novo, vou até o corredor e abro a porta. Tyler Bowen está na soleira, as mãos enfiadas nos bolsos, um boné branco de beisebol cobrindo os olhos azuis.

– Oi, Aysel.

– Quer entrar um segundo?

Ele encolhe os ombros.

– Claro.

E me segue até a cozinha.

– Tyler!

Georgia pula da cadeira. Corre até ele e lhe dá um abraço, que ele retribui, erguendo-a do chão. Ela dá uma risadinha, e Roman e eu trocamos um olhar como se disséssemos: "Que diabo é isso?"

– E aí? – diz Tyler, e não sei se ele está perguntando para o grupo inteiro, mas apenas Georgia responde.

– Acabei de perguntar se eu posso ir ao zoológico com vocês.

Ela lança um olhar suplicante para Tyler, como se ele pudesse desempatar o dilema entre meu não irredutível e a indiferença de Roman.

– Não sabia que vocês saíam juntas – diz Tyler a Georgia em uma voz séria.

Quase tenho vontade de dar um abraço em Tyler.

– Acho que Georgia pode ir – opina Roman. Ao que parece, ele trocou seu voto de indiferença para sim.

– Aliás, eu sou o Tyler – fala ele, estendendo a mão para cumprimentar Roman. – E você?

– Roman. – Ele aperta a mão de Tyler. Firme. *Muito bem, RobôCongelado*. – Sou amigo de Aysel.

Tyler tenta esconder o choque, mas é óbvio para todos o que ele está pensando. A mesma coisa que qualquer um dos meus colegas de sala pensaria se vissem Roman e eu fora do contexto – um jogador de basquete bonitão e a esquisitona da escola filha de um assassino. Mas acho que todo mundo nos vê fora de contexto.

– Eles se conheceram em um parquinho, em Willis – intromete-se Georgia, com um sorriso largo para Roman.

– Sei – diz Tyler. – Bem, acho que temos que ir, pois os animais ficam sonolentos mais tarde. Precisamos fotografá-los em movimento, certo?

– Está dirigindo? – pergunta Georgia.

– Estou – responde Tyler, balançando as chaves no ar. – Cabe todo mundo no carro.

– Vou na frente! – exclama Georgia, ficando de pé em um pulo.

Corro para nosso quarto no andar de cima e fuço na mochila até encontrar a câmera que peguei emprestada na biblioteca da escola. Coloco-a em uma bolsa menor que pego emprestada do armário de Georgia. É azul-bebê, em forma de concha, feita de couro sintético. Não é algo que eu compraria nem em um milhão de anos, mas a câmera cabe perfeitamente nela, e quem se importa com a cor estúpida? Moda é a menor das minhas preocupações.

Sento no chão do quarto e respiro fundo algumas vezes, murmurando o "Réquiem" de Mozart, preparando-me mentalmente para o que está prestes a acontecer. Quando levanto para descer, ouço pés se arrastando atrás de mim.

– Hoje vai ser interessante – comenta Roman.

Subindo a escada sem ser convidado, hein, RobôCongelado?

– Nem me diga. Para começar, não entendo por que você quis vir – digo.

Ele estende a mão para me ajudar a levantar do chão.

– Não minta, você está bem feliz que eu decidi ir ou, do contrário, teria de aguentar sozinha o show da dupla Tyler e Georgia.

– Foi você quem disse que ela pode ir – murmuro enquanto descemos as escadas.

– É melhor.

Ele abre a porta para eu sair.

Tiro um casaco do gancho atrás da porta, pego as chaves de casa no bolso e tranco a porta.

– Duvido.

– Vai ser – garante ele. – Confie em mim.

O ar lá fora está gelado, e o céu, claro, e dá para sentir o cheiro de umidade da primavera, o aroma de flores no ar. É um dia perfeito para ir ao zoológico. Enquanto caminhamos até o carro, olho para Roman. Não sei se é confiança que sinto por ele. Acho que preciso confiar em que ele vá pular quando eu pular, não que isso realmente importe, contanto que eu pule. Sei que é uma coisa horrível de se pensar, mas é a única coisa sobre a qual os trolls da internet talvez estejam certos: é um ato egoísta. Tudo gira em torno de você, o que torna a coisa de Parceiro de Suicídio tão estranha.

Você só precisa de seu parceiro. Até não precisar mais.

SÁBADO, 23 DE MARÇO

Faltam quinze dias

Chegamos ao zoológico duas horas depois. A viagem não foi tão ruim quanto pensei que seria – todo mundo ficou muito quieto, passamos a maior parte do tempo ouvindo Georgia cantarolar com o rádio. Às vezes, Tyler fazia uma pergunta, e ela respondia daquele jeito seu animado.

Georgia interrogou Roman, e ele se saiu muito bem. Ela perguntou tudo, exceto se estávamos saindo, e ele conseguiu deixá-la imaginando. Conhecendo a mãe dele, aposto que tem muita prática em responder perguntas à queima-roupa.

Tyler estaciona o carro, e nós quatro seguimos para a entrada. Esperamos na fila para comprar ingressos. O clima fica esquisito, e percebo que Tyler está considerando comprar o ingresso de Georgia; por outro lado, ele se sentiria obrigado a comprar o meu, mas vamos encarar os fatos: Tyler Bowen não quer gastar dinheiro comigo.

Roman passa por mim e entrega uma pilha de dinheiro à mulher do caixa.

– Quatro meias, por favor.

– Roman – fala Georgia, com falsa indignação. – Não precisa.

– Sério, cara – diz Tyler. – Posso pagar meu ingresso. Não esquenta.

– Não se preocupe.

Roman abre um sorriso para mim. A mulher no balcão conta o troco. Percebo que suas mãos são muito mais velhas que seu rosto. Olho para minhas mãos e não sei se fico feliz ou triste porque nunca as verei enrugadas.

Assim que entramos, sussurro para Roman:

– O que foi isso?

Ele dá de ombros.

– Não se leva dinheiro para o além.

Tyler ergue a sobrancelha quando me vê cochichando com Roman.

– Eu não sabia que você estava transformando nosso projeto de ciências em um encontro.

Georgia passa o braço no de Tyler.

– Por isso eu vim com vocês, Ty. Agora você não vai sentir que está sobrando.

Ele acaricia o braço de Georgia e volta a atenção para mim.

– O zoológico foi ideia sua, Aysel. Aonde vamos?

– Por que não vamos até o pavilhão noturno? Podemos fotografar os morcegos. Eles ficam pendurados de cabeça para baixo. Energia potencial.

– Ótimo. Morcegos são como enforcados vivos – diz Tyler, sua voz cheia de

intenção.

Roman e Georgia lançam a Tyler olhares questionadores, e eu me esforço para parecer confusa. O que acaba sendo bem fácil, pois os morcegos não são como enforcados vivos, mas agora não parece o momento adequado para prolongar o assunto com Tyler.

– É por aqui – digo e saio na frente do grupo.

O zoológico de Louisville está basicamente memorizado na minha cabeça. Quando eu era mais nova, minha mãe costumava me trazer muito aqui nos fins de semana. Pensava que era bom para mim ter um tempo a sós com ela. Desistiu quando eu tinha uns oito anos, pois Georgia estava ficando mais velha, e Mike era bem pequeno. Nunca admitiu, mas estava ocupada em construir sua nova família e ficou feliz em me deixar com meu pai. Foi preciso que ele surtasse, por fim, para ela se importar comigo novamente. E ninguém quer ser notada por algo assim; é como ser uma espécie invasora em que ninguém presta atenção até ter sufocado e arruinado todas as lindas plantas nativas.

O pavilhão noturno está como eu me lembro. Escuro e com cheiro de frutas e vegetais em decomposição. Ouço Georgia dando risadinhas atrás de mim, ou seja, o grupo conseguiu acompanhar meu ritmo intenso. Passo às pressas pelas jaulas de gambás e guaxinins e encontro os morcegos-vampiros. Quando chego perto, vejo os morcegos pendurados no teto, as asas pretas de couro duro enroladas no corpo.

Roman se aproxima e põe a mão no meu ombro. Dou um pulo.

– Sou eu – diz ele.

– Eu sei.

E exatamente por isso estou nervosa. Tiro a câmera da bolsa.

– Obrigada por perguntar se podia pegar minha bolsa – retruca Georgia.

– Pode falar baixo, por favor? – ralho. – Não quer assustar os animais, quer?

Georgia me olha com raiva e ergue o lábio superior, os dentes brancos reluzindo na sala escura.

– Que engraçado. Logo você, dizendo para outra pessoa não ser assustadora.

– Georgia – repreende Tyler.

– O quê? – pergunta ela, jogando a cabeça para trás. A rispidez paira no ar como fumaça de acampamento.

– Hum – diz Roman, trocando o peso de uma perna para a outra. – Que tal deixarmos Aysel tirar a foto?

– Está bem – consente Georgia. – Vamos deixá-la aí. Quer ver os tatus? São tão bonitinhos!

– Claro. Como quiser – diz Roman, e os dois seguem pelo corredor.

Ligo a câmera e olho pelo visor. Tiro algumas fotos e confiro as imagens.

– Aqui – digo, estendendo a câmera para Tyler. – Acho que essa ficou boa.

– É, acho que o sr. Scott vai gostar – responde Tyler.

Que chato que não vou estar aqui para ver a reação dele. Boto a câmera de volta na bolsa.

– Vamos encontrar com eles lá nos tatus?

– Sabe, ela só quer ser sua amiga – declara Tyler.

Fecho a bolsa com tanta força que quase quebro o zíper.

– Hum, acho que não.

– Sim, ela quer. Por isso veio hoje.

– Beleza.

– É muito óbvio. – Olho para Tyler, confusa, e ele continua: – Ela sempre está tentando chamar sua atenção, tentando fazer você rir. Não é tão má, sabe?

Enquanto caminhamos pelo corredor escuro em busca dos tatus, reflito a respeito do que Tyler disse sobre Georgia querer ser minha amiga. Tenho certeza de que é a maior bobagem. Georgia veio tentar se aproximar de Tyler. Namorar Tyler Bowen seria um verdadeiro avanço na sua posição social: líder de torcida primeiranista sai com jogador de basquete do time de juniores. É como um filme adolescente ruim.

– Acho que está errado sobre o motivo por que ela veio hoje – digo. – Não está interessada em mim, mas em você.

Quando nos aproximamos dos tatus, vejo Roman e Georgia lado a lado, quase encostados no vidro. Estão observando os animais e rindo como velhos amigos.

– Não tenho tanta certeza se ela está interessada em mim.

Tyler dá um empurrãozinho no meu ombro.

Reviro os olhos para ele.

– Ela pode ficar com Roman – digo. Mas não acrescento: *Boa sorte, porque ele estará morto em algumas semanas.*

Roman abre um sorrisinho quando nos vê.

– Aonde vamos agora?

– Os leões? – sugiro. – Acho que vão alimentá-los por volta do meio-dia. Se nos apressarmos, podemos tirar uma foto deles comendo.

– Estou morrendo de sede – diz Georgia. Ela se vira para Roman. – Quer ir comigo comprar uma limonada?

Roman olha para mim, e eu dou de ombros.

– Vocês podem nos encontrar nos leões.

– Na verdade, estou com sede – fala Tyler. – Vou com vocês.

Georgia franze a testa de leve.

– Ah, tudo bem.

– Então, vou com Aysel – diz Roman, e se aproxima de mim. – Vemos vocês mais tarde.

Assim que Georgia e Tyler se afastam, eu digo:

– Aaaah, você perdeu a chance de ficar com Georgia na lanchonete!

– Pensei que você havia prometido parar com as piadas idiotas.

Lanço para ele meu olhar "você me pegou". Saímos do pavilhão noturno e seguimos até os leões. Quando chegamos lá fora, percebo que o céu escureceu, e o sol se escondeu atrás de nuvens de chuva com aparência assustadora. Enfio as mãos nos bolsos do casaco e corro os dedos pelo forro aveludado.

– Não foi piada. Tenho certeza de que ela quer te dar uns pegas.

– Vocês duas são bem diferentes. Por quê?

Olho para a frente, sem encará-lo.

– Somos filhas de pais diferentes.

– É, você disse que ela é sua meia-irmã, mas mesmo assim. Ela é como um leão, e você é como… um tatu.

– Um tatu?

Ele toca meu ombro.

– Você sabe o que estou tentando dizer.

– Meu pai. – Olho séria para ele, esperando que mude de assunto. – Não espero que você entenda, mas faz toda a diferença.

Chegamos aos leões. Apenas três estão à vista e não parecem estar comendo. Poxa vida. Perdemos o horário da refeição. O macho descansa em uma pedra grande, e as duas fêmeas se aconchegam uma na outra no outro canto da cerca. O macho abre a boca para bocejar, e uma criança perto da gente dá saltinhos de empolgação. Outra criança, aparentemente sem tanta coragem, se agarra à mãe. Pego a câmera, desejando tê-la preparado para capturar o momento.

– Onde está seu pai agora? – pergunta Roman.

A resposta é na prisão estadual. Pelo que eu sei, meu pai está encarcerado em alguma cidadezinha a quilômetros e quilômetros de mim.

– Longe. Foi embora – respondo, e tiro algumas fotos dos leões. Talvez algumas sejam úteis. – Deixa isso pra lá, tá?

Roman estende a mão e segura meu pulso por trás.

– Não entendo como alguém que não está mais na sua vida consegue fazer tanta diferença.

Afasto-me do toque, da jaula dos leões, e sento-me em um banco. Roman me segue.

– Olha só, desculpa. Vou deixar isso pra lá.

Apoio os cotovelos nos joelhos e me curvo.

– Sei que é difícil entender, mas é verdade. Meu pai… – Respiro fundo. – Meu pai arruinou minha vida.

Não digo a Roman que meu pai não apenas arruinou minha vida pelo que fez, mas também porque me deixou com medo de quem sou, do que sou feita.

Quando penso nisso, algo dentro de mim se mexe. Não sei se é a lesma preta deslizando na base do estômago ou algo novo, algo que eu nem sabia que estava lá, mas sinto estalar e estourar, como uma varetinha de faíscas dentro de mim.

– Eu deveria visitá-lo – falo sem pensar, antes de lembrar que não devo

continuar falando sobre meu pai. Que Roman conhece Brian Jackson. Que Roman me odiaria se soubesse a verdade.

Roman pigarreia.

– O quê?

Levanto de uma vez do banco.

– Decidi que quero ver meu pai uma última vez antes de morrer.

Roman não se levanta. Quando olho para ele, está com a testa franzida.

– Você não está morrendo de câncer, Aysel – diz, aumentando o tom de voz. – Você não é doente terminal.

– Como assim?

– Não estamos fazendo listas de desejos. Não estamos falando de coisas que queremos fazer antes de morrer. Estamos falando e sempre falamos de morrer. Só de morrer. – Ele arrasta os pés e retorce os dedos. – Você está dando para trás?

Meu sangue sobe até o rosto.

– Não estou dando para trás. Só preciso vê-lo uma última vez. Quero olhar nos olhos dele e…

Roman levanta do banco. Ele me abraça, e dessa vez não tenho um sobressalto quando me toca. Eu me encosto em seu corpo.

– E depois? O que espera encontrar? Para mim, parece que está buscando motivos para viver.

Sinto um nó na garganta, e todas essas palavras se alinham, prontas para sair, mas a lesma preta devora uma a uma.

– Não é isso – retruco, por fim, num tom esganiçado.

– Então, o que é?

– Só preciso vê-lo, Roman. Acho que, se eu o vir, conseguirei pular daquele penhasco. Nada mais vai me impedir.

Ele ergue o rosto para o céu.

– E agora tem algo impedindo?

Não sei como dizer que não tenho certeza de que consigo destruir minha energia potencial até entender a raiz de tudo isso. E, alguns minutos atrás, me convenci de que a única maneira de ir em frente é ver meu pai uma última vez.

Roman baixa o queixo para me olhar novamente.

– Podemos ir ver seu pai. Se é disso que precisa, vou ajudar.

Parte de mim quer lançar os braços ao redor de seu pescoço e puxá-lo para perto, apertar meu rosto contra seu peito e agradecer, mas sei que não foi por isso que ele ou eu nos inscrevemos no site. Queria que alguém botasse um polígrafo no meu coração, pois ele fica mentindo, se desviando e mudando de ideia. Não consigo decidir o que importa mais para mim – que Roman esteja lá comigo para enfrentar meu pai ou que Roman não descubra a verdade.

Enquanto o vejo me observando, seus olhos amendoados bem abertos e

carentes, um tremor leve percorre meu peito. Talvez eu seja ingênua, mas estou começando a pensar que Roman entenderia. Que não me responsabilizaria pelo que meu pai fez. Talvez eu precise lhe dar a chance de provar que é realmente diferente das outras pessoas.

Examino seu rosto em busca de qualquer sinal de que ele já sabe. Meu nome não é mencionado nos artigos de internet sobre meu pai (acredite, eu verifiquei), mas tenho certeza de que uma pesquisa básica no Google lhe daria uma pista. Não há muitos turcos em Langston, sem falar em Kentucky. Mas, quando encaro seus olhos fundos, os lábios grossos, as bochechas levemente vermelhas de sol, não encontro nenhum indício de que já saiba. Tudo o que vejo é alguém que parece se importar e que torna quase inquietante o fato de que poderia descobrir tudo sobre meu pai a qualquer momento.

Talvez seria melhor se eu lhe dissesse, se ele soubesse por mim e não por outra pessoa. As palavras formam-se no fundo da garganta, e eu estou prestes a contar tudo quando ele estende a mão e pega a minha. Aperta-a, massageando meus dedos.

– É sério, Aysel. Desculpa por ter gritado antes. Vamos ver seu pai juntos, tá?

– Tudo bem – falo, enfim.

Encosto a língua no céu da boca e faço a pequena promessa de que direi a verdade sobre meu pai. Não hoje, mas logo.

Ele aperta minha mão mais uma vez.

– E agora?

– Quer ver os ursos-polares? Tenho que tirar umas fotos deles nadando.

– Claro. – Ele abre seu sorriso de meia-lua. – Vai ser legal ver os ursos-polares uma última vez. Sempre foram os preferidos de Maddie.

É quando me pergunto se RobôCongelado também tem uma lista de coisas que quer fazer antes de morrer, mas não sabe ainda.

Eu quero descobrir.

TERÇA-FEIRA, 26 DE MARÇO

Faltam doze dias

Saio do trabalho mais cedo e dirijo o mais rápido que posso. Meu plano é chegar em casa antes de todo mundo, antes do jantar, para ter alguns momentos sozinha e fuçar no escritório. Se minha mãe guardou alguma coisa sobre meu pai, vou encontrar lá.

Abro a porta e fico no corredor por um instante, segurando o fôlego, esperando que eu seja a única na casa.

– Quem é? – ouço Mike chamar.

– Mike, sou eu – digo baixinho para evitar que minha presença seja notada se alguém mais estiver em casa.

– O que vamos ter para o jantar?

Sua voz alta praticamente sacode a casa inteira. Mike herdou as cordas vocais de Steve. Se eu não o amasse tanto, talvez ficasse irritada.

– Não sei, Mikey. A mamãe vai chegar logo. Pergunta para ela, tá?

– Tá – responde ele. – Quer subir e jogar FIFA comigo?

Meus lábios se retorcem, e luto contra a vontade de sorrir.

– Talvez mais tarde. Tenho um monte de lição de casa.

– Tá. – Percebo a decepção em sua voz.

Eu me esforço para deixar isso de lado e me concentro na tarefa iminente: xeretar as coisas da minha mãe. Atravesso o corredor estreito e entro no escritório. É apertado e atulhado de coisas, com quase o tamanho de um armário. Salto sobre algumas caixas para chegar a uma frágil mesa de plástico.

Estico o pescoço para examinar as caixas nas prateleiras de cima da estante. Se conheço minha mãe, o que sem dúvida é questionável, ela guarda a roupa suja familiar no lugar mais inacessível.

Subo na cadeira do computador e pego uma das caixas de papelão cheias de pastas de papel pardo. A cadeira gira sob meus pés. Quando estendo os dedos, tocando a caixa, perco o equilíbrio e derrubo duas caixas e alguns livros no chão.

Caio da cadeira com um baque surdo, mas estendo a palma das mãos no carpete gasto para amortecer a queda. Meus pulsos queimam, e vejo papéis espalhados pelo carpete todo. *Merda*.

– Aysel?

Ergo os olhos e vejo Mike em pé, na minha frente. *Merda, merda*.

Ele está com o controle do videogame agarrado ao peito e a boca aberta.

– Você está bem?

– Estou, desculpa pelo barulho. – Estendo as mãos na direção dos papéis espalhados. – Perdi o equilíbrio.

Ele estreita os olhos.

– O que está procurando?

Fico de joelhos e começo a pegar os papéis e jogá-los de volta, aleatoriamente, nas caixas. *Já era a arrumação no escritório da mamãe*. Um dos papéis chama minha atenção. É um antigo boletim meu, do quarto ano. Pego e corro os dedos pelo papel fino. Fico surpresa por ela ter guardado.

– Aysel – diz Mike, com a voz mais alta. – Por que está fuçando as coisas da mamãe?

Levanto o velho boletim.

– Ah, desculpa, eu, hum, estava procurando umas coisas antigas da escola. Sabe, para mandar para as faculdades.

– Por que você fica pedindo desculpa?

Ele passa o controle do videogame para a mão esquerda e corre a mão direita pelos cabelos loiros ondulados. Sempre toca nos cabelos quando está nervoso ou desconfortável.

Eu me esforço para fazer uma expressão alegre.

– Porque assustei você.

Ele abre um sorriso dentuço.

– Você não me assustou.

Forço um sorriso.

– Ei, não quer voltar lá para cima?

Ele franze a testa.

– Não posso te ajudar a procurar?

– Acho que a mamãe ficaria louca se eu deixasse você brincar aqui.

Ele faz beicinho.

– Não ia brincar. Ia ajudar você.

– Eu sei, mas ela não quer você aqui dentro.

Ele suspira.

– Tudo bem.

Quando ele se afasta, eu digo:

– Ei, Mikey?

– Oi?

– Pode me fazer um favor?

– Depende. O que é?

– Não fala para a mamãe que eu estava aqui.

– Então, é tipo um segredo? – pergunta ele, entusiasmado.

– É, nosso segredo.

– Legal. Vai subir para jogar depois?

Faço que sim com a cabeça, empolgada. O que faz meu pescoço doer. Não

estou acostumada a mexê-la tão rápido.

– Claro.

Assim que ele se afasta, volto a fuçar os papéis. Encontro todo tipo de coisa. Antigos cartões de aniversário, contas, extratos de crédito. Diria que não há nenhuma ordem no jeito que as coisas são guardadas, mas provavelmente destruí o sistema de organização quando derrubei as caixas por acidente.

Estou prestes a desistir quando encontro um envelope. Está vazio, mas o endereço do remetente chama minha atenção: Centro Correcional McGreavy. Deve ter relação com meu pai. *Centro Correcional McGreavy é onde ele está*. Continuo engatinhando, procurando a carta correspondente, quando ouço a porta abrir.

– Quem é? – berra Mike.

– Sou eu, meu amor – ouço minha mãe responder.

Enfio depressa todos os papéis soltos de volta nas caixas. Estou prestes a recolocá-los na prateleira de cima quando ouço passos atrás de mim.

– Aysel, o que está fazendo aqui?

Eu me viro e encaro minha mãe. Está com o uniforme do trabalho – uma camiseta polo vermelha e calça cáqui bem passada. Ou a calça cáqui deveria estar passada. A dela está um pouco vincada e começando a puir. Percebo que os sapatos estão velhos e gastos. Talvez, assim que eu tiver partido e houver um filho a menos para sustentar, ela reduza as horas de trabalho. Ou, ao menos, tenha dinheiro para comprar sapatos novos.

– Procurando umas coisas para me candidatar às faculdades.

O olhar no rosto da minha mãe me corrói por dentro. É carinhoso e cheio de uma surpresa esperançosa.

– Sério?

– Sério, precisava verificar se consegui um A ou B no boletim do primeiro ano. – Sua boca virou uma linha fina, como se não estivesse muito convencida, então continuei: – Então, sabe, porque elas, minhas notas, vão determinar para quais faculdades vou poder me candidatar.

Ela me olha com seriedade e leva os dedos aos lábios.

– Não tem ninguém na escola que possa ajudá-la com isso?

– Tem, mas estava curiosa demais para esperar.

A mentira faz minha língua parecer inchada enquanto observo o rosto da minha mãe se encher de alívio de novo.

– Bem, encontrou o que estava procurando?

Ela olha as caixas como se soubesse que os papéis estão todos misturados.

– Encontrei. – Eu me aproximo delas para tentar bloquear a visão da minha mãe. – Desculpe por trazê-las para baixo. Vou botar de volta na estante.

Ela sacode a cabeça.

– Não. Você pode se machucar. Vou pedir para Steve colocá-las de volta

quando chegar em casa.

Ela para na entrada, e percebo que está esperando que eu saia com ela. Sigo minha mãe pelo corredor, e ela apaga a luz do escritório. Caminhamos em silêncio até a cozinha, e peço licença para subir.

Assim que chego ao quarto, caio na cama e tento apagar da mente a imagem do rosto animado e esperançoso da minha mãe. Puxando o edredom sobre a cabeça, afundo no colchão. Coloco minhas mãos sobre a barriga e imploro para a lesma preta me lembrar de que minha mãe vai ficar muito melhor quando eu partir. Mais segura. Que, no fim das contas, o que vai acontecer em sete de abril será a melhor coisa para ela.

Como será a melhor coisa para todo mundo. Especialmente para mim.

QUARTA-FEIRA, 27 DE MARÇO

Faltam onze dias

Hoje, no trabalho, estamos realizando uma maratona telefônica para a prefeitura de Langston. Todo ano, no fim de março, Langston monta um parque de diversões atrás da escola de ensino fundamental para levantar fundos. (A maioria vai para o programa de basquete, mas a Delegacia de Ensino Público de Langston tenta mostrar o lado bom e alega que estão usando o dinheiro para aprimorar os programas de ciências e matemática.) Sempre trazem alguns brinquedos inofensivos – uma roda-gigante e xícaras giratórias –, montam barracas de comida e bebida que vendem algodão-doce grudento e refrigerantes açucarados demais, e põem a equipe de líderes de torcida para fazer apresentações ousadas. Os homens de meia-idade nojentos de Langston adoram o Parque de Diversões da Primavera.

Pego o telefone e disco o próximo número da lista: John Gordon, que mora na rua Mound, 415. Talvez John seja o tipo de pessoa que já está no Parque de Primavera, de modo que não precisará ser lembrado. John atende no segundo toque. Não tenho tanta sorte assim.

– Alô? – Seu sotaque é típico de Kentucky.

– Alô, sr. Gordon – digo. – Meu nome é Aysel, e estou ligando da Tucker's Marketing Concepts, em nome da prefeitura de Langston.

– Pois não?

Ele parece um pouco impaciente, mas é menos irado do que as vozes que em geral encontro do outro lado da linha.

– Como o senhor deve saber, este ano a cidade também vai abrir o Parque de Diversões de Primavera.

Leio o roteiro informando que os recursos arrecadados pelo parque fornecem fundos inestimáveis para as escolas de Langston. Falo sobre as apresentações das líderes de torcida e lembro que a roda-gigante é divertida e segura (ah, claro). Termino com a fala final obrigatória.

– É uma atração excelente para pessoas de todas as idades. Um evento familiar por excelência.

Obviamente não menciono que as líderes de torcida costumam usar biquínis de oncinha e, embora faça menos de dez graus, dançam ao ar livre.

Silêncio no outro lado da linha.

– Sr. Gordon?

– Sim, eu sei do Parque de Primavera – diz ele. – Minha família está

planejando ir amanhã à tarde.

– Ótimo. Obrigada, sr. Gordon.

A única coisa que pode ser dita a favor do povo de Langston é que tende a apoiar Langston.

Hoje estou mais concentrada no trabalho que o habitual. Quero terminar minha lista de ligações. Na verdade, só quero que o expediente termine. Há pouco percebi que quando trabalho de verdade o tempo passa mais rápido. Depois de ter ligado para umas seis pessoas na sequência, olho para Laura. Seu semblante está franzido, e ela não para de piscar.

– O quê? – pergunto, e pego o telefone para discar o próximo número.

– Você está estranha hoje. – Ela se levanta e vai até a cafeteira. – É quase como se estivesse feliz. Encontrou alguém finalmente?

Dou risada, que sai como um engasgo seco. *Feliz?* A parte triste é que ela não está tão errada. Eu conheci uma pessoa. Mas não do jeito que ela acha.

– É estranho eu estar trabalhando?

Ela concorda com a cabeça.

– Muito estranho.

– Só estou tentando deixar você orgulhosa, Laura. – Bato uma continência falsa para ela, que balança a cabeça.

Dois minutos antes de o expediente terminar, abro o navegador da internet. Não procrastinei o dia todo, então sinto como se merecesse o tempo livre. Procuro o número de telefone do Centro Correcional McGreavy. A busca leva um minuto, mas no fim das contas encontro o número. Anoto em um bloco perto da minha mesa e arranco a página, dobro e enfio no bolso.

Levanto da cadeira e jogo a mochila nas costas. No caminho até a saída, aceno para o sr. Palmer. Ele me olha como se estivesse a ponto de ter um ataque do coração.

– Tchau, Aysel – diz ele baixinho.

Como Laura enfatizou, sei que pareço estar com um humor melhor, mas não sei ao certo se estou mesmo de bom humor ou se é um truque que minha mente está pregando. Como sei que tudo vai terminar em breve, não há mais necessidade de ficar ansiosa com as coisas. Está tudo planejado. Sei exatamente como quero passar meus últimos dias, e a sensação de ter um objetivo é reconfortante.

Sempre me sentia tão desolada ao pensar no tamanho dos dias, como se o tempo se estendesse pela eternidade, inclemente e inalterável. E, como disse John Berryman, tão tedioso. Será que é assim que os maratonistas se sentem quando chegam ao último quilômetro? Sabem que podem terminar a maratona depois daquele trecho final, então não há por que se cansar nessa altura.

Jogo a mochila no banco do passageiro e me sento ao volante. Abro o bolso da frente da mochila e pego o celular. Puxo a folha dobrada do bolso. Respiro fundo

e disco o número.

Ligo para números desconhecidos o tempo todo no trabalho, por isso aquele não deveria me deixar nervosa, mas sinto o coração acelerar, então sintonizo na rádio de música clássica, mesmo que bem baixinho. A "Missa em Si Menor" de Bach desagua dos alto-falantes e, enquanto ouço a música, parece que alguém pousa um cobertor nos meus ombros. Ajusto o volume para que não fique muito alto, caso alguém no Centro Correcional McGreavy resolva atender o telefone.

Jogando as pernas para cima do console, reclino o banco do motorista e me deito. Cantarolo junto com a música, batendo os dedos no assento de tecido rasgado, e me assusto com a voz do outro lado da linha.

– Aqui é Tom. Pois não?

Eu me endireito de uma vez no banco.

– É do Centro Correcional McGreavy?

– Sim – responde ele com um suspiro irritado.

– Estou ligando porque gostaria de saber como faço para visitar meu pai.

– Hein?

– Meu pai. Ele é… – Procuro a palavra. – Um interno aí.

– Ah – diz Tom. Acho que Tom é um homem de respostas monossilábicas. – Vou te transferir para o setor de visitas.

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, o telefone fica mudo e uma música brega de elevador começa. Aumento o volume do rádio do carro.

Em seguida, uma nova voz me cumprimenta.

– Aqui é Bob.

Os funcionários do Centro Correcional McGreavy não apenas dão respostas monossilábicas, também têm nomes de uma sílaba só.

– Oi, Bob – falo, tentando parecer amigável para ele me ajudar. – Estou ligando para saber como faço para visitar meu pai.

– Seu pai está preso aqui?

– Está – digo, tentando fazer parecer que não é nada, como se eu estivesse a par do sistema prisional.

– E você está na lista?

– Hein?

– A lista de visitação dele. Se você é filha, deve estar na lista.

Engulo em seco.

– Não sei se estou na lista. – Minha mãe nunca deixou que eu visitasse meu pai. Nem uma vez.

– Bem, se não está na lista, não há nada que eu possa fazer para ajudar. Mas acho que você deve estar. Quando as pessoas vêm para cá, costumam pôr a família na lista, é padrão. No caso de alguém querer visitar.

– Tudo bem – digo bem devagar. – Então, é só aparecer?

Ele faz um som que fica entre uma risada e um bufar.

– É. Só aparecer durante o horário de visita. É por ordem de chegada. Se todas as cabines de visitação estiverem cheias quando chegar, vai ter que entrar na lista de espera. E não posso garantir nada sobre a lista de espera.

Tantas listas.

– Quais são os horários de visita?

– Menina – diz Bob, e quase o ouço balançar a cabeça. – Todas essas informações estão no nosso site. Mas, como gostei de você, vou dizer.

Parece que a amabilidade compensou.

– Muito obrigada, Bob.

– Então, temos horário de visita de terça a sábado. Tem uma sessão pela manhã, que vai das dez ao meio-dia, e uma à tarde, que vai da uma às quatro. Quer uma dica?

– Adoraria, Bob.

– Tente chegar o mais cedo que puder. É melhor para você. O sistema pode ficar meio atravancado no fim do dia.

– Muito obrigada, mesmo. Vejo você no sábado.

– Está bem, até.

Bob desliga primeiro.

Ajusto o banco do carro para ficar reta, mas não saio da TMC. Minha cabeça parece lotada e assolada por pensamentos conflitantes. Eu a pego com as mãos e respiro fundo várias vezes. Depois de alguns minutos, pego o telefone mais uma vez e ligo para RobôCongelado. Sei que é estúpido da minha parte, mas não consigo evitar. Quero dividir minhas ideias com alguém, e ele é a única pessoa com quem seria possível falar. Acho que é outro motivo por que as pessoas têm Parceiros de Suicídio. São úteis.

– Oi – diz Roman.

– Oi, o que está fazendo?

Sem resposta.

– Está no seu quarto, deitado? – respondo por ele.

– O que mais eu estaria fazendo?

– Sei lá. Jogando basquete.

Imagino seu olhar de raiva para mim. Ele, deitado no edredom de algodão, os olhos castanho-esverdeados estreitados, lápis na mão, um bloco de desenho equilibrado nos joelhos. Vejo Capitão Nemo dizendo para ele ficar de boa, e isso só o deixa ainda mais nervoso. Acho que dei risada, porque Roman diz:

– Pode parar.

– Tudo bem, eu paro. Prometo – falo de pronto.

– Vive dizendo que vai parar e não para. Está começando a ficar chato. – Enterro as unhas no banco do carro. Não quero ser chata com RobôCongelado. Sei que não deveria ligar para o que sou para ele. Mas uma pequena parte de mim se importa. – Desculpe – diz Roman em voz baixa. – Não devia ter dito isso.

– Não, tudo bem. Eu mereci.

– Não, não mereceu.

Hesito por um momento. A linha fica em silêncio, e tudo o que ouço é a respiração leve de Roman. Quero perguntar se ele está desenhando, mas não pergunto.

– Posso te buscar?

– Por quê?

Respiro rápido e tento inventar uma desculpa para vê-lo. Minha mente gira, e eu me lembro das ligações de hoje.

– Estava pensando que poderíamos ir ao Parque de Primavera de Langston.

– Você ficou louca?

– Isso é um sim? – provoco e, na sequência, corrijo o tom. – Digo, foi você quem disse que seria mais fácil para você fugir no dia sete se sua mãe acreditasse que somos bem amigos.

– Verdade, mas ainda não entendo por que você quer ir ao parque de diversões.

– Estarei aí em quinze minutos – digo, e desligo.

Ele tem razão. Pelos meus padrões, por qualquer padrão, eu iria querer evitar parques de diversão. Mas, quanto mais nos aproximamos do sete de abril, mais ousada me sinto.

A verdade é que o Parque de Primavera é um dos últimos lugares em que me lembro de ter sido realmente feliz. Não sei quantos anos tinha quando percebi que a lesma preta dentro de mim inevitavelmente comeria todo e qualquer pensamento positivo que eu tivesse. Mas sei que da última vez que eu estava no parque, com a mãozinha entrelaçada na do meu pai, a alegria não desapareceu.

Ela permaneceu.

QUARTA-FEIRA, 27 DE MARÇO

Faltam onze dias

Mando uma mensagem de texto para ele quando chego à frente de sua casa e, dentro de segundos, RobôCongelado está caminhando na direção do meu carro. Puxou o capuz da blusa azul sobre as orelhas e está curvado, como se tentasse se esconder de algum inimigo invisível.

Assim que entra no carro e eu saio de sua rua, ele diz:

– Então, por que estamos indo para o parque?

– Pensei que estava fazendo um favor para você. Sua mãe vai ficar bem empolgada por você estar indo a compromissos sociais normais.

Ele bate a cabeça no encosto do banco.

– É, você disse isso ao telefone. Estou perguntando por que *você* quer ir ao parque.

Olho-o de relance. A mandíbula está travada, e os olhos, sombrios. Não parece estar com paciência para bobagens. *Não precisa ficar tão nervoso, RobôCongelado*.

– Olha, tudo bem. Vou me abrir com você. Liguei para o Centro Correcional McGreavy. – Hesito. – Por acaso, é onde meu pai está. Está preso lá. E, por acaso, eu queria te contar o que descobri sobre a possibilidade de visitá-lo.

Ele ergue o queixo e olha para o para-brisa. Não parece ter qualquer reação à confissão de que meu pai está preso. É como se eu tivesse dito para ele que meu pai prepara panquecas numa lanchonete ou algo assim.

– Você me ouviu? Meu pai é um interno no Centro Correcional McGreavy.

Roman não olha para mim. Continua olhando para o para-brisa.

– Não poderia ter me dito isso ao telefone?

Dou de ombros, mesmo sabendo que ele não está me olhando. É engraçado fazermos certas coisas mesmo quando ninguém está olhando.

– Bem, podia. Mas pensei que talvez fosse divertido ir ao parque, e assim eu poderia contar pessoalmente.

– Divertido?

Ele cospe a palavra da mesma forma que soltou "amigos" no primeiro dia em que nos encontramos. Por fim se vira para me olhar.

– Quem é você?

Aperto o pé no acelerador e olho para a frente, me esforçando para não mostrar como seu tom me magoa. Não respondo à pergunta porque não tenho mais certeza de que sei a resposta. Passamos o restante do caminho em silêncio.

Assim que chegamos ao parque de diversões, estaciono no terreno lamacento na frente da Escola de Ensino Fundamental de Langston. Caminhamos lado a lado até a entrada, e eu compro os ingressos para nós dois. É o mínimo que posso fazer, considerando que o fiz vir comigo, e ele pagou para mim no zoológico.

No portão que leva à área principal, alguém pendurou cinco banners grandes, todos com Brian Jackson estampado. Olho para Roman de relance e vejo que ele está examinando as fotografias. Minha boca fica seca, mas me forço a falar.

– Quando foi a última vez que se falaram?

Ele dá de ombros.

– Faz um tempo já. Não conheço mais esse cara.

Talvez eu esteja paranoica, na verdade eu sei que sou paranoica, mas parece que tem algo oculto por trás da voz de Roman. Como se soubesse de algo que não quer que eu saiba que ele sabe.

– Você era mesmo rápido como ele?

Penso no primeiro encontro que tive com Roman, quando seus amigos Lance e Travis elogiaram suas habilidades atléticas.

Roman solta uma risada fria.

– Não. Brian sempre foi muito mais rápido. – Ele vira de costas para o banner e me olha, um sorrisinho dissimulado no rosto. – Mas eu o driblava fácil.

Sinto uma onda superficial de alívio percorrer o corpo. Talvez o que senti na voz de Roman não tenha sido um julgamento sobre meu pai. Talvez ele ainda não saiba. Talvez esteja apenas com ciúmes, uma lembrança de quanto sua vida mudou desde que Maddie morreu. Estou prestes a fazer mais perguntas, mas Roman meneia a cabeça na direção do parque.

– Então, vamos entrar ou não?

Entrego o ingresso para ele.

– Sim, vamos lá.

O parque já está lotado. Crianças mais novas passam ao nosso lado, correndo uma atrás da outra, as mãos meladas de algodão-doce e os lábios pintados de azul pelo excesso de sucos artificiais. Meu coração aperta até quase sumir. Sinto saudade de ter essa idade. Antes de eu me dar conta de que havia algo de muito errado com meu pai, que havia algo de muito errado comigo.

Roman põe a mão nas minhas costas. Não consigo decifrar RobôCongelado. Para alguém que consegue ser tão frio, ele não para de me tocar.

– Você está bem?

– Só lembranças – digo.

O chão está fofo embaixo dos meus pés, e os tênis afundam na lama. O lugar inteiro cheira a pipoca, comida frita e terra.

Ele faz que sim com a cabeça e tira a mão das minhas costas.

– Maddie amava este parque.

Não sei o que dizer, então faço uma sugestão estúpida.

– Quer andar na roda-gigante?

Ele faz um gesto indiferente.

– Certo. Por que não?

Esperamos na fila. Vejo algumas pessoas da minha sala. Será que estão aqui para assistir à apresentação da minha irmã? Eu deveria assistir também. Mas é provável que minha presença incomode mais que ajude. Sempre incomoda mais.

Vejo Stacy Jenkins se inclinar para Nate Connors e cochichar algo para ele. Acho que está falando de mim. Mordo minha bochecha por dentro e me esforço para ignorá-los.

Roman me olha, parecendo sentir minha tensão.

– Que foi? Tem algum problema com…

Eu o interrompo.

– Não se preocupe.

Ele se vira e lança um olhar maldoso para Stacy e Nate. Se já não estavam cochichando sobre mim, aquilo os fez me notarem. Odeio a sensação dos olhos das pessoas na minha nuca, como se eu fosse um alvo que eles não veem a hora de abater. Abraço meu corpo e tento me desligar de tudo. Cantarolo o "Réquiem" de Mozart, me balançando para a frente e para trás nas pontas dos pés e nos calcanhares. Não quero que Roman entre em uma discussão sobre mim com meus colegas de classe. Se começarem a falar, sem dúvida vai descobrir quem é meu pai. Não posso pensar em uma maneira pior para ele descobrir.

Chegamos à frente da fila, e um homem, que talvez tenha só metade dos dentes, aponta para entrarmos na próxima cadeira. Sentamos e lentamente começamos a nos afastar do chão.

– Acha mesmo que visitar seu pai vai ajudá-la? – pergunta Roman.

Ele está olhando para mim, e não para o chão, perdendo toda a graça de se andar numa roda-gigante.

– Não sei se vai ajudar. Mas preciso saber algumas coisas.

Olho para as barracas de comida e para as de jogos, que ficam cada vez menores. Imagino se morrer é assim. Tudo na mente fica cada vez menor até desaparecer.

– Que coisas? – insiste Roman. – Você disse que vê-lo novamente não vai fazer você mudar de ideia sobre… você sabe.

As mãos dele pulam no colo. Penso em lhe dizer que já deveria estar confortável o bastante com o assunto morte para mencioná-la explicitamente, mas deixo para lá. A última coisa que preciso é provocar outra briga com ele.

– Olha só – digo, minha voz aumentando de volume. – Meu pai foi um cara terrível, tá? Ele fez uma coisa inimaginável, horrenda. Só quero saber por que fez isso.

– Mas por quê? Se não importa, por que você precisa saber? – Sua voz é suave

e calma. Sem pressão. Nem julgamento.

Sou assolada pelo desejo de abraçar RobôCongelado. Amo o fato de sua questão não ser o que meu pai fez. Não está interessado nos detalhes sangrentos. Encaro seus ombros largos e imagino meu rosto aninhado em seu peito. Não consigo deixar de pensar em mim desse jeito, então baixo os olhos, mirando na barraca de pretzels. Meu pai amava pretzels. Sempre brincava que era uma das melhores coisas da vida nos Estados Unidos. Comprava um de açúcar e canela para mim e um de queijo cheddar com cebola para ele. Caminhávamos pelo parque com os pretzels nas mãos, apontando para diferentes brinquedos e escolhendo a quais ir. Nesses raros momentos, eu me sentia em casa.

– Ei, acorda.

Roman dá tapinhas no meu ombro e sacode a mão diante do meu rosto.

– Desculpe. Acho que viajei. Gosto de ficar olhando para o chão. Gosto de ver tudo ficando menor.

– Certo, mas não respondeu à minha pergunta. Quero entender, Aysel. Quero mesmo. Mas não entendo. Se você vai pular comigo no dia sete de abril, por que importa seu pai ter feito o que fez?

Mordo a unha do dedão e me forço a pensar nas semanas que levaram ao crime do meu pai. Ele estava fora de si, mais do que de costume. Convencera-se de que estava perdendo dinheiro porque a garotada andava roubando a loja, embolsando chocolates e revistas quando ele não estava de olho. Lembro de um dia em que fui para a loja depois da escola e o encontrei sentado atrás do balcão, folheando jornais como um louco. Ergueu os olhos injetados para mim. "Eu tento, eu tento, Zellie. Mas não sei se vai ser suficiente." Parte de mim quis fugir correndo daqueles olhos, mas engoli o medo e fui até ele. Eu o envolvi com os braços e encostei o nariz no tecido de sua camisa, que sempre cheirava a alho. Depois de alguns instantes, ele começou a cantarolar uma peça do "Concerto de Brandenburgo nº 1" de Bach.

Aperto bem os olhos. Às vezes ainda ouço a voz baixa do meu pai.

– Não sei, Roman. – Suspiro e abro os olhos. – Mas ele me criou, sabe? Preciso saber que não ficou nada em aberto.

Nossa cadeira para perto do chão, e saltamos. Roman pousa o braço no meu ombro e me puxa para perto.

– Desde que você não dê para trás.

– Já disse que não vou dar para trás.

– Essa é minha garota.

Meu coração dá um saltinho quando ele diz isso, e eu me lembro de que preciso me segurar. De qualquer forma, Roman está errado: não estou dando para trás ou procurando motivos para viver. Estou buscando validar os motivos para morrer. Mas, quando olho para seu rosto e vejo as olheiras escuras sob os olhos, não sei se é ele ou se sou eu que está tentando se convencer disso. *Não vou*

dar para trás, repito mentalmente para mim mesma. *Não dou para trás. É o que eu quero*.

– O que foi? – pergunta Roman, franzindo a testa.

– Nada – respondo, e desejo que fosse mesmo o caso. – Então, pode ir comigo no sábado?

– Visitar seu pai?

– É.

– Claro, eu acho – diz ele. – Vou ter que inventar alguma coisa para falar com minha mãe para poder sair.

– Tudo bem. Pego você no sábado de manhã. Provavelmente muito cedo. Pode ser?

Ele dá de ombros.

– Me manda mensagem.

– Tudo bem.

Ficamos em silêncio por alguns momentos constrangedores.

– Bem, você me arrastou até aqui. Poderíamos tentar nos divertir um pouco. – Ele fala "divertir" como se fosse uma palavra estrangeira, uma piada.

Roman me leva para a barraca do basquete. Entrega à atendente algumas notas amassadas, e ela lhe dá uma bola. Não reconheço a mulher, mas deve ser a mãe de um dos meus colegas de sala. Ela me olha como se soubesse quem sou e quem é meu pai, mas não diz nada.

Roman segura a bola de basquete e encara o aro. Monto a questão prática de física na cabeça, tentando calcular a energia potencial da bola. Roman abaixa a bola na beirada da barraca e me olha.

– Está fazendo de novo, não está?

– O quê?

Cruzo os braços. A mulher que trabalha na barraca ergue as sobrancelhas para mim. Percebo que é uma daquelas mães que adoram um drama adolescente. Ótimo.

– Essa coisa nerd científica. Sempre está pensando em física.

Minhas bochechas ardem.

– Como sabia?

Seu rosto se ilumina com o familiar sorriso malicioso.

– Você ficou com a mesma cara de quando estávamos tirando fotos no zoológico. Como se estivesse concentrada em alguma coisa.

Ele se volta para o aro de basquete e lança. Vuup. A bola passa pela rede sem esforço nenhum. RobôCongelado tem a manha.

A mulher que está na barraca ergue o dedo fino para indicar que ele fez um ponto. *Obrigada. Podemos contar até um. Somos suicidas, não burros*. Faço que sim com a cabeça para ela saber que entendemos.

Roman gira a bola nas mãos.

– Mas eu gosto desse olhar pensativo. É bonitinho.

Não consigo evitar e solto uma gargalhada. Não me lembro de ninguém, na minha vida toda, se referindo a mim como bonitinha. Mesmo quando eu era pequena, sempre fui "única" – outra forma de dizer que eu não me parecia com ninguém mais em Langston – ou "doce" – ou seja, quieta e modesta –, mas nunca bonitinha.

– O quê?

Ele se inclina de leve e joga a bola de novo. Ela bate no aro, mas termina caindo pela rede. Ergo dois dedos para a mulher, e ela me devolve um sorriso amarelo.

– Isso – diz ela. Seu sotaque sulista é bem forte. – Ele fez dois pontos e tem mais duas chances.

Roman examina os diversos bichos de pelúcia. Há fileiras e fileiras de pandas cor-de-rosa e tigres laranja-fluorescente. Vejo até alguns elefantes azuis.

– O que posso ganhar? – pergunta.

Ela se empertiga, ajeitando a postura, e faz sua melhor expressão de anfitriã de jogos quando estende o braço, fazendo um movimento largo na direção dos elefantes, pandas e tigres de pelúcia.

– Se acertar os quatro lances, pode pegar o que quiser.

– Mesmo aquele leão imenso? – pergunta Roman, estendendo o pescoço para olhar melhor o leão gigante que está bem no alto. A juba parece do tipo que pinica se esfregada no rosto, mas é impressionante mesmo assim.

Ela abre um sorriso largo para mim.

– Inclusive o leão. É ele que você quer?

– Eu? – Pisco várias vezes para ela.

– É. Ele vai ganhar o prêmio para você, querida. Não vai?

Ela solta um som cacarejado. Nunca entendi por que as mulheres de Langston amam fazer isso. Acho que sentem algum tipo de afinidade estranha com a população galinácea.

– Acho que não.

Enfio as mãos nos bolsos dos jeans pretos e balanço de um lado para outro.

Roman finge não ter ouvido o comentário. Ele se prepara para lançar a próxima bola. Enquanto o observo – o rosto retraído pela concentração, os olhos fundos bem abertos e ansiosos, os músculos tensionados do braço torneado –, imagino se ele vê algo semelhante quando me examina pensando em física. Claro, ele ainda parece bem infeliz, bem RobôCongelado. Mas, ainda assim, tem algo ali, como sombras que às vezes entram de mansinho no enquadramento de uma foto. Parte de mim quer estender a mão e agarrá-lo, trazê-lo para dentro do foco.

De repente, percebo o que é essa sombra. É alegria. RobôCongelado ama basquete. Ama jogar. Não importa o quanto ele tente afastar essa alegria, ela está

lá. Será que alegria tem energia potencial? Ou será que a energia potencial é que leva à alegria, como um soro de felicidade que fica no estômago das pessoas e borbulha devagarzinho para criar a sensação que conhecemos como felicidade?

Se for verdade, minha lesma preta come a minha inteira. Quer dizer, a maior parte. Ver RobôCongelado jogando basquete quase me fez sorrir. Atenção para a palavra-chave: quase.

Ele acerta o terceiro e o quarto lances. Eu mal estou prestando atenção aos lances em si. Gosto do processo de preparação mais do que do próprio lance. O momento passa rápido demais; é quase impossível acompanhar.

– Então, o que vai ser? – pergunta a mulher.

Percebo que tem batom cor de amora manchando seus dentes da frente.

– O que a moça quiser – diz Roman, e sou pega de surpresa.

A mulher com dente manchado de batom vira-se para mim.

– O leão, então?

As palavras que eu tinha a dizer ficam todas enroscadas na garganta. RobôCongelado não deveria estar ganhando prêmios para mim no parque. A última coisa de que preciso é mais porcarias para deixar para trás. A última coisa de que preciso é me sentir mais confusa. Balanço a cabeça para a mulher.

– Não quero nada.

Ela franze o cenho, e Roman dá um empurrãozinho com o ombro no meu.

– Vai, Aysel. Você tem que escolher. Eu ganhei.

– Eu sei – solto. – É que eu quero outra coisa.

A testa da mulher fica mais enrugada.

– Esses são os únicos prêmios que temos disponíveis, querida.

Balanço a cabeça com mais força.

– Não, não. Não quero um prêmio diferente, só quero que você dê o prêmio que ele ganhou para outra pessoa.

A mulher ergue as sobrancelhas, confusa.

Eu me esforço para explicar.

– Tipo, se outra criança vier jogar, mas não acertar nenhum lance. Pode dar o prêmio para ela? – sugiro, e mordo o lábio inferior.

A mulher põe a mão na cintura.

– Mas como eu vou saber que criança devo presentear?

Dou de ombros.

– Entregue para aquela que pareça precisar mais, que pareça mais solitária.

O nariz da mulher se retorce enquanto ela reflete, depois abre um sorrisinho.

– Tudo bem, querida. Como quiser. Vai fazer uma criança ganhar o dia.

– Esse leão gigante vai fazer alguém ganhar o dia – digo. Em seguida, sussurro para mim mesma. – Pelo menos é o que espero.

Quando nos afastamos da barraca de basquete, Roman estende a mão. Eu a pego, e ele entrelaça os dedos nos meus. Não digo nada. Sei que não é aquele tipo

de mãos dadas. É um tipo diferente. É o jeito que provavelmente vamos nos dar as mãos em sete de abril.

Mas, por mais que minha mente saiba disso, um calor ainda se espalha por minha pele. Espero que ele não perceba. Talvez pense apenas que minha palma da mão é naturalmente úmida.

– Isso foi muito legal – diz ele, balançando nossas mãos no ar para a frente e para trás. Deixo que ele mova minha mão como se fôssemos apenas um. – Você foi uma criança solitária?

Pondero a pergunta por um instante.

– Nem sempre. – Ele inclina o queixo para baixo a fim de fitar meus olhos. Não digo nada, mas não precisa. Sei que está pedindo explicação. – Depois do que aconteceu com meu pai, perdi todos os meus amigos. Alguns se distanciaram de cara, mas alguns eu afastei. Era assustador demais deixar qualquer um se aproximar de mim. – Suspiro. – Não sei como explicar.

Roman meneia a cabeça. À luz natural, seus olhos são cor de mel, como a grama que fica manchada à luz do sol de verão.

– Não, eu entendo. É como se sua tristeza fosse tão profunda e destruidora que você tem medo de que ela vá afogar todas as pessoas de sua vida se deixá-las ficar muito perto.

Ele entende.

– Exatamente.

Ele estende a outra mão e tira uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Fiz a mesma coisa, sabe? Afastei meus amigos. Mas é o que a gente tem que fazer, acho. É a única maneira.

Ele ainda está segurando minha mão, os dedos entrelaçados nos meus, e eu imagino a rapidez com que soltaria minha mão se soubesse o que meu pai fez com Timothy Jackson.

– Conta mais sobre ela, sobre sua tristeza – insiste ele.

– Por quê?

– Quero entender. Gosto de entender você. Faz muito tempo que não me identifico com ninguém, mas acho que me identifico com você.

O buraco negro do meu coração para, sugando todo o ar dos pulmões. Não pode ser assim. Só vai dificultar mais o sete de abril. Uma turma de garotos do ensino fundamental corre ao nosso lado e faz "uuuuh" e "ahhhh". As bochechas de Roman ficam vermelhas, mas ele não solta minha mão. Sinto meu rosto corar também.

Ficamos parados por alguns instantes até ele puxar de leve minha mão para continuarmos a caminhada. Passeamos pelo parque de diversões em silêncio, os tênis estalando a palha que colocaram no chão para conter a lama.

Quando nos aproximamos das xícaras giratórias, Roman volta a falar.

– Às vezes, para mim, é como se a tristeza me comesse vivo. Sempre pensei

que os momentos mais difíceis seriam quando eu me lembrasse de coisas sobre ela, mas não é verdade. Os momentos mais difíceis são quando percebo a falta que ela fará no futuro. Claro, as festas de fim de ano são complicadas, mas estou falando das pequenas coisas, como quando estamos no mercado, passamos pela seção de congelados e imaginamos Madison implorando para minha mãe comprar uma caixa grande de picolés.

Ele para de falar um segundo e solta um riso baixo e engasgado.

– É, por seis meses minha mãe não tirou os olhos de mim. Então, me forçava a ir até o mercado com ela.

Ele baixa a cabeça, encarando os tênis manchados de lama.

– A pior parte é saber que sou o motivo por que ela não está lá para implorar pelos picolés. Daria tudo para vê-la mais uma vez, trocar de lugar com ela.

Aperto a mão dele com mais força, como se tivesse medo de ele desaparecer, de a tristeza devorá-lo bem ali, na minha frente.

– É por isso que desenho – confessa ele. – Antes de Madison morrer, eu sempre rabiscava umas coisas, mas escondia de todo mundo. Não era algo que eu fazia com seriedade. Vamos ser francos, meus colegas do basquete não dariam a mínima para isso. Mas agora desenho porque, às vezes, parece impossível falar. É como se eu estivesse preso em um buraco profundo e não pudesse sair. Desenho para tentar escapar, mesmo sabendo que nunca vou conseguir.

Engulo em seco o nó na garganta e processo tudo o que ele acabou de confessar. Não sei se já ouvi RobôCongelado falar tantas palavras de uma só vez antes. Sofro por ele e queria que tivesse alguma coisa que eu pudesse fazer, mas sei bem que não há. Não há salvação para ele de seu buraco profundo. Não há salvação para mim da minha lesma preta.

– Mas ao menos você tem o direito de sentir saudades da Madison – digo com suavidade.

Ele deve entender o que estou tentando dizer porque pergunta:

– Você sente saudades dele? Do seu pai?

– Sinto – falo sem hesitar. – Sim, eu sinto. E é por isso que sei que estou maluca.

Ele para de andar e se vira para me olhar, encurtando a distância entre nossos corpos. Ficamos peito com peito, ou melhor, meu queixo fica no peito dele. Ele continua segurando minha mão e encaixa a outra na minha nuca. A palma da mão dele está quente e úmida. Talvez, apenas talvez, ele esteja um pouco nervoso e confuso também.

– Não acho que você seja maluca – sussurra ele. – Mas entendo por que é confuso. Queria que não fosse assim para você. Que nada disso tivesse acontecido.

– Eu também – suspiro, minha voz quase inaudível.

Ele empurra meus ombros com a mão direita para abrir um espaço um pouco maior entre nós e me olhar.

– Posso perguntar uma coisa?

– Pode.

– Como nerd das ciências, você acredita em outros universos? Acha que existe outra dimensão onde somos felizes? Onde você ainda tem seu pai e eu ainda tenho Maddie? Onde somos apenas um garoto normal e uma garota normal no parque de diversões?

Solto a mão dele e me afasto, dando de ombros.

– Não consigo pensar nisso.

Ele faz uma careta e coça a nuca.

– Como assim?

– É confuso.

– E toda aquela merda sobre energia potencial?

Meu rosto queima.

– Não sei. Parece diferente. Menos hipotético, acho.

Estou tentando pensar em algo inteligente para dizer. Algo para fazê-lo entender por que meu falatório sobre energia potencial é mais ciência de verdade e menos ficção científica, mas antes que eu pense em algo ele pergunta:

– Sabe o que é confuso?

Balanço a cabeça para que ele continue.

– Ver você ficar tão feliz quando pensa em ciência. Me deixa meio que… feliz. – Ele encurva os ombros e arrasta os pés. – E isso é confuso.

Sinto uma pressão no fundo da garganta e sei que deveria dizer algo sobre o que eu vi quando ele estava jogando basquete, mas não digo. Penso na minha lesma preta, rastejando, sugando minha energia potencial de alegria. Ponho a mão na barriga e desejo desesperadamente que ela não exista, que haja uma maneira de me consertar, de consertá-lo. Enterro as unhas na barriga e me contorço.

Roman estende o braço e pousa a mão na minha.

– Mas a coisa mais confusa é que estar confuso por vê-la feliz não muda nada. – Ele abaixa a voz para que só eu o ouça. – Eu ainda quero morrer no dia sete de abril. E ainda preciso que você faça isso comigo.

De repente, o parque de diversões parece barulhento demais. Ouço as pancadas metálicas da roda-gigante, o girar das xícaras e os gritos das crianças alegres. Faço menção de tocar a cabeça, mas ele agarra minha mão, entrelaçando os dedos nos meus e puxando-a para o lado.

– Entendi – digo em um sussurro esforçado. – Não vou falhar com você.

Ele aperta minha mão com tanta força que não consigo senti-la mais. Queria que alguém fizesse isso com meu coração.

SEXTA-FEIRA, 29 DE MARÇO

Faltam nove dias

Deslizo na cadeira bem quando o sinal toca e jogo a mochila embaixo da carteira. Tyler acena com a cabeça para mim. Ele tem feito isso nos últimos tempos, como se pensasse, desde que fomos ao zoológico, que somos amigos ou algo assim. Imagino os cochichos que isso vai provocar entre os colegas de sala.

O sr. Scott escreveu "Einstein" em letras azuis desleixadas na lousa branca. Está batendo a tampa da caneta na lousa, esperando todos ficarem quietos.

– Bom dia, bom dia.

Algumas pessoas respondem murmurando. Eu fico quieta.

– Hoje, quero fazer uma pausa na matemática e nas equações e falar um pouco sobre teoria. Vamos chamar de sexta-feira divertida.

A classe grunhe, e o sr. Scott se vira para o quadro e rabisca: "A Teoria Especial da Relatividade."

– Levanta a mão quem já ouviu falar nessa teoria.

Ele bate no quadro mais uma vez enquanto algumas pessoas na sala levantam a mão.

Óbvio que já ouvi falar da teoria. Todo mundo conhece Einstein. Aposto que até Mike poderia apontar Einstein em uma fileira de suspeitos. E meio que sei um pouco da teoria, mas não significa que vou levantar a mão. Odeio falar em sala.

Ele aponta para Melanie Taylor. Acho que ela nem levantou a mão.

– Quer explicar para todo mundo?

Suas bochechas redondas ficam rosadas.

– Hum, tipo, não sei muito sobre essa teoria. – Ela mexe em um dos botões berrantes de latão do cardigã. – Mas ouvi falar de Einstein. Todo mundo, não é? É aquele gênio com cabelo doido.

Viu? Todo mundo conhece Einstein. Até Melanie Taylor.

– Tudo bem – fala o sr. Scott devagar. – Alguém mais?

Ele inspeciona a sala e aponta para mim. Não estou com a mão levantada. Não sei o que está tentando aprontar.

– Aysel – diz ele. – Sabe alguma coisa sobre a teoria?

Ergo os ombros e balanço a cabeça. É uma combinação de movimentos que dá ideia de uma dança vaga: a dança do "Não-sei" com "Por-favor-por-favor-por-favor-por-favor-não-me-force-a-responder".

– Vamos lá. Sei que você sabe alguma coisa. Pela sua nota na última prova, parece que você tem um interesse natural pela física.

Algumas pessoas na sala assobiam e soltam uivos idiotas.

Nunca entendo por que professores acham que falar aos quatro ventos que alguém teve boa nota em uma prova vai ajudar a vida social da pessoa. Além do mais, minha nota na última prova confirma apenas que eu aprendi o que o sr. Scott me ensinou, não que eu sei algo além.

– Vamos lá, Aysel – encoraja. – Arrisque.

Quero é riscar você do planeta, penso com amargor, e tamborilo os dedos no tampo da carteira. É bom que eu não tenha dito isso em voz alta. Stacy Jenkins e seu bando teriam enlouquecido. Até a mim o pensamento assusta um pouco, e eu não queria tê-lo, queria apagá-lo.

– Aysel – insiste ele, e há um desespero em sua voz.

Quase sinto pena do sr. Scott. Sua vida deve ser bem terrível se sou a aluna de quem ele depende. Queria poder lhe dizer que precisa apostar em outra pessoa, que sou um bilhete de loteria perdido. Qual será o termo da física para isso? Claro, há as estrelas mortas. Mas ao menos antes de morrer eram estrelas.

E sua morte foi uma supernova – sua morte exigiu atenção. Tenho certeza de que minha morte não se classificará como supernova. Ninguém vai ficar ao meu redor para ver minha energia se esvair. Exceto, talvez, Roman, mas duvido que ele vá prestar tanta atenção.

– Aysel – repete ele. É como se pensasse que é uma palavra mágica que de repente vai dar partida no meu cérebro e me transformar no tipo de garota que sabe a resposta.

O sr. Scott e eu entramos em uma disputa de encaradas. Ele não pisca.

Por fim, desisto e falo:

– Não tem a ver com o fato de nossa percepção das coisas nem sempre ser confiável? Tipo, a mente humana é lenta demais para ser capaz de compreender coisas que são muito rápidas.

– Coisas que são muito rápidas? – pergunta ele, girando o punho no ar, me incentivando a continuar.

– Tipo a velocidade da luz. Não tem a ver com a velocidade da luz? Acho que a teoria especial da relatividade tem a ver com luz, e também tem outra teoria que ele criou.

– A teoria geral da relatividade – acrescenta o sr. Scott.

– É. E essa daí coloca gravidade na jogada.

– Perfeito. – O sr. Scott faz o sinal de ok mais brega do mundo para mim, e eu quero desaparecer como éter. Nesses momentos sempre sinto como se minha pele fosse muito fina, como se todo mundo conseguisse ver dentro de mim, meu vazio e a escuridão. – Você está corretíssima, Aysel. Parabéns.

Ele abre um sorrisinho, como se não tivesse ideia de como a situação é desconfortável.

Puxo a manga da minha camiseta listrada e olho para o quadro. O sr. Scott

continua explicando que Einstein revolucionou a física com essa teoria. Ele nos dá a explicação mais básica da teoria especial da relatividade. Diz que nada viaja mais rápido que a luz e que a luz é sempre medida à mesma velocidade, não importa quão rápido se mova ou em que direção. Basicamente, a velocidade da luz é constante. Não podemos viajar mais rápido que a luz e não temos como reduzir sua velocidade.

E o tempo não é constante. Ao menos não o conceito humano de tempo. Einstein teorizou que, quanto mais rápido nos movemos, mais devagar achamos que o tempo se move. De qualquer forma, os relógios ainda vão continuar a andar na mesma velocidade, mas tudo isso depende da percepção do observador.

Acho que quase tudo na vida depende da percepção do observador.

O sr. Scott diz:

– E vocês sabem que Einstein tem uma frase muito famosa sobre a relatividade. Alguém sabe qual é?

A sala fica em completo silêncio.

O sr. Scott pega a caneta e começa a escrever no quadro. Assim que termina, lê em voz alta o que anotou.

– Ponha a mão em um forno quente, e vai parecer uma hora. Sente-se com uma garota bonita por uma hora, e vai parecer um minuto. Isso é relatividade.

Aperto o lápis na folha de caderno, deixando pequenas manchas de grafite em todo o papel. Será que a teoria de Einstein é de verdade? Desde que conheci Roman e fizemos nosso plano de pular de Crestville Pointe, o tempo voou. Quero acreditar que a mudança não tenha nada a ver com Roman. Que talvez o tempo apenas se mova mais rápido no fim. Acho que faria sentido. Sei que tudo está perto de terminar, então meu desejo de apressar as coisas é um pouco menor.

Faço tudo mais devagar nos últimos tempos, como mastigar as barrinhas de granola para saborear as gotas de chocolate. E chacoalho o suco de laranja no fundo da garganta algumas vezes antes de engolir para sentir o gosto cítrico, doce e azedo. Talvez Einstein estivesse certo. Como estou me movendo mais devagar, talvez o tempo esteja andando mais rápido. Talvez seja apenas a maneira como o universo funciona e não tenha nada, nada mesmo, a ver com Roman e com o fato de que conhecê-lo mudou minha perspectiva.

Mas, para ser sincera, não sei. Simplesmente não sei.

O sinal toca enquanto sr. Scott avisa que não vai dar nenhuma lição de casa para o fim de semana. A classe irrompe em aplausos, e tento disfarçar minha decepção. Gosto de resolver problemas práticos. Eles me dão algo para fazer às duas da manhã, quando a casa está em silêncio e escura, e Georgia está desmaiada de sono, roncando baixinho. Os problemas práticos fazem com que me sinta menos sozinha. É engraçado descobrir que o empuxo gravitacional de um objeto aleatório faz a gente se sentir mais pé no chão.

Levanto da carteira e jogo o caderno de física na mochila. Estou prestes a dar

o fora da sala quando vejo o sr. Scott caminhando na minha direção.

– Aysel – diz ele. – Espere um pouco.

Eu volto para a carteira e ergo os olhos para ele.

Ele põe uma apostila grossa na minha frente.

– A Universidade de Kentucky patrocina um programa de verão de duas semanas para alunos interessados em ciências.

Ele pega uma cadeira da carteira à minha frente e a puxa para se sentar diante de mim. Abre a apostila e aponta para o texto na terceira página.

– Tem até um programa especial de física. Acho que você iria curtir muito.

Respiro fundo. Não posso dizer exatamente ao sr. Scott que não poderei participar do programa de verão porque não estarei viva.

– Tenho que trabalhar durante o verão.

Seus lábios se retorcem em um sorriso solidário. Nunca percebi como seus olhos são escuros e suaves; lembram os de um cavalo. Talvez eu esteja errada sobre o sr. Scott. Talvez quisesse ser professor desde sempre. Talvez seja uma dessas pessoas que nascem para cuidar do outro.

– Não precisa se preocupar com dinheiro se entrar. Eles dão uma bolsa para a inscrição, estadia e alimentação por duas semanas. – Ele empurra a apostila para mais perto de mim. – Acho que seria uma experiência muito legal para você, Aysel.

Pego a apostila e a enfio nas profundezas da mochila. Digo que vou pensar em me inscrever e agradeço por pensar em mim. Mais tarde, na aula de matemática, pego a apostila e corro os dedos pelas fotografias brilhantes. Imagino todas as supostas grandes experiências que vou perder; me pergunto sobre a relatividade da grandiosidade.

SÁBADO, 30 DE MARÇO

Faltam oito dias

Chego à casa de Roman um pouco depois das sete e meia. Estou prestes a mandar uma mensagem de texto para ele sair quando a porta se abre. A sra. Franklin sai no alpendre com um roupão creme e pantufas cor-de-rosa. Ela acena para mim, e aceno de volta.

Ela vem até mim, e eu saio do carro.

– Bom dia.

– Bom dia, Aysel!

Ela estende os braços para me abraçar e dou um pulo para trás. Não estou acostumada a pessoas querendo me tocar; a maioria tenta ficar o mais longe possível, como se ao me tocar pudesse de alguma forma se contaminar com a loucura do meu pai.

Mas a sra. Franklin não sabe nada sobre meu pai, então me puxa para perto da maneira mais humana possível. Sinto o cheiro da pasta de dente mentolada e ouço as batidas rápidas de seu coração. Ela me solta do abraço apertado, mas mantém as mãos nos meus ombros.

– Então, empolgada para o acampamento?

Acampamento? Acho que Roman deve ter dito a ela que íamos acampar para explicar por que ficaria fora tanto tempo. Esqueci que a mãe dele se importa de verdade com os lugares aonde ele vai e o que faz no tempo livre. Eu disse para minha mãe que trabalharia até tarde no fim de semana, que não precisava esperar por mim, e Georgia em geral passa as noites de sábado na casa de uma amiga. Embora eu tenha certeza de que poderia fazer uma viagem de uma semana pela Antártida antes de alguém em casa ficar preocupado com minha ausência.

– Ah, sim. Faz uma eternidade que não acampo – digo à sra. Franklin, e ela solta meus ombros e dá uma volta ao redor do meu carro, espiando o banco de trás. Nesse caso, eternidade quer dizer nunca.

Ela deve ter percebido minha ignorância a respeito de acampamento, pois pergunta:

– Você trouxe um saco de dormir?

– Sim, está no porta-malas – minto.

Roman e eu planejamos passar a noite em algum lugar perto do Centro Correcional McGreavy para não precisar fazer a viagem duas vezes em um dia. Além disso, quem sabe quanto tempo terei de esperar para ver meu pai. O plano

original era parar em algum hotel mequetrefe de beira de estrada; ele poderia dormir na cama e eu, no chão. Mas acho que ele planejou um acampamento. Ou ao menos fez a mãe acreditar nisso, fingindo o planejamento.

– Bom, muito bom. Vai precisar de um saco de dormir com esse tempo – diz ela. – De qualquer forma, Roman está um pouco atrasado. Não é muito bom nessa coisa de acordar cedo. Quase tive de arrastá-lo para fora da cama. Está no banho, mas vai sair logo. Quer entrar e tomar café da manhã?

– Eu já comi – minto mais uma vez, e xingo Roman mentalmente por não estar pronto.

É exatamente o que estava tentando evitar. Não quero conhecer a mãe dele mais do que já conheço.

– Hum, bem, ao menos entre e tome um cafezinho. – Faço uma cara que mostra, obviamente, que não sou fã de café. – Ou chocolate quente? Não precisa ficar aqui fora esperando.

Ela volta para a casa e acena para mim, ordenando que eu a siga.

Resmungo de leve e vou atrás dela, mantendo os olhos grudados na aleia bem-cuidada. Assim que entramos, ela pede para eu me sentar à mesa da cozinha. Enche a chaleira com água e põe na boca da frente do fogão.

– A água vai ficar pronta em um minuto.

Faço que sim com a cabeça como se tudo o que eu quisesse no mundo fosse uma xícara de chocolate quente. Examino a cozinha dos Franklin. As paredes são pintadas de amarelo-canário, e os armários são feitos de cerejeira. No tampo do balcão de mármore, há um porta-retratos com uma foto de Roman e Madison. Madison abraça o pescoço de Roman, e os olhos dele estão apertados como se estivesse no meio de uma gargalhada. Baixo os olhos para o ladrilho, pois não consigo olhar aquela foto.

Não sei como o sr. e a sra. Franklin conseguem aguentar olhar para ela todos os dias.

A sra. Franklin põe uma caneca na minha frente e se senta.

– Então, me fale mais sobre o lugar para onde vocês vão. Eu amo acampar. Costumávamos acampar muito juntos, em família. Estou tentando fazer Jim e Roman concordarem em planejar uma viagem para este verão. Sabe, Roman sempre adorou atividades ao ar livre. Amava qualquer tipo de aventura.

Dou um gole no chocolate quente. O líquido queima a ponta da minha língua, e eu me contorço.

– Ai! Cuidado, está quente.

– Não sei para onde vamos – respondo. – Roman foi quem sugeriu o acampamento.

O rosto da sra. Franklin fica sombrio.

– Ah, é. Como eu disse, ele sempre amou ficar ao ar livre. Vai ser bom para ele. – Ela me encara. – Estou tão feliz que ele tenha conhecido você, Aysel. – Ela

olha para trás, na direção das escadas, depois se inclina na minha direção. – Isso é novo para mim. Deixá-lo sair sozinho, sem supervisão. Mas não pude dizer não. Ele parece tão feliz quando fala de você. Vai ser bom para ele, não vai? – Seus olhos ficam brilhantes, como se ela estivesse repassando lembranças. – Você vai cuidar para ele ficar bem, certo? Para ele ficar em segurança?

Não consigo ignorar a sensação de aperto no fundo do estômago, e imagino minha culpa como um nó-corrediço, se apertando devagar ao redor do meu pescoço. A palma das minhas mãos está úmida, e aperto-as ao redor da caneca. O vapor do chocolate sobe e faz cócegas no meu rosto.

– Ei – ouço Roman dizer, e ele entra na cozinha.

Os cabelos castanhos estão úmidos, e ele está com uma mochila pendurada no ombro.

– Desculpa, não acordei com o alarme.

Encolho os ombros, embora esteja planejando fazer pedacinhos dele no segundo em que estivermos sozinhos no carro. Tenho certeza de que isso não está no manual de etiqueta de Parceiros de Suicídio, mas deveria. Se eu não fosse partir em oito dias, escreveria um. A regra número um seria: nunca acorde tarde no dia em que tem planos com seu parceiro. Regra número dois: nunca faça seu parceiro tomar café da manhã com sua mãe, porque ele acabará comendo um prato gigantesco de culpa e arrependimento.

– Vou pegar a barraca na garagem – diz ele. – Pode me dar as chaves? Eu ponho no porta-malas.

– Ah, Roman? – chama a sra. Franklin.

– Oi, mãe?

– Pus umas bebidas no isopor e tirei da garagem. Estava pensando que vocês poderiam levá-lo. Também botei umas salsichas lá. Devem ser fáceis de grelhar. E fiz um cesto com lanches e deixei do lado do isopor. Talvez vocês possam parar em um mercado no caminho para comprar pão para um cachorro-quente. Acho que não tem nenhum aqui. – Ela ergue as mãos e me abre um sorriso de desculpas. – Não tinha nenhum no armário. Roman só me avisou que vocês iam acampar ontem à noite. Se eu soubesse, estaria mais preparada.

Ela passa as mãos na superfície macia do roupão.

– Que bom, mãe. Não se preocupe. A gente vai parar em um mercado e comprar tudo de que precisarmos.

– Têm que levar marshmallows, chocolate e biscoitos. – Ela põe a mão sobre o coração e suspira. – Marshmallows tostadinhos com chocolate e biscoitos são a melhor parte do acampamento.

– Tá, mãe. Eu cuido disso. Não se preocupe.

– É – interrompo. – Obrigada por tudo. – Jogo as chaves para Roman e sigo para a garagem lá fora.

A sra. Franklin se levanta da mesa e abre a despensa.

– Vou fazer um sanduíche de manteiga de amendoim e geleia para ele comer no caminho e vocês não atrasarem mais.

– Ah, ele pode tomar café se quiser – digo.

Ela gira para me encarar, um sorriso largo no rosto. É a primeira vez que vejo a sra. Franklin sem maquiagem. Embora esteja sorrindo, as olheiras escuras e grandes a entregam. Talvez o que RobôCongelado disse seja verdade. Talvez ela passe a noite toda aos prantos. O que deve ser estranho para ela – chora em silêncio à noite e cuida da casa com alegria de dia. Não acho que eu seria capaz de fazer isso. Partir a vida em dois. Mas talvez seja o que fazemos pelas pessoas que amamos.

Meu rosto se contrai quando penso no quanto ela ama Roman. Ela percebe minha expressão e diz:

– Ah, querida. Não vou atrasar mais vocês.

– Não, não… – Tropeço nas palavras. – Não estou preocupada com isso.

Ela sacode um pano de prato no ar e o joga no balcão da cozinha.

– Bem, não faça essa carinha triste. Vocês vão fazer uma viagem bem divertida.

Se ela soubesse que a viagem não tem a ver com diversão ou acampamento. Não tem a ver com marshmallows tostados, cachorros-quentes e sacos de dormir. Trata-se de encarar meu passado para que eu valide o que quase já sei sobre meu futuro (inexistente). E não há nada de divertido nisso.

– De qualquer forma, vocês precisam ir. Roman pode comer na estrada.

Ela volta a preparar o sanduíche, e eu encaro meu chocolate quente. Não consigo ver meu reflexo, mas finjo ver. Não gosto da garota que vejo. Da garota que fez isso com a sra. Franklin, que não a alertou.

Imagino se há mais de uma maneira de matar alguém. Talvez meu pai não apenas tenha matado Timothy Jackson, mas também a mãe de Timothy, porque a deixou arrasada. Destruiu a família toda. Acho que por isso Brian Jackson está tão motivado para chegar às Olimpíadas – precisa reparar o dano que meu pai causou.

De qualquer forma, não quero fazer o mesmo com a sra. Franklin, destruí-la desse jeito. Giro a caneca nas mãos. A palma transpira com o calor. Por fim, dou um golinho. Então, um gole maior. Bebo meu reflexo de chocolate inteiro. Faço aquela garota desaparecer.

Quando Roman volta, ela entrega o sanduíche e lhe dá um abraço apertado.

– Encontrou tudo?

– Sim, mãe. Já peguei tudo. Obrigado de novo.

Ela dá um sorrisão e o aperta ainda mais forte.

– Ah, mãe?

– Sim?

– Pode dar comida para o Capitão Nemo?

A sra. Franklin pousa as mãos nos ombros do filho e se inclina para olhá-lo nos olhos.

– Claro, meu bem. Eu vou ficar cuidando dele o tempo todo. E ligo para dar notícias.

Roman se afasta das mãos dela com um empurrãozinho. Seu rosto está vermelho, e a parte sardenta do nariz brilha de vergonha.

– Só não esqueça de alimentá-lo, está bem?

A sra. Franklin não parece contrariada com a atitude do filho. Ela o puxa para mais um abraço.

– Tudo o que quiser, querido. – Ela olha para mim por sobre o ombro de Roman. – Mas vocês precisam pegar a estrada logo. Boa viagem e me ligue assim que chegarem ao acampamento.

Minha pele coça, e sei que não consigo mais vê-los se abraçarem. Não consigo ouvi-la falar o tempo todo para ele ficar bem. Dou tchauzinho para ela e corro porta afora.

– Ótimo revê-la, sra. Franklin.

– Divirtam-se! – diz ela quando saio. – E, Roman, não se esqueça de ligar!

Entro no lado do motorista e bato as mãos no volante, esperando Roman. Olho pelo para-brisa. Parece que a geada pegou de jeito o canteiro de flores da sra. Franklin. O solo está úmido onde a neve derreteu. Um dos arbustos está marrom, os galhos ainda nus. Não sei se a geada tardia significa que vai levar mais tempo para as flores desabrocharem. Espero que as flores desabrochem logo para ela. Vai precisar delas.

Enfim, Roman sai e caminha devagar pela aleia. Os cabelos ainda estão úmidos, fazendo-os parecer mais escuros, o que, por sua vez, o faz parecer mais pálido. Mais congelado. Mas está com a postura ereta. E há uma leveza em seus passos, em vez da relutância habitual. Talvez a sra. Franklin esteja certa: ele realmente ama acampar.

Dá a volta no carro e bate na minha janela. Eu abro.

– Que foi?

– Esqueci o celular na garagem. Volto em um segundo.

– Rápido – resmungo, e o vejo correr até a garagem que fica atrás da casa.

Parece mais um barracão que uma garagem, com o telhado enferrujado e a pintura azul-escura descascando. Sem demorar, ele volta agitando o celular no ar para que eu veja que o pegou.

– Que inferno – digo assim que ele entra no carro. O carro todo se enche com seu perfume de pinho. Cubro a boca com a mão e quase tusso.

– O quê?

– Você cometeu dois crimes.

Saio com o carro.

– Hein?

Ele esfrega os olhos. Pelo visto, RobôCongelado não funciona muito bem cedinho. Não sei ao certo que horas estamos planejando ir para Crestville Pointe no dia sete, mas é melhor não ser cedo.

– Crime um, você usa muito perfume.

Ele afunda no banco, levando a cabeça ao encosto. Põe a mochila no chão e descansa os pés sobre ela.

– Eu não uso perfume.

– Tudo bem, seja lá o que for, está cheirando a árvore de Natal.

Ele fareja o ombro, puxando o tecido da camiseta preta.

– E qual é o segundo crime?

Aperto os dedos no volante.

– O segundo. Esse é um crime grave.

– É por isso que estamos indo para a prisão? De quantos anos é minha pena? Odeio te dar essa notícia, mas não acho que vou estar por aqui para cumpri-la.

Ignoro a gracinha.

– Você fez com que eu me aproximasse da sua mãe. Não. Fez com que me aproximasse ainda mais. Definitivamente, você deveria cumprir pena por isso.

– Aproximar?

Roman se vira para me encarar. Não estou acostumada a ter passageiros. Esqueço como meu carro é pequeno, como pode parecer pequeno quando alguém se debruça na direção do banco do motorista. Se eu inclinasse a cabeça, minha bochecha encostaria na dele. Eu me afasto e estico o pescoço para o lado oposto.

– É, aproximar.

Resisto à tentação de enfatizar as semelhanças entre as palavras “aproximar” e “aprisionar”. Volto minha postura para a posição neutra. Não posso dirigir o caminho todo até McGreavy com a cabeça para a esquerda.

– E não finja que não sabe do que estou falando. Fico com o coração partido por ela. Ela é tão legal.

Ele bufa e balança a cabeça.

– Você não conhece minha mãe de verdade.

– Ah, é?

– É. – Ele puxa o sanduíche da sacola plástica, tira a casca do pão e dá uma mordida. – Mas, por favor, vamos parar de falar da minha mãe. O que acontece com ela não é da sua conta.

– Ótimo. Então não faça ser da minha conta.

Levo o carro para longe da sua vizinhança e sigo pela estrada serpenteante até a rodovia. As colinas começam a ceder lugar ao vale reto e enlameado do rio. Evito olhar para o rio Ohio. É desconfortável olhá-lo; é como se soubesse meus segredos. Às vezes, parece que o rio está me julgando, que está decepcionado comigo. Sei que é tudo coisa da minha cabeça, mas é mais difícil se livrar de

alguns sentimentos que de outros.

Volto a atenção para Roman. Deixo o assunto de sua mãe para lá por uns cinco segundos.

– Ainda não consigo acreditar que ela nos deixou viajar sozinhos. Não parece uma coisa que ela faria.

Os lábios de Roman se abrem em um sorrisinho malicioso. É calculado, direto. Não como o de meia-lua, com que estou acostumada.

– Antes do que aconteceu com Maddie, ela nunca teria permitido. Mas, considerando que passei o último ano trancado no meu quarto, ela ficou empolgada por eu ter interesse em fazer alguma coisa fora de casa.

Antes que eu possa comentar, ele abre a mochila e pega um mapa amarrotado.

– Aqui, descobri o caminho mais fácil para chegar a McGreavy.

Ele me dá as instruções quando entro na rodovia. Ligo o rádio na estação de música clássica, e ele resmunga em protesto.

– O quê?

– Por que você gosta dessas músicas chatas?

– Você já me perguntou antes.

– Eu sei. Mas você nunca me deu uma boa resposta.

Dou de ombros.

– Como eu disse, me ajudam a pensar.

E alguém no passado me disse que eu poderia encontrar respostas nelas se eu me esforçasse para ouvir direito.

– Não tem personalidade.

– Não é verdade. Tem uma personalidade que não está explícita. É mais profunda. Exige mais do ouvinte. É por isso que eu gosto. Não é fácil.

– Entendi. Se você está dizendo. – Ele recosta a cabeça na janela. – Então, está pronta?

Tamborilo os dedos no volante, cantarolando com o rádio. Não sei se estou pronta. Não sei se estou pronta para isso tudo. Na noite passada, tive problemas para dormir. Fiquei acordada a noite toda, montando cenários imaginários na cabeça, mas todas as vezes que me vi sentada diante daquele vidro, o telefone laranja na mão, não conseguia identificar quem estava do outro lado da janela. Era tudo borrado e, não importava o quanto eu encarasse, não via meu pai.

Quando enfim caí no sono, tive um pesadelo em que eu estava em pé, em Crestville Pointe, esperando Roman, mas ele nunca chegava. Esperei, esperei e esperei, meus joelhos sangrando por ter caído no cascalho. Por fim Roman apareceu, mas estava com Brian Jackson. Eles riam de mim, e as risadas frias, assustadoras, me rodeavam como uma alcateia. Roman e Brian gritavam, dizendo para eu pular, e eu chegava cada vez mais perto da beirada, mas não conseguia me mover.

– Aysel? – insiste ele.

Não posso lhe contar sobre o sonho. Não posso contar que não estou nem um pouco pronta para esta viagem, que receio que isso arruíne tudo o que Roman e eu temos. Que a viagem mostre a ele que não lhe contei a verdade toda, a verdade verdadeira.

Ele desliga o rádio.

– Aysel, olhe para mim.

– Pensei que tinha me dito para não tirar os olhos da estrada.

– Tudo bem, tudo bem, mas mesmo assim.

Olho para ele.

– O quê?

– Você está pronta?

– Sim, estou – minto. – Digo, acho que estou pronta.

– Você precisa ter mais certeza do que um simples "acho".

O problema é que não tenho certeza. De nada mais.

Ele enfia a mão na mochila e puxa o bloco de desenho.

– Se importa se eu desenhar?

Olho para ele de soslaio, e ele está me encarando com atenção.

– Me desenhar?

Ele encolhe os ombros.

– É. Se não quiser…

– Não. Tudo bem – digo baixinho, e ligo novamente o rádio.

Eu me esforço para encarar a estrada e esquecer que ele está a poucos centímetros, me examinando.

– Relaxe. Se ficar tensa, fica mais difícil desenhar você.

– Tudo bem – digo, mais para mim do que para ele.

Após alguns minutos, volto a olhá-lo. Está recostado na porta, o pescoço inclinado para a frente, o lápis na mão, encarando com atenção a página. Parece mais relaxado, mais confortável do que eu jamais o vi antes.

Ele me flagra observando-o.

– Para – pede ele.

– Que foi?

– Se você pensar em mim desenhando, não vai ser um desenho natural. Quero desenhá-la como a vejo, não como você está tentando fazer com que eu te veja.

Torço o nariz.

– Isso não faz o menor sentido.

– Só confie em mim.

– Se você está dizendo.

Eu nem me dou o trabalho de perguntar por que se importa tanto. Sinto um leve frio na barriga, uma leveza que não sentia há muito tempo, se é que já havia sentido, e fico com medo do que significa. Tenho pavor de que a resposta dele

arruíne tudo, então fico de bico fechado.

Aumentando o volume, me concentro na estrada. Finjo que não ouço o lápis de Roman riscar o papel ou sua respiração pesada, lenta. Então, começo a contar os quilômetros até o Centro Correcional McGreavy, os quilômetros até rever meu pai.

SÁBADO, 30 DE MARÇO

Faltam oito dias

Chegamos ao Centro Correcional McGreavy no meio da tarde. O sol bate quente no meu rosto quando partimos na direção da entrada. O lugar parece menos ameaçador do que imaginei. É um grande prédio térreo de tijolos à mostra. Claro, é cercado por dois espaços ao ar livre menos que atraentes ladeados por altas cercas de alambrado, mas, se não fosse pelos aros de arame farpado no alto das cercas, eu não saberia que era o pátio de uma prisão.

Roman segura minha mão.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Aperto a mão dele e, em seguida, a solto, tentando sinalizar que estou bem. Mas minha boca está seca e a resposta sincera é: *Não sei se quero fazer isso, se posso fazê-lo*. Fiquei tão apegada a esse pensamento – à ideia de que precisava ver meu pai uma última vez antes de dar cabo da minha vida –, mas agora não sei ao certo no que estava pensando. Não sei o que estava esperando encontrar aqui, em McGreavy, mas, quanto mais olho o prédio à frente, menos acredito que, seja lá o que eu estou procurando, está aqui. Se é que estou procurando alguma coisa. Talvez Roman estivesse certo. Talvez eu esteja apenas tentando encontrar desculpas para viver.

O Centro Correcional McGreavy não é um lugar onde vou encontrar uma desculpa para viver.

Meus joelhos cedem, e tenho a sensação desagradável de que o homem que estou prestes a enfrentar não se encaixa na lembrança que tenho do meu pai. O pai que me ensinou a amar Mozart e que dividia barras de chocolate comigo em tardes preguiçosas. Mas acho que esse pai nunca existiu de verdade, porque aquele homem nunca teria matado alguém a sangue-frio.

Então, talvez esse seja o objetivo. Encarar o fato, enfrentá-lo, a pessoa que ele é de verdade. Talvez.

Roman segura a porta para mim e entramos. Um detector de metal e quatro guardas nos recebem. Passamos pela primeira verificação de segurança sem problemas. Vou até a recepção.

– Você não tem cara de quem deveria estar aqui – diz o homem do balcão.

Está vestido em um uniforme de policial, mas adicionou um pouco de brilho ao seu estilo com um boné de beisebol dos Kentucky Wildcats. O nome na plaqueta do uniforme é JACOB WILSON.

Jacob Wilson é terrivelmente presunçoso.

– Vim visitar meu pai – digo, e fuço na bolsa procurando a carteira. Pego a carteira de motorista, coloco-a no balcão e empurro até ele. – O nome dele é Omer Seran. Liguei uns dias atrás e me disseram que no sábado o horário de visita é até quatro da tarde. Acho que estou na lista de visitantes. Sou filha dele.

Não tenho nenhuma ideia sobre a lista, mas parece a coisa certa a dizer. Pego meu telefone para ver a hora: 14h17. O horário de visita ainda não terminou.

Jacob Wilson digita algo no computador. O aparelho é grande e pesado, como aqueles que usamos na TMC. O funcionário aperta mais alguns botões e franze a testa. Clica no mouse e, em seguida, solta um suspiro assobiado.

Eu me preparo para receber a notícia de que não estou na lista mítica de visitantes. Ótimo. Meu pai não vai nem mesmo me dar a chance de confrontá-lo, de exigir respostas sobre o que o fez pirar. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Roman se intromete:

– Tem alguma coisa errada?

– Seu pai não está mais aqui – diz Jacob.

– Hein? – Não estou processando o que ele falou.

– Ele foi transferido.

Pisco mais algumas vezes e deixo as mãos caírem ao lado do corpo. *Controle-se*. O objetivo da viagem não foi ser presa.

– Como é possível?

Ele estende as mãos, põe as palmas para cima e dá de ombros.

– Não tenho os detalhes, moça. Sei apenas o que está no computador. E o computador diz que ele foi transferido.

Roman se aproxima do balcão. Ele bate as mãos no tampo e se debruça, aproximando-se de Jacob.

– Vocês não precisam informar à família antes de transferir alguém?

– Calminha aí – retruca Jacob com uma risadinha. – Abaixe o tom, tudo bem?

– Desculpe. – Roman se retrai.

– Mas você está certo, filho. Nós informamos à família. – Ele aperta os olhos para a tela do computador, inclinando-se na cadeira. Em seguida, olha de novo para mim. – Diz aqui que foi feita uma ligação telefônica para a sra. Melda Underwood. Uma carta foi enviada também. – Ele franze o cenho e volta os olhos para a tela. – Underwood?

– É minha mãe. – O guarda ergue a sobrancelha para mim, então acrescento: – Casou-se de novo.

Ele ergue o lado direito do lábio superior sobre os dentes, quase fazendo uma careta.

– Acontece muito quando os caras são presos. Jogo duro.

Eu não descreveria nada na vida do meu pai como "jogo duro". Do meu ponto de vista, a vida dele foi mais "jogo duro" para outras pessoas do que para ele.

– Então, onde ele está agora?

– De acordo com o computador, está no Hospital de Saúde Comportamental de Saint Anne.

Hospital de Saúde Comportamental.

– Onde fica?

– Não sei – diz Jacob. – Acho que é aqui em Kentucky mesmo, pois as transferências não costumam ser para fora do estado, mas nunca se sabe.

– O senhor tem alguma ideia de como entrar em contato com ele? – interrompe Roman novamente.

Não sei por que Roman acha que é o momento de tomar a frente da conversa, mas fico estranhamente grata. Em geral, eu ficaria irritada, mas agora mal consigo enxergar direito. Tudo o que penso é: *Meu pai está preso em uma instituição para doentes mentais*.

Jacob abre um sorriso triste.

– Como eu disse, ele está no Hospital de Saúde Comportamental de Saint Anne. Se quiser, posso ligar para lá e ver se alguém sabe como entrar em contato com seu pai.

– Tudo bem – digo baixinho. – Pode fazer isso, por favor?

Ele olha para trás como se procurasse o supervisor ou algo assim.

– Não posso fazer agora, mas mais tarde. Vocês também podem ligar para lá, mas talvez leve mais tempo para descobrirem as informações de que precisam. Sigilo e tudo o mais. – Ele dá uma piscadinha. – Eu não deveria fazer essas coisas, menina, mas quero ajudar.

Ele tira um pedaço de papel de um bloco, empurra na minha direção e me entrega uma caneta.

– Aqui. Anote seu telefone. Vou ver se consigo encontrar alguém que saiba como entrar em contato com seu pai. Ligo se conseguir.

Anoto meu telefone depressa. O papel tem um brilho dourado. Parece a cor errada para esse tipo de ocasião. Seja lá quem providencia o material de escritório da prisão deveria pensar nesse tipo de coisa.

Entrego o papel para ele.

– Muito obrigada.

– Desculpe não poder ajudar mais. Sei como é frustrante quando os pais escondem as coisas da gente. – Ele arruma o boné de beisebol. – Deveria mesmo falar com sua mãe sobre isso.

Faço que sim com a cabeça. *Falaria, se eu sequer falasse com ela sobre qualquer coisa*.

– Sim, deveria mesmo. Obrigada por toda a ajuda.

– Sem problema. Espero que encontre o que está procurando.

O jeito como ele me olha me faz pensar que talvez entenda minha situação mais do que demonstra. Encaro-o por um momento e, em seguida, puxo a camisa de Roman e arrasto o casal triste que somos para fora do Centro

Correcional McGreavy.

Quando saímos, Roman protege os olhos com as mãos e olha a distância, como se contemplasse o Grande Cânion ou algo diferente de um pátio de prisão.

– Pensei que você tinha ligado.

– E liguei. Perguntei sobre os horários de visita.

– Não pensou em perguntar se seu pai ainda estava aqui?

Mordi minha bochecha por dentro.

– Não tinha motivo para achar que não.

Hesitei e olhei para ele. Roman não se vira para me olhar, continua olhando a distância.

– Espera aí, do que você está me acusando?

Ele arrasta o tênis pelo cimento. O sol ilumina seus cabelos, fazendo-os parecerem menos castanhos e mais loiros. O ar está mais abafado que antes, como o vapor depois de um banho quente. Não parece o ar de março. Talvez seja primavera aqui. Talvez as flores da sra. Franklin desabrochem logo.

– Não sei, Aysel. – Ele coça a nuca. – Parece que você está procurando motivos para prorrogar.

– Prorrogar o quê?

– Deixa pra lá.

Cruzo os braços.

– Não. Diga.

Ele se vira e olha diretamente para mim, os olhos arregalados, mas vazios.

– Se não falar com seu pai antes de sete de abril, ainda vai pular comigo, certo?

Eu digo que sim, mas não olho em seus olhos. Não consigo.

SÁBADO, 30 DE MARÇO

Faltam oito dias

Estaciono diante do acampamento. Se é que se pode chamar de acampamento. Parece mais um terreno lamacento. Não sou especialista, mas na minha opinião é o mais básico que se pode conseguir. As únicas facilidades que oferece são um local para fogueira – completo, com lenha meio queimada e cinzas –, um carvalho grande e uma lata de lixo enferrujada.

Roman sai do carro e vai até o porta-malas para pegar a barraca. Ao longe, vejo as margens rochosas e o rio batendo nos seixos. Talvez não seja tão ruim. Talvez vá nos dar um tempo para conversar. Talvez eu enfim encontre as palavras para explicar o que está acontecendo comigo.

Pego a mochila do banco traseiro e sigo Roman até o local onde vamos montar acampamento. Quando ele abre a bolsa da barraca, percebo que havia escondido duas garrafas de vinho.

– Chique – digo.

– Dá para beber vinho tinto quente. Cerveja quente é nojenta. Foi uma decisão difícil.

– Poderia ter colocado a cerveja no isopor.

Ignoro o fato de que ele está falando comigo como se eu fosse uma boboca que nunca tomou álcool antes. Mas, para ser sincera, sou uma boboca que nunca tomou álcool antes. A menos que entrem na contagem algumas bicadinhas na cerveja de Steve que ele me dava quando eu tinha, tipo, onze anos, durante algum churrasco que ele e minha mãe ofereciam no quintal para os amigos.

– É, mas minha mãe preparou o isopor. Ela teria notado.

– Poderia ter colocado depois.

– Meu Deus, você quer tanto beber cerveja assim? Posso ir correndo até a cidade buscar.

Enfio as mãos nos bolsos dos jeans pretos e caminho na direção do rio.

– Não, tudo bem. Eu só estava te enchendo.

Ele tira a barraca da bolsa e fuça nela. Penso, por vezes, em oferecer ajuda, mas não sei nada sobre barracas. Ouço-o xingar entredentes e decido caminhar nas margens do rio.

– Volto logo – grito, e ele não responde.

Vou até o outro lado da colina. Meus tênis afundam na grama úmida. Quando me aproximo do rio, vejo um cais vazio. Não há ninguém por ali. Linhas de pesca quebradas flutuam na água, e tento imaginar o lugar cheio de gente,

famílias felizes e pescadores ávidos. Não parece que fique sempre cheio. Parece mais um lugar feito para a solidão. Ouço alguns pássaros piando um para o outro, e o rugido de um motor de barco a distância, mas só consigo me concentrar no tilintar na minha cabeça. Cubro as orelhas com as mãos e cantarolo. A "Missa em Si Menor" de Bach enche minha mente.

Eu me recosto à balaustrada de madeira lascada e uma rajada de vento desliza pela água e toca meu rosto. Às vezes, parece que o vento tem mãos, dedos. Às vezes, me pergunto se eu poderia estender a mão e pegá-las. Se ele poderia pegar minhas mãos, preencher o espaço entre os dedos, me levar embora. Será que Roman pensa nessas coisas? Será que alguém mais pensa nessas coisas?

Olho para trás e não enxergo o acampamento. Volto a encarar a água. O fundo pedregoso da margem do rio está coberto com algas pegajosas e anzóis enferrujados. Sei que, se pulasse, só ficaria molhada e suja. Não acabaria morta.

Não é Crestville Pointe. Lá o salto vai me matar, vai matar Roman.

Volto para o acampamento. Meus passos são pesados e lentos. Não estou com pressa de voltar para Roman e seu isopor sem cerveja e seus questionamentos sobre se vou dar para trás. Vejo-o antes de ele me enxergar. Acho que conseguiu montar a barraca – uma estrutura azul balança ao vento. Ele está de costas para mim, agachado junto ao buraco da fogueira, riscando um fósforo.

Quando me aproximo por trás, vejo dois pedaços de lenha velha entrarem em combustão. O fogo estala, e me sento ao lado dele no chão.

– Encontrou o que estava procurando?

– Hein?

– Pensei que tivesse saído para encontrar alguma coisa.

– Não. – Cruzo as pernas e me sento como uma indiazinha na grama. – Tudo está igual.

– Que bom. – Ele esfrega as mãos antes de se levantar. – Está com fome?

Encolho os ombros, o que ele interpreta como sim. Vai até o isopor e tira as salsichas que a mãe embalou para nós. Elas sacodem dentro de um pacote plástico, sua aparência é triste e melada. Ele me entrega o pacote e pega alguns espetos de aço na mochila.

Encaixo uma das salsichas no espeto e observo a ponta de metal atravessar a pele da salsicha. Ponho o espeto sobre as chamas, e Roman faz o mesmo. Viro-o várias vezes, mas para ser sincera não tenho a menor ideia do que estou fazendo. Minha família não acampa.

– Acho que está bom – diz Roman, apontando com a cabeça para minha salsicha.

– Ah.

Tiro-a do fogo.

– Eu me esqueci de pegar pão. Minha mãe ficaria horrorizada.

Ele abre um sorriso encabulado quando se joga de novo no chão. Dobra as

pernas na direção do peito e tira a salsicha do espeto, soprando-a várias vezes.

Eu me esforço para imitá-lo, mas tenho certeza de que pareço uma menina de cinco anos que não consegue assoprar direito as velas do bolo de aniversário. Tiro um pedaço da salsicha, e ele queima a ponta dos meus dedos. Jogo o pedaço na boca e mastigo. Tem um gosto de torrado por fora, mas está fria por dentro. Dou um jeito de engolir.

Ele põe a salsicha em um pedaço de jornal e se levanta para pegar dois copos plásticos. Tira a tampa de rosca de uma das garrafas de vinho. A garrafa balança em sua mão quando ele diz:

– Tem razão. Estamos sendo chiques. Salsichas e vinho.

Sei que está provocando, mas é a primeira vez que bebo vinho e não consigo evitar: fico um pouco empolgada. Um mês atrás, eu teria dito que nada no mundo me deixaria empolgada. Quem sabia que algo tão bobo quanto vinho conseguiria essa façanha? Tento manter a expressão facial neutra para não me entregar. Ele serve um copo para cada e me entrega o meu.

– Obrigada.

Ponho o copo no chão e mal consigo equilibrar a salsicha meio cozida. Acho que a única coisa pior que uma salsicha meio cozida seria uma salsicha meio cozida coberta de terra.

– Deveríamos ter trazido uns guardanapos – diz ele entre mastigadas.

– Deveríamos.

Ele logo termina a salsicha. Talvez a dele estivesse meio cozida também. Eu me esforço para engolir o resto da minha e tomo um gole de vinho. É azedo, e eu estremeço.

Ele ri.

– Não é muito de beber?

– Não muito.

Ele estende o copo plástico.

– A Aysel, minha Parceira de Suicídio.

Bato meu copo no dele.

– Um brinde a não dar para trás.

A frase o faz sorrir, e ele toma o restante do vinho em uma golada e se levanta para encher o copo de novo.

O sol está começando a se pôr no céu, e não tenho ideia de que horas são. Penso em pegar o celular no bolso e verificar, mas percebo que não importa. Tudo o que importa é que o dia pareceu muito mais curto que os demais. Os dias com Roman sempre parecem mais curtos.

Eu fico de bruços e me estendo. Roman deita ao meu lado de costas, os olhos grudados no céu.

– Sinto muito por não termos encontrado seu pai.

Deslizo a língua pelos dentes, sentindo o gosto ácido que o vinho deixa.

– Quem sabe se aquele cara, Jacob, não vai ligar?

– Quem sabe? – Roman põe a mão na minha cintura. – Mas talvez não ligue. Vai ficar bem com isso, não vai?

Não sei o que responder. Acho que vou tentar ligar para o hospital se Jacob não telefonar com as informações. Mas, como eu disse, não sei, simples assim. Alguns pássaros piam uns para os outros e saem voando de uma árvore próxima. O farfalhar das asas me desperta por um instante e eu me sento. Achava que, quanto mais próxima da morte eu ficasse, menos assustada ficaria, menos temerosa eu seria. Está acontecendo o contrário.

– Desculpe – diz ele, tirando a mão das minhas costas, e a enfia no bolso da calça.

– Não – fala. – Não foi você.

Ele ergue a sobrancelha.

– Os pássaros assustaram você?

Quero dizer para ele que tudo me assusta. Mas fico em silêncio e deixo que tagarele sobre como os pássaros são inofensivos. Está bebendo mais e mais vinho, e estou tentando acompanhar, mas minha cabeça está zonza e minhas pálpebras estão começando a ficar pesadas.

Rolo de lado para encará-lo. O fogo ainda está forte e os fiapos de fumaça lançam sombras sobre suas bochechas magras. Está bebendo o vinho em silêncio, e sei que eu deveria dizer algo para fazê-lo entender como me sinto, mas já estou em uma situação difícil e não quero piorar as coisas.

– Estou assustado também, sabe – diz ele por fim. Sinto o cheiro do vinho em seu hálito quando ele levanta o rosto, aproximando-o do meu. – Mas também estou empolgado – acrescenta.

Fecho meus olhos bem apertados. Meu cérebro parece estar nadando.

– Já ouviu falar da teoria da relatividade de Einstein?

Ele dá outro gole grande.

– Lá vem você de novo com a ciência. Você é mesmo nerd, não é?

– Acho que para ser nerd é preciso ser inteligente.

Ele junta as sobrancelhas.

– Você parece bem inteligente.

Pisco para ele.

– Eu finjo bem.

Eu me sento para pegar um pouco mais de vinho.

– Então, me conta.

– Sobre a teoria?

O vinho começou a ficar menos azedo. Não sei se é sinal de que estou me acostumando ou de que minhas papilas gustativas estão bêbadas. Não sei nem se papilas gustativas podem ficar bêbadas.

– É, a teoria de Einstein. Sua teoria nerd.

As palavras dele são lentas e difusas. Seria meio bonitinho se não fosse também meio assustador.

– Sabe que tinha duas teorias, certo? A teoria especial da relatividade e a teoria geral da relatividade.

Roman faz que não com a cabeça.

– Não sei merda nenhuma sobre Einstein. E, sinceramente, se não fosse você, eu nem ligaria pra esse cara.

– Eu faço você ligar pro Einstein?

Mordo a borda do copo plástico.

Ele abre seu sorriso de meia-lua, todo malandro e lindo.

– Não consigo deixar de ligar para as coisas que você liga. Sinto que estamos meio que ligados nesse sentido agora.

Eu me pego sorrindo. Os músculos do meu rosto parecem diferentes – estão como um quarto que não viu luz por anos e de repente todas as cortinas são abertas e o sol está brilhando com força total. E não consigo evitar, meu sorriso continua se abrindo, cada vez mais largo. É a coisa mais bonita que Roman já me disse. Caraca, é a coisa mais bonita que alguém me disse nos últimos três anos, pelo que me lembro.

– Deixei você feliz – diz ele. As palavras saem pesadas e lentas.

– É, você me deixou feliz.

Ele balança a cabeça e fecha os olhos. Está balançando para a frente e para trás como uma daquelas dançarinas de hula-hula que as pessoas põem no console do carro.

– O quê? – pergunto, e estico o braço para bater no ombro dele.

– Não posso deixar você feliz. Não podemos deixar que um faça o outro feliz.

Hesito, decodificando a frase molenga, arrastada. Eu me inclino na direção dele.

– Seria tão ruim assim?

Ele abre os olhos de uma vez. Estão brilhantes e foscos, e ao mesmo tempo claros e úmidos.

– Estragaria tudo.

Leva um segundo para eu encontrar o chão novamente. Pego uma vareta e começo a arrastá-la na grama.

– Mas você me disse no parque que, quando eu falava sobre ciência, você ficava feliz e talvez…

Ele ergue a mão no ar, pedindo para eu parar de falar.

– Não importa. – Ele aponta para mim e depois para si. – Isso não pode importar. É temporário.

Os olhos estão arregalados, e percebo que semicírculos vermelhos se formam embaixo deles. Vinho demais para RobôCongelado.

– Olha só, Aysel. – Ele estende as mãos e aperta as minhas. – Sei que é

confuso. Estamos em uma posição estranha e complicada e não podemos deixar que essa situação nos confunda.

Tento puxar minhas mãos, mas ele não solta. Seus dedos se prendem aos nós dos meus.

– Situação?

– O fato de que somos Parceiros de Suicídio. Temos essa intimidade e, bem, claro, temos química.

– Química?

Não consigo segurar o riso.

– Tudo bem. Vou deixar a ciência para você.

Ele se aproxima de mim, seu nariz bate no meu, e sinto seus cílios raspando na minha pele. Ergo o queixo e nossos lábios se encontram. É desajeitado, mas perfeito. Não consigo parar de pensar: *Estamos nos beijando, estou beijando RobôCongelado, estamos nos beijando*. O que soa aos meus ouvidos como um mantra brega.

Continuo beijando Roman e tento não pensar se o que estou fazendo é certo ou errado. Meu coração palpita, acho que significa que estou gostando, e espero que o coração dele esteja palpitando também. Sei que os seres humanos se beijam desde o início dos tempos, mas, neste momento, neste exato momento, parece que beijar é um segredo que apenas Roman e eu conhecemos.

Depois do que parece apenas um segundo e também cem anos, ele se afasta devagar e tira uma mecha de cabelo do meu rosto.

– Nós temos mesmo química – diz ele.

Abro outro sorriso. O segundo. Não posso desenvolver o hábito de sorrir. Eu nem me reconheceria se me tornasse alguém que sorri por vontade própria.

– Acho que sim.

Respiro fundo e percebo que o ar mudou de sabor, de fumaça de fogueira para baunilha docinha, e há um som suave na minha cabeça que não reconheço, mas me lembra moedinhas sendo jogadas em uma fonte. O chapinhar de desejos, desejos desesperados.

Roman aninha a cabeça no meu pescoço, e tento relaxar o corpo e fingir que é perfeitamente normal. Então, ele envolve minha cintura com os braços e me puxa para o chão com ele. Deitamos na escuridão, em silêncio, a alguns metros da barraca, minhas costas coladas em sua barriga, as mãos dele na minha cintura. Nunca tive muita ciência de que sou feita de pele e ossos, e quase sinto meus ossos centímetro a centímetro da superfície da minha pele, ansiosos para se aproximarem ainda mais dele.

De repente, ele sussurra:

– Mas isso não pode mudar nada.

Eu me contorço, então me recosto ainda mais nele. Sinto seu coração batendo – está vivo, loucamente vivo. Sinto uma queimação na boca do estômago, e não

parece que a lesma preta esteja engolindo minha felicidade. Há uma leve efervescência onde costumava haver um peso insuportável, e me pergunto se minha energia potencial está mudando. Eu me imagino representando graficamente todo o processo, como uma cientista descreveria um experimento de laboratório.

Minha vida toda está começando a parecer um experimento.

– Aysel – diz ele, e me abraça forte, os lábios roçando meus cabelos. – Você sabe que isso não pode mudar nada, certo? Esse tipo de felicidade é falso, é passageiro. Precisamos lembrar por que queremos morrer. Preciso me lembrar de Maddie. E você precisa se lembrar de seus motivos.

Meus motivos. Isso soa tão vago. Mas acho que eu não lhe disse de fato meus motivos, pois fico apavorada com a reação dele se descobrir quem é meu pai. E talvez seja por isso que não lhe disse. Não porque eu tenha medo de que não queira mais morrer comigo, mas porque fico apavorada por ele ainda querer morrer. Por ele concordar que eu deveria morrer.

Acho que ele está certo: vou dar para trás. Mas talvez encontrar Roman tenha me ajudado a me entender melhor. Sim, estou arrasada. E, sim, ele está arrasado. Mas, quanto mais conversamos sobre isso, quanto mais dividimos nossa tristeza, mais começo a acreditar que poderia haver uma chance de nos consertarmos, uma chance de nos salvarmos.

Tudo sempre pareceu tão definitivo, inevitável, predestinado. Mas começo a acreditar que minha vida pode ter mais surpresas do que jamais percebi. Talvez seja tudo relativo, não apenas a luz e o tempo, como Einstein teorizou, mas tudo. Como a vida pode ser terrível e incorrigível até o universo mudar um pouco e o ponto de observação ser alterado e, de repente, tudo parece mais suportável.

– Sabe? – insiste ele. – Seja lá o que a gente faça, o que a gente se torne, não vai mudar nada. Não pode.

Mas suas ações não combinam com as palavras, pois enquanto fala ele me puxa mais para perto.

– Eu sei – sussurro.

Mas lá no fundo o que eu sei é o seguinte: tudo mudou.

DOMINGO, 31 DE MARÇO

Faltam sete dias

Acordo com a claridade do sol da manhã. Os braços de Roman ainda me abraçam, e eu rolo para longe de suas mãos. Caímos no sono a poucos metros da barraca, e minha camisa e meu jeans estão com marcas de grama enlameada.

Puxo o telefone do bolso e vejo que tenho uma chamada perdida e uma mensagem de voz de um número desconhecido. Começo a me afastar de onde Roman está dormindo, mas paro quando o ouço grunhir, sonolento.

– Aonde você vai? – Ele se senta e esfrega os olhos. – Que horas são?

– Quase oito.

– Ai. – Ele volta as costas para o chão e aperta bem os olhos. – É tão cedo e já está claro assim.

– Alguém tomou vinho demais – digo em uma voz o mais normal possível.

Sei que ele disse que nada mudou na noite passada, mas não sei agir como se as coisas não tivessem mudado. Ele não é mais RobôCongelado, meu Parceiro de Suicídio da internet. É Roman, o garoto que me beijou na beira do rio e me abraçou a noite toda. Para mim, tem uma diferença aí. Uma grande diferença.

Ele não é mais a pessoa com quem quero morrer; é a pessoa com quem quero viver.

– Volto já – digo e parto na direção do rio. Faço o mesmo caminho de ontem.

Olho mais uma vez para a tela do celular. Perdi a chamada por volta das sete da noite de ontem. Talvez eu já estivesse bêbada demais para perceber a vibração do telefone.

Encosto o ouvido no telefone e ouço a mensagem. É Jacob, o guarda da prisão, ligando com informações sobre meu pai. Minha respiração acelera quando aciono novamente a mensagem. Jacob localizou alguém que trabalha no Hospital de Saúde Comportamental de Saint Anne e sabe algo sobre ele. Jacob me dá o nome da pessoa, Tara Woodfin, e o número de telefone. Toco a mensagem de novo e olho para o telefone. Provavelmente é cedo demais para ligar para Tara, ainda mais num domingo. Vou ter de esperar um pouco.

Quando volto para o acampamento, encontro Roman na mesma posição que o deixei. Está deitado de costas, os olhos bem apertados e o rosto paralisado em uma careta dolorida. Ajoelho ao seu lado e balanço seus ombros.

– Vamos, temos que ir. Vamos levantar acampamento.

– Por que tão cedo? – Sua fala ainda é arrastada, e ele rola para o lado.

Vou até a barraca e tento descobrir como derrubar aquela coisa sem quebrá-

la. Fuço nas estacas até perceber que podem ser removidas das abas e, assim que estão fora, dobradas ao meio. Com certeza há uma maneira mais fácil e mais bacana de desmontar, mas Roman está tonto demais para me julgar e, se fizer o que deseja, nunca mais vai precisar usar esta barraca.

O pensamento é quase insuportável, e eu afasto a sensação desesperadora, engolindo o bolo na garganta. *Se ocupe*. *Não vá lá.* Assim que a barraca cai, enfio todas as partes na bolsa em que Roman a trouxe. Não há uma ordem, mas tenho certeza de que a sra. Franklin vai arrumar quando voltarmos.

Vou até o isopor pegar uma garrafa d'água para Roman e percebo sua mochila jogada ali perto. Dou uma olhada para ter certeza de que ele ainda está dormindo e abro. Tiro o bloco de desenho. Sei que é errado, mas não consigo evitar.

Sento de pernas cruzadas no chão e folheio o bloco. Perco o fôlego quando chego à última página, meu desenho. A garota que estou encarando não sou eu, mas ao mesmo tempo sou eu. Os olhos grandes não estão concentrados em quem a olha, mas há algo neles que não reconheço de imediato: esperança. Sua postura parece mais reta que a minha, como se ela fosse mais forte, mais resistente.

– Obrigada, RobôCongelado – sussurro para mim mesma.

Arranco o desenho do bloco. Não ligo se ele ficar bravo quando descobrir que peguei. Preciso dele. Preciso dele para me lembrar de que posso ser essa garota, de que essa garota está dentro de mim. Essa pessoa esperançosa, forte. Dobro o desenho em um quadradinho e o enfio no bolso, depois devolvo com cuidado o bloco para a mochila.

Quando tiro a garrafa d'água do isopor, penso no que preciso fazer. Tenho de fazer por Roman o que ele fez por mim: preciso lhe mostrar a pessoa que ainda há dentro dele, a pessoa que pensa estar acabada e derrotada. Um garoto cheio de vontade de se aventurar, de talento, com um sorriso relaxado e uma risada contagiante. Um garoto com olhos como grama de verão e raios de sol, que vê coisas que a maioria das pessoas não vê, e mãos que criam desenhos incríveis. Fecho os olhos e me lembro de quando segurei sua mão no parque de diversões, do quanto sua pegada era forte e firme.

Preciso ajudá-lo a se salvar. Preciso.

Respiro fundo, reúno coragem para ir até Roman. Agacho ao lado dele e pressiono a garrafa fria em sua testa.

– Acorda.

– Ei! – grita ele, surpreso.

– Imaginei que faria bem.

– E fez, obrigado. Só me assustou um pouco.

Ele pega a garrafa d'água e rola de lado para tomar uns goles antes de encostá-la de novo na testa.

– Vou pôr tudo no carro e podemos ir embora. Está bem?

Estou prestes a levantar, mas ele pega minha mão e me puxa de volta para o

chão ao seu lado.

– Eu não fiquei tão bêbado a ponto de não me lembrar da noite passada, Aysel.

Eu o encaro com um olhar confuso. Não posso dizer o que quero, e imagino que o silêncio seja melhor do que todas as palavras que ele não quer ouvir. Além do mais, não quero falar até ter as palavras certas. As palavras mágicas. As palavras que vão convencê-lo a viver.

Ele balança a cabeça e toma mais um gole d'água.

– Não finja que não sabe do que estou falando.

Fico quieta e corro a língua pelos dentes, procurando as palavras certas.

– Aysel – diz ele, estendendo a mão para a minha de novo.

Pego sua mão e olho para ela. A mão que fez aquele desenho.

– Jacob ligou – conto.

Seus dedos massageiam os meus suavemente.

– E?

– Ele me deu o nome de uma pessoa para quem posso ligar para conseguir informações sobre meu pai.

Roman baixa os olhos, mas continua segurando minha mão.

– Talvez a gente não tenha tempo de visitá-lo antes de…

– Eu sei, mas… – Hesito e respiro fundo, deixando o ar frio da primavera encher meus pulmões. – Sobre a noite passada, sei que me disse para não deixar tudo mudar, e talvez, na noite passada em especial, nada tenha mudado, mas começo a pensar que, sei lá, deveríamos parar e reconsiderar… tudo.

Encaro nossas mãos. Ele solta minha mão e se afasta de mim. Respiro com força.

– Olha, eu sabia que era má ideia. É que você, você, você… – Ele gagueja como um motor de carro engasgando.

– Eu o quê?

– Você é você. Você entende. Entende tudo. E você é triste como eu e, por mais maluco que seja, isso é lindo. – Ele estende o braço e passa a mão no meu rosto, tocando meus cabelos. – Você é como um céu cinzento. Linda, mesmo sem querer ser.

Mas ele está errado. Não é que eu não queira ser. Mas nunca quis ser bonita porque era triste. RobôCongelado deveria saber que não há nada de belo, terno ou glamoroso na tristeza. A tristeza é apenas feia, e qualquer um que pense de outra forma não entende. Acho que o que ele quer dizer é que somos feios da mesma maneira, e existe algo familiar, confortável nisso. Confortável é diferente de bonito.

Penso em seu desenho de mim. A garota que desenhou. Ela era bonita. Não era um céu cinzento. Tinha esperança. A esperança é bonita.

E por isso não quero mais que sejamos feios da mesma maneira. Não quero ser um céu cinzento. Quero que encontremos a esperança. Juntos. Olho para o

outro lado a fim de esconder meus olhos marejados. Depois de alguns momentos de silêncio, eu me levanto e limpo minha roupa.

– Acho que precisamos ir.

– Aysel – diz ele, e há uma urgência em sua voz. – Precisamos conversar.

– Eu sei, mas não sei o que dizer.

Ele aperta minha mão, e tudo o que consigo fazer é apertar também, pois tenho muito medo de deixá-lo ir. De perdê-lo.

DOMINGO, 31 DE MARÇO

Faltam sete dias

Estamos dirigindo por mais ou menos uma hora quando saio da estrada e paro em uma pequena lanchonete que havia sido anunciada em um outdoor perto da saída. Roman dormiu a viagem toda e ainda demora a acordar quando estaciono.

Ele esfrega os olhos.

– Onde estamos?

– Achei que seria bom se você comesse alguma coisa antes de eu deixá-lo em casa.

Ele abre seu sorriso de meia-lua, e parece que meu coração está sendo estrangulado. Não consigo mais olhar aquele sorriso. Encaro o para-brisa. A chuva cai do céu e, a distância, ouço um trovão.

– Gosto do seu jeito de pensar. Tem razão, minha mãe iria pirar se você me levasse em casa nessas condições – diz ele ao sair do carro. – Perderia o status de Santa Aysel.

Tenho certeza de que vou perdê-lo se deixar você pular de Crestville Pointe. Mordo o lábio inferior. Roman não reage à chuva. Ela cai em nosso cabelo, no rosto, nas roupas.

Entramos devagar na lanchonete e nos sentamos a uma mesa nos fundos. Ele olha o cardápio e eu me pego observando-o. Roman me flagra e eu baixo os olhos, lendo e relendo as opções de omelete. Finjo estar interessada na diferença entre omelete à moda sudoeste e Florentina.

Quando tenho certeza de que ele não está me olhando, dou mais uma olhadinha furtiva. Sua camiseta está úmida da chuva, os cabelos, encharcados, e gotas d'água se juntam na testa. A chuva – a água – faz com que pareça mais jovem, mais vivo. Deixou as bochechas mais vermelhas, a pele mais brilhante. Tento imaginar isso em uma escala maior, como vai ficar depois de mergulhar de Crestville Pointe, como vai ficar depois que as águas o tiverem afogado. Os lábios indo de rosa-clarinho para um azul frio, a pele mudando de rosada para incrivelmente pálida. Será que sentimos essas transformações, sentimos nossa energia cinética se desfazendo até o nada? Será que podemos ouvir? Será que é como uma sinfonia ou como gritos? Não sei as respostas de nenhuma dessas perguntas. E não quero saber mais delas; não quero que Roman saiba também.

Volto a encarar o cardápio em silêncio. Não consigo pensar em nada daquilo. A garçonete vem até a mesa e anota os pedidos – dois ovos, bacon, bolinhos de batata, uma porção de jalapeños para ele e a omelete Florentina para mim. A

garçonete deve ter a idade da minha mãe, mas as mãos são muito mais enrugadas, e o rosto tem muito mais carne. Os cabelos foram obviamente tingidos de loiro, e as raízes são escuras e oleosas.

– Boas escolhas – diz ela com um sorriso enquanto anota o pedido.

Olha para nós por sobre o caderninho, seu sorriso se alargando.

– Sabem de uma coisa? Vocês são um casal lindo. Aposto que ouvem isso o tempo todo. Bem, volto logo com os pedidos.

Antes que eu a corrija, ela se afasta. Toco a almofada da cabine em que estamos sentados. Está rasgando e soltando espuma.

– Pode sorrir, Aysel – fala Roman. – Ela acha que somos um casal lindo.

– Certo. Um casal lindo.

Encaro-o, e ele baixa os olhos para a mesa.

A garçonete volta mais rápido do que eu esperava, o que sempre me deixa nervosa quanto à comida. Por outro lado, estamos tomando café da manhã no meio do nada em Kentucky, em uma lanchonete decadente, então acho que a qualidade da comida já está muito bem estabelecida.

Não tenho apetite, por isso empurro a omelete pelo prato, o garfo traçando pequenos riscos na superfície branca fosca. Roman, por outro lado, enfia o bacon na boca, mastigando ruidosamente. É engraçado que, quando você gosta de alguém, até mesmo as coisas menos atraentes que faz se tornam fofas.

Odeio isso. Também não sei como ele consegue ter apetite em um momento como este. Esqueceu nossa briga no acampamento? Esqueceu que sete de abril está a apenas uma semana de distância?

– Posso perguntar uma coisa? – diz Roman entre mastigadas.

Ele parte para devorar os ovos, mas antes os cobre com jalapeños. Joga as pimentas na boca, engolindo as sementes.

– Claro.

Tomo um gole da água que a garçonete nos trouxe.

– Quando você vai me contar exatamente o que seu pai fez para ser preso? Tudo o que disse é que ele está na prisão… – Ele não termina.

Hesito e examino o rosto de Roman por um segundo. Os olhos fundos e amendoados brilham desde que começou a comer, e ele parece realmente curioso. Inclino a cabeça para olhar o tampo metálico da mesa em vez de seu rosto. Estou dividida entre usar sua curiosidade a meu favor e lhe contar a verdade. Aterrorizada como estou, quero acreditar que ele vá entender. O garoto que desenhou aquela imagem parece o tipo que entenderia.

– Então, isso significa que não vai me contar?

Não o olho. Não consigo. Fecho os olhos por um segundo e murmuro uma canção familiar. Quando ouço a música começando a se formar na cabeça, a parte onde as notas ganham velocidade e começam a soar como se estivessem procurando algo, tenho uma ideia. Ergo o queixo e fito seus olhos.

– Vou contar exatamente o que meu pai fez se eu puder fazer uma pergunta também. Combinado?

– Depende do que for.

– Tudo bem. Aqui vai a pergunta: se você não fosse morrer em sete dias, o que gostaria de fazer com sua vida?

Ele abaixa o garfo e me olha, raivoso. Os olhos partem da luz para a tempestade em três segundos.

– Que pergunta é essa?

– Uma pergunta curiosa. Mas acho que todas são curiosas.

Seus lábios se retorcem, como se tentasse impedir um sorriso de se formar.

– Por que está falando como o Chapeleiro Maluco?

– Você me conhece, sempre faço piadas ruins.

Ele pega o garfo e come outro pedaço dos ovos.

– Não foi exatamente uma piada.

– Então, estamos combinados ou não?

Ele faz gracinha, batendo continência.

– Os termos são aceitáveis para mim.

Pouso os cotovelos na mesa e me inclino em sua direção.

– Então, qual é sua resposta?

Ele aponta o garfo para o peito.

– Eu tenho que responder primeiro? Isso é justo?

– Logo você vai me falar sobre o que é justo?

Ele balança a cabeça, e o sorriso característico se esgueira pelo rosto. Eu afasto os olhos.

– Tudo bem, tudo bem. Eu primeiro. Mas é idiota – diz ele.

– Minha pergunta?

– Não. Minha resposta.

– Sou toda ouvidos.

Seguro o fôlego. Quero ouvir tantas coisas, mas não sei exatamente o que quero ouvir. Talvez ele diga algo estúpido, como sempre ter se imaginado como o dono de uma loja de artigos esportivos que passa a vida toda vendendo bolas de basquete, ou talvez diga algo emocionante, como sempre ter desejado ser pediatra para ajudar crianças doentes.

Mas, no fim das contas, não importa o que Roman quer fazer. Estou começando a aprender que esse é o lado entusiasmante, confuso e até frustrante do amor. As coisas que importam para o outro começam a parecer intrigantes, mesmo se forem banais quando se pensa de verdade nelas.

Uma vez, li no livro de física que o universo pede para ser observado, que a energia viaja e se transfere quando as pessoas prestam atenção. Talvez seja a isso que o amor se resume: ter alguém que se importa a ponto de prestar atenção para que se tenha coragem de viajar e se transferir, fazer sua energia potencial

cintilar até virar energia cinética. Talvez o que todo mundo precise é de alguém para percebê-lo, observá-lo.

E eu percebo Roman. Então, para ser sincera, tudo o que quero é que ele responda à minha pergunta. Preciso saber algo sobre ele que me fará acreditar que existe ao menos uma chance mínima de que suas partículas desejem ir para uma certa direção e apenas precisem de um empurrãozinho.

– Queria ir para a faculdade – conta ele.

Não consigo evitar: meu coração salta com uma onda de esperança. *É um começo*. Faço um gesto para ele continuar.

– E gostaria de jogar basquete lá.

Faço que sim com a cabeça.

– Mesmo você não jogando mais?

Ele abre um sorriso malandro.

– Bem, isso tudo acontecerá em um universo hipotético, certo? Eu posso ser quem eu quiser.

A onda de esperança que senti um momento antes desaparece. Minhas entranhas despencam, e eu afundo na almofada rasgada da cabine. *Não tem de ser hipotético*. Eu me esforço para não demonstrar decepção e digo:

– Justo. Continue.

– O que mais?

– Sei lá. O que gostaria de estudar?

Seu rosto fica vermelho e ele se mexe no banco.

– Ah, essa é a parte idiota.

Tamborilo com os dedos no tampo da mesa.

– Então, aí vem a parte boa.

– Você é quem está dizendo.

Olho para ele, que ergue a mão acima da cabeça.

– Está bem. Eu queria estudar biologia marinha. Sei que é idiota, mas adoraria explorar o oceano.

Abro um sorriso e tenho certeza de que pareço uma idiota, mas não me importo.

– Como em *Vinte mil léguas submarinas*. Como o Capitão Nemo.

Seu sorriso retorna.

– Exatamente. Eu sempre fui fascinado por aventuras submarinas. Mas é estúpido, pois nunca vi o mar. – Ele para de falar e seus olhos ficam nublados, distantes. – E acho que nunca vou ver.

Mordo a língua. *Talvez não, RobôCongelado. Talvez não*. Imagino a gente por um momento em uma viagem de carro pela costa. Talvez fôssemos para algum lugar na Carolina do Norte; não é muito longe daqui. Eu o vejo caminhando na praia com a blusa de capuz da Universidade de Kentucky, as ondas batendo no tornozelo. Ele examinaria a água e eu ficaria lá atrás, sentada na areia, lendo um

livro sobre filosofia da física ou algo assim. Poderíamos ser felizes. E não precisa ser em um universo alternativo ou hipotético.

Preciso descobrir como mostrar isso a ele. Talvez eu devesse comprar um livro de biologia marinha. Mas isso parece muito ditatorial. Talvez eu possa propor uma viagem de última hora para a praia.

Eu me pergunto se alguém no Passagens Tranquilas teria um conselho para mim, mas o pensamento me faz morder a parte de dentro da bochecha com força. Sei que todo mundo naquele site ficaria maluco se soubesse que estou mudando de ideia. E, pior, tentando convencer meu parceiro a mudar de ideia. É precisamente o que não deveria acontecer.

E é exatamente por isso que Roman não queria alguém que desse para trás. Mas acabou com uma medrosa. Uma medrosa nota dez. Mas a culpa é dele. Foi ele quem me transformou.

Só preciso transformá-lo em um medroso também. Talvez dar para trás seja contagioso.

Enquanto fiquei viajando, Roman voltou a devorar a comida. Quando volto à realidade e olho para ele, está me encarando.

– Ah, oi. Você voltou. Já resolveu algum problema urgente da física que teve que enfrentar ou algo assim?

Encolho os ombros. Parece o momento errado para lançar meu plano de viagem até o mar.

– Mais ou menos isso.

– Bem, é sua vez.

– Hein?

– De me falar sobre seu pai – responde ele.

Levo a mão ao rosto e puxo com os dentes a pele ao redor da unha do dedão.

– É uma história meio longa e eu não sei todos os detalhes…

O rosto de Roman fica sério.

– Para de fazer joguinho comigo. Eu respondi à sua pergunta. Agora você tem que responder à minha. Pode começar. – Ele baixa a voz até virar quase um sussurro. – Parceiros de Suicídio cumprem a palavra um com o outro.

E sei que ele está certo, mas manter minha palavra não significava afogar meu coração. De verdade.

DOMINGO, 31 DE MARÇO

Faltam sete dias

Convenço Roman a me deixar explicar por que meu pai foi preso só quando chegássemos ao parquinho. Não queria, de verdade, contar a história suja da minha família sob as luzes fluorescentes da lanchonete mequetrefe. Por outro lado, eu só estava tentando ganhar tempo. Parece que tudo o que tento fazer agora é ganhar tempo.

Ele está ao telefone com a mãe quando estaciono no parquinho. Ela ligou umas cinquenta e sete vezes desde o início da viagem.

– Está tudo bem. – Ele faz uma pausa, acena com a cabeça como se concordasse com o que a mãe está dizendo. – É, foi divertida a viagem. – Ela deve ter dito algo engraçado, pois ele dá uma risadinha. – Aysel está bem. Mas, olha, mãe, eu estou ligando porque vou chegar um pouco mais tarde do que pensei. – Balança a cabeça de novo. – Aysel e eu pensamos em dar uma passada no parquinho e jogar basquete um pouco. – Dá risada. – Sim, vou pegar leve com ela. Prometo. Até mais tarde.

Roman desliga e se vira para mim.

– Aliás, você está fazendo seu trabalho direitinho.

Pisco para ele.

– Do que está falando?

– Minha mãe acha que estou normal de novo. Antes, ela nunca me deixaria chegar em casa mais tarde do que o combinado.

Quando sorri, é diferente daquele sorriso de meia-lua. É calculado. Faz meu estômago revirar de um jeito ruim.

– E eu contei que ela nem veio ver como eu estava no meio da noite na semana passada? Graças a você, não acho que ela esteja mais tão preocupada comigo.

Abro a porta do carro e saio. O aperto no peito cresce, e eu arrasto meu All Star cinza na lama do parquinho. Parou de chover, mas o ar ainda está úmido e frio. Abraço meu corpo e vou até a mesa de piquenique onde me sentei da última vez que estive aqui. Subo no tampo, aperto a madeira úmida com a palma da mão e me recosto, encarando o céu. Roman pula na mesa e se senta ao meu lado. Olho para ele. Está protegendo os olhos com a mão.

– Você sempre faz isso – digo.

– O quê?

– Protege os olhos com a mão. Percebi que sempre faz isso. Mesmo quando

não tem sol.

O sorriso de meia-lua retorna.

– Você é tão observadora. Em outro universo, seria uma cientista incrível.

– Talvez neste universo também – sussurro.

Sua postura fica rígida. Antes que eu diga qualquer coisa, ele salta da mesa e fica em pé com os braços cruzados, me encarando.

– Me leva pra casa.

Sua voz é direta. Quase seria melhor que estivesse bravo. Ao menos eu saberia que está sentindo alguma coisa.

– Para com isso, Roman – digo, tentando acalmar os ânimos.

Mentalmente me estapeio por dizer algo tão estúpido. Eu deveria saber que não dá para tentar surpreendê-lo assim. Preciso de uma abordagem mais sutil. Ele vai ter de chegar à conclusão sozinho, não posso forçar a barra.

Tento recuar.

– Eu só estava dizendo isso por dizer. Não sou idiota.

Ele ergue as sobrancelhas, apertando os lábios em uma linha reta.

– Quer dizer, estava tentando explicar que, se as coisas fossem diferentes, eu poderia ser uma cientista excelente. – Faço uma pausa enfática. – Neste mundo.

– É. Se as coisas fossem diferentes. Mas em que coisas você está pensando?

Roman não descruza os braços. O sol apareceu de trás das nuvens, e a luz deixa os olhos dele especialmente dourados. Quase parecem estar em chamas.

– No meu pai – solto sem pensar.

Depois de três anos tentando fugir da sombra do meu pai, estou expondo sua história sombria como uma espécie de isca bizarra. É patético, de verdade. Passei tanto tempo tentando esconder a verdade de Roman por medo de sua reação, mas agora não consigo me preocupar com isso; tudo o que sei é que preciso que ele fique aqui. Comigo. E farei qualquer coisa, direi qualquer coisa, para fazê-lo ficar mais um instante.

– Em seu pai. – Roman balança a cabeça, encarando o chão. – Não entendo você, Aysel. Seu pai é o motivo por que você quer morrer. Ainda assim, está desesperada para vê-lo uma última vez, embora supostamente o odeie. E não vai nem me dizer o que ele fez. Você confia mesmo em mim?

Cerro os dentes e resisto ao desejo de contar que não quero mais morrer. Que tudo mudou. Mas não acho que seja exatamente o momento para fazer essa grande confissão, não quando ele está tão bravo comigo. Bato na mesa ao meu lado para que Roman volte a se sentar.

– Prometo que vou parar de enrolar. Vou contar o que aconteceu com meu pai. Aliás, o que eu sei.

Roman aperta os lábios e percebo que está considerando o que deve fazer. No final, a curiosidade vence. Ele pula na mesa e se senta. Isso me dá uma sensação perversa de esperança. Afinal, ser curioso por definição significa que você

deseja ver o que vem a seguir. É um tipo de sentimento. Talvez eu possa trabalhar com isso.

Observo-o de canto de olho. Sua cabeça está abaixada e ele encara as mãos.

– Roman?

– Que foi?

– Promete não me julgar se eu disser a verdade sobre meu pai?

Ele toca meu pulso com suavidade, envolvendo os dedos nele.

– Por que eu a julgaria? – Afasto os olhos. Minha garganta parece tensa, esticada, como um pneu balançando de uma corda esfarrapada. É como se a qualquer momento fosse cair, afundar na minha barriga e me deixar sem voz. Ele toca meu ombro. – O que quer dizer?

– Timothy Jackson. – Aquelas são as únicas duas palavras que consigo proferir.

Roman deixa a mão cair, escondendo-a nas costas. Ele se vira para me olhar diretamente. Eu me esforço para fitar seus olhos arregalados. É nesses olhos que reencontrei uma perspectiva e uma luz – eles abriram caminho para o buraco negro do meu coração. Deixo escapar uma expiração pesada, engasgada, e busco ar. Estou tão assustada por observar aqueles olhos de verão se tornarem inverno, de quentes para congelados.

Ele corre a mão até minha cintura.

– Tudo bem, Aysel. Eu sei.

Outra respiração engasgada.

– Não, não sabe. Não tem ideia.

Seus dedos percorrem a base da minha coluna.

– Sim, eu sei. Eu sei sobre seu pai.

Eu me afasto, indo para a pontinha da mesa de piquenique. Puxo os joelhos para o peito e balanço para a frente e para trás. Tento murmurar o "Réquiem" de Mozart, mas não consigo ouvir nada além das batidas do meu coração. Ele não vai diminuir de ritmo.

Ele se aproxima e abraça meus ombros.

– Shh, tudo bem.

Meus olhos ficam turvos e uma bola úmida se forma e endurece na minha garganta. Não choro de verdade há anos. Não vou chorar agora. Meus ombros sacodem, e eu mordo com força meu lábio inferior. Minha boca se enche com gosto de sangue.

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que não me disse que sabia?

Ele pega meu queixo e puxa para cima com delicadeza, de modo que sou obrigada a encará-lo. Os olhos dourados ainda estão quentes.

– Porque não sabia como tocar no assunto. E eu não tinha certeza. – Ele solta meu queixo e tira as mãos de mim. Pousa-as nos joelhos e respira fundo. – Era

apenas uma desconfiança que eu tinha com base no seu nome e no que disse sobre sua família. É meio difícil não saber da história… está em todo lugar. E pensei que devia ser seu pai, mas não sabia ao certo. Não até ter ouvido de você.

– Você não precisa me dizer que a história está em todo lugar.

Aperto as palmas da mão nos olhos. Sugo um soluço, recusando-me a deixar as lágrimas caírem. Meu corpo inteiro dói de vergonha. Não é nem pelo meu pai – que já é ruim o bastante –, mas não posso acreditar que fui tão estúpida a ponto de pensar que poderia esconder tudo de Roman.

Fungo, e um gosto salgado sobe pela garganta.

– Se sabia, por que quis que eu contasse? Por que continuou me perguntando sobre meu pai?

Ele pega minha mão novamente e aperta.

– Porque queria saber se você confiava em mim. Se se sentia confortável comigo para saber que não a julgaria. E queria ouvir a história toda de você.

Ele puxa minha mão, suplicando para que eu o olhe. Inclino a cabeça até conseguir olhar seu rosto, mas me recuso a fitar seus olhos.

– Achei que seria bom para você falar sobre isso. Caramba, eu ainda acho que seria bom – acrescenta.

– Por quê?

Ele dá de ombros.

– Às vezes, falar ajuda. Foi bom quando falei com você sobre Maddie.

Pulo de esperança por dentro.

– Foi?

– Você me deu algo que ninguém mais me deu.

– O quê?

– Você me olhou do mesmo jeito antes e depois da história. Quero fazer isso por você também.

– Está bem.

– O que está bem?

– Vou contar o que sei.

Ele solta minha mão e me abraça. Descanso a cabeça em seu ombro.

– Não fique brava comigo – sussurra ele.

– Não fico.

– Promete?

– Prometo.

Seu ombro é largo, mas ossudo, e sinto seus músculos ficando tensos sob o peso da minha cabeça.

– Sério que você não me odeia? Mesmo sabendo que meu pai é o cara maluco que apareceu nos jornais? Eu pensei que você ficaria bem chateado porque… – Eu me concentro na lata de refrigerante desbotada que foi jogada embaixo da mesa de piquenique. – Bem, porque você era muito próximo de Brian Jackson.

Ele acaricia minha cabeça, correndo os dedos pelos meus cabelos cacheados e embaraçados.

– Juro que não te odeio, Aysel. Nunca poderia odiar você. E, com certeza, não te odiaria por isso. *Você* não fez nada com o irmão de Brian. *Você* não o matou.

A frase se repete na minha cabeça: Você *não fez nada com o irmão de Brian.* Você *não o matou.* Enquanto processo suas palavras, meus olhos ficam mais e mais turvos. Uma lágrima corre pelo meu rosto e então vem o dilúvio. Meu corpo treme e eu me levanto. Não entendo por que estou soluçando, por que logo agora, por que agora, quando finalmente não quero mais morrer.

Ele me envolve nos braços, e eu aninho o rosto no algodão macio de sua camiseta. O cheiro é uma mistura de amaciante e fumaça de fogueira. Ele continua a acariciar meus cabelos, e me concentro em sua energia cinética. Não quero que pare. Quero que continue em movimento.

Ele encosta os lábios na minha orelha e sussurra:

– Conte, Aysel.

Sugo o ar úmido, e meus pulmões são preenchidos. Parece que meu coração vai explodir, e eu me desvencilho de Roman. Limpo os olhos e pigarreio.

– Desculpa.

Ele sorri de leve.

– Não precisa pedir desculpas. Para com isso. Garota maluca.

Faço uma careta.

– Viu? Você acha que sou maluca. Por causa do meu pai.

Ele balança a cabeça, seu sorriso ficando mais largo e mais malandro.

– Não. Acho que é maluca de um jeito completamente diferente. De um jeito lindo.

Meu coração para. Quero perguntar como ele consegue dizer essas coisas – sete dias antes de nossa pretensa morte. Não é justo. Ele não pode fazer com que eu o ame se vai me deixar. Se quer me deixar. Se sabe que é o fim.

As lágrimas continuam caindo pelo meu rosto, e ele me cutuca com o ombro.

– Conte a história.

Limpo a coriza. Olho para sua camiseta, molhada com minhas lágrimas.

– Acabei com sua camiseta.

– Não me importo com a camiseta. Me importo com você.

Algo dentro de mim estala. É como se eu tivesse passado a vida toda tentando desvendar uma combinação complicada para descobrir que estava fuçando no cadeado errado. O cofre dentro de mim que contém todos os meus segredos está aberto, e sinto a onda de sangue crescer no peito.

– Tudo bem, vou contar o que sei.

Não olho para ele, mas juro que consigo sentir sua cabeça meneando. E sinto os olhos no meu rosto, suaves e gentis, como a primeira neve do ano. Ficamos em silêncio por um tempo, sentados lado a lado, ombro a ombro. Empurro meu

tênis cinza contra seu tênis branco encardido, e queria que pudéssemos ficar assim para sempre. Mas lá no fundo sei que não podemos, então enfim conto a história, a história completa, inteira.

– Meus pais vieram da Turquia para os Estados Unidos antes de eu nascer. Primeiro moraram em Michigan, mas algum parente do meu pai, ou talvez seja da minha mãe…

Paro de falar por um segundo e tomo fôlego. Roman está certo; nunca mais contei essa história desde que meu pai foi preso. Sempre foi sussurrada pelas minhas costas ou falada em cochichos pela minha mãe e por Steve tarde da noite, quando pensavam que Georgia, Mike e eu estávamos já no décimo sono. Ela foi distorcida, manipulada e alterada. Nunca foi minha história.

– Não importa – continuo. – Esse parente tinha uma loja de conveniência aqui em Langston e, quando ele morreu, meus pais se mudaram para cá e foram tomar conta da loja.

Roman suspira.

– Pois é, justo para Langston. Mas, sim, eles se mudaram para cá e, poucos meses depois, minha mãe engravidou de mim. Depois que nasci, acho que eles começaram a se afastar. E se separaram quando eu tinha menos de um ano. Ao que parece, meu pai tinha mudanças de humor violentas. Um dia, acordava de madrugada e fazia ovos mexidos e torradas para minha mãe. Mas, em outros dias, ela acordava e descobria que ele havia aberto um buraco na parede de tanta raiva e se trancado no pequeno escritório no porão, recusando-se a sair. Também era assim quando eu morava com ele. Mas eu tinha muito medo e não contava nada para minha mãe.

Tomei coragem para olhar Roman. Ele pôs a mão sobre a minha, entrelaçando nossos dedos.

– Continue – pede.

– Meu pai ficou em Langston e assumiu a loja, porque queria me manter em sua vida. Eu era tudo para ele. – Minha voz falha. – Então minha mãe conheceu Steve, eles se casaram e tiveram Georgia e Mike. Eu os visitava nos fins de semana, mas morava com meu pai. E ele odiava ficar sem mim naqueles fins de semana.

Encaro o balanço ao longe. Ao vento, o balanço sacode para a frente e para trás, parece que há um fantasma empurrando. Será que Roman e Maddie sempre vinham ao parquinho brincar no balanço? Engulo o sal das lágrimas. Percebo que Roman está esperando que eu diga algo mais, mas essa é a parte de que tenho medo, a parte que nunca entendi direito.

Depois de um longo e pesado silêncio, continuo:

– Um dia, passei na casa da minha mãe depois da escola. Em geral, depois da escola, eu encontrava meu pai na loja, mas esse dia era especial, porque era o primeiro jogo de Mike no time iniciante, e eu tinha prometido que estaria lá.

Lembro o olhar no rosto do meu pai quando falei que não chegaria cedo em casa. As coisas estavam indo muito mal na loja, e meu pai contava com minha companhia e com minha ajuda. Naquele mês, ele se convenceu de que a loja estava sendo roubada com frequência. Ficou obcecado.

Paro e mordo minha bochecha esquerda por dentro. Não solto a mão de Roman. Aperto o mais forte que posso, várias vezes. A cada apertão faço um pequeno pedido.

– Então, eu não estava lá quando aconteceu. Quando Timothy e os amigos entraram na loja, eu estava vendo Mike correr da primeira para a segunda base. – Balanço a cabeça e encaro o chão. – Timothy e seus amigos entraram na loja e começaram a fazer bagunça. Estavam correndo pelos corredores e um deles derrubou um mostrador, e meu pai, meu pai, ele… – Engasgo com as palavras. – Meu pai ficou furioso. Muito furioso. Começou a gritar, e, por algum motivo, Timothy e seus amigos acharam aquilo bem engraçado, então derrubaram outro mostrador, e um dos amigos pegou algumas barras de chocolate e jogou para cima, desafiando meu pai a fazer alguma coisa. Então, meu pai pegou o taco de beisebol atrás do balcão e foi atrás deles. Acho que Timothy ficou na frente e tentou acalmar meu pai, mas ele tinha pirado. Ninguém podia pará-lo. Quando a polícia chegou, Timothy estava inconsciente, e meu pai estava sentado ao seu lado, ainda segurando o taco de beisebol como um maluco. Timothy nunca recobrou a consciência e morreu no hospital três dias depois.

Respiro algumas vezes, trêmula.

– Acho que meu pai nem sabia quem era Timothy Jackson.

Não consigo olhar no rosto de Roman, então aninho ainda mais a cabeça em seu peito.

– Minha mãe nunca me deixou ver meu pai de novo. Eu nem fui ao julgamento. Nunca tive como me despedir.

Ele acaricia minha cabeça, correndo os dedos pelos cachos.

– Ela deve ter pensado que era melhor para você. Ele era… – Sua voz hesita. – Bem, você sabe.

Eu o empurro para encará-lo. Tomo a mão dele na minha.

– Você sabe que estava errado antes, quando disse que meu pai era o motivo por que eu queria morrer. Não é. O motivo é que morro de medo da possibilidade de que qualquer loucura que estivesse dentro dele viva dentro de mim também. De que eu seja capaz de fazer algo tão terrível quanto ele.

Um longo silêncio se instala, e Roman não diz nada. Ele solta minha mão, e meu coração afunda. *Ele me odeia. Tem medo de mim.* Desvio o olhar e estou prestes a pular da mesa de piquenique quando ele puxa meu braço.

– Aysel, olhe para mim.

Eu continuo com os olhos nos balanços. As correntes estão enferrujadas. Alguém deveria trocá-las. Alguém deveria limpar este lugar.

– Aysel, por favor – insiste ele.

Quando volto a olhá-lo, vejo seu rosto a centímetros do meu. Sua mandíbula está travada, e os olhos são sombrios. Seguro o fôlego enquanto espero que diga alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele tira uma mecha de cabelo do meu rosto e inclina a cabeça para beijar minha testa. Meu corpo inteiro fica dormente.

– Quero que saiba que você não tem nada do seu pai. Escutou? Eu conheço você, Aysel. Nunca faria algo assim.

Ele toma meu rosto entre as mãos, aninhando minha cabeça.

– Mas por que sinto tanta saudade dele?

Meu nariz está a poucos centímetros do de Roman, e quero desviar o olhar, mas não consigo.

Ele me puxa, me envolvendo nos braços.

– Porque você é humana. Nenhuma pessoa é de todo ruim ou boa. Tenho certeza de que teve bons momentos com seu pai. Faz sentido você ter saudade dele.

– É por isso que queria vê-lo uma última vez, sabe? Não apenas para tentar descobrir se sou como ele, mas também para que saiba que sinto saudades. Que sinto muito por tê-lo deixado sozinho. Por mais que pareça louco, quero o perdão dele.

Roman acaricia minhas costas, subindo até meus ombros.

– Tenho certeza de que ele não te culpa, Aysel. E tenho certeza de que ainda te ama. Sempre vai amar.

Ouvi-lo dizer essas palavras fez minhas lágrimas virarem soluços. Ele me abraça mais forte, e eu choro alto com o rosto colado em sua camiseta. Ficamos lá sentados, eu chorando, ele acariciando minhas costas, pelo que parecem horas. Assim que me recomponho, me afasto um pouco e limpo os olhos.

– Desculpe.

Ele pega minhas mãos.

– Não precisa pedir desculpas.

Engulo em seco algumas vezes e olho o céu. É de um anil escuro, e o sol começa a se pôr. Não quero que esse dia acabe, que o tempo passe. Fecho os olhos e fico o mais parada que consigo. Quando os abro, vejo Roman encarando o chão.

– Obrigada – digo.

– Por quê?

– Por entender.

Ele encolhe os ombros de leve, como se não fosse nada, mas certamente significou muito.

– Encontrei o desenho que você fez de mim – digo devagar.

Seus olhos brilham, surpresos.

– Não está terminado ainda.

Tiro do bolso e desdobro.

– Parece bem terminado.

Ele pende o peso do corpo do pé esquerdo para o direito.

– Pode ficar.

Sei que aquilo deveria aliviar meu coração, mas não é o que acontece. O jeito como ele diz soa tão definitivo.

– Queria poder desenhar.

Ele olha para o nada e coça a nuca.

– Tenho certeza de que consegue.

– Não assim – sussurro. – Queria poder desenhar como te vejo.

Eu desenharia um garoto com o sorriso mais magnético e as mãos mais gentis e olhos que são tristes, mas podem às vezes ser iluminados. Desenharia um garoto que merece ver o oceano.

Mas é como se ele tivesse um sexto sentido para minha fraqueza e inclina o pescoço na direção do carro.

– Temos de ir.

Uma brisa bate em meu rosto, que ainda está úmido de lágrimas, e quando o encaro ali, parado, as mãos na nuca, o vento fazendo a camiseta larga tremular, o rosto congelado em uma expressão dolorida, sei que está pensando em Maddie. Sei que está pensando em pular de cabeça no rio Ohio. Sei que está pensando em morrer.

Quero chorar tudo de novo.

No caminho para casa, convenço-o a concordar em me encontrar algum dia na próxima semana. É muito bizarro, mas ele também acha que precisamos ver se queremos escrever uma carta de suicídio. Mal consigo falar disso, e tenho certeza de que ele sabe que estou mentindo, mas nenhum de nós diz nada.

Depois de planejar, sem muito entusiasmo, nos encontrarmos, passamos o restante da viagem em silêncio. Nem sequer ligo o rádio. Nem o "Réquiem" de Mozart vai me confortar. Quando estou estacionando na frente de sua casa, Roman diz:

– Na noite passada, você dormiu de meia.

– O quê?

Desligo o motor e estaciono o carro para observá-lo. Ele está encarando a janela do passageiro, encolhido perto da porta, como se precisasse criar o máximo de espaço físico possível entre nós.

– Você disse que não conseguia dormir de meia. Lembra que me disse isso? Disse que é um problema para você. Mas na noite passada você dormiu de meia.

Não sei dizer se está falando sério ou não.

– Hum. E daí?

Ele se vira devagar para me encarar. Seus olhos estão arregalados e úmidos.

– Daí que você pode mudar. É resistente. Lembre-se disso, Aysel, você é resistente.

– São só meias – digo baixinho.

Ele encolhe os ombros.

– Ainda assim, é uma mudança.

Estou a ponto de dizer que ele pode ser resistente também. Que sei que ele pode. Mas mordo a língua com força. Saio do carro para ajudá-lo a descarregar o porta-malas. Não sou de rezar, mas me esforço muito e desejo que a sra. Franklin fique dentro de casa. Algum drama romântico arrebatador vai estar passando na TV e terá mais apelo do que outro se desenrolando na porta de sua casa.

– O que está tentando dizer, Roman?

Seus lábios se abrem em um sorriso malicioso.

– Nada. Só fazendo uma observação.

Seus olhos não parecem mais tão tristes. Não parecem nada – estão vazios – e isso quase faz meu coração doer mais. Ele abre bem os braços e me puxa para um abraço.

– Até mais.

– Espere, já decidimos se na quinta ou na sexta? Qual é o melhor dia para você?

Ele não responde. Apenas deixa cair os braços, me soltando, e se vira para atravessar o caminho até a casa, carregando a mochila, a barraca, o isopor e a cesta de piquenique. Eu me pergunto se deveria ajudar, pois ele está fazendo malabarismos para carregar tudo, mas não acho que queira minha ajuda. Eu queria que ele quisesse minha ajuda.

– Eu aviso se souber de algo mais sobre meu pai – grito.

Nesse momento, nem me importo mais com a chance de a mãe dele ouvir. Pela primeira vez na vida, meu pai é a menor das minhas preocupações. Observo Roman soltar as coisas de acampamento na soleira da porta. Ele me dá um tchauzinho de costas, mas não se vira para mim.

Preciso descobrir uma maneira de virá-lo para mim. Convencê-lo de uma vez por todas.

SEGUNDA-FEIRA, 1º DE ABRIL

Faltam seis dias

Quando saio da escola, ligo para o número que Jacob deixou na mensagem de voz. Liguei uma vez no domingo, após deixar Roman em casa, mas ninguém atendeu e eu não tive coragem de deixar mensagem.

Eu me encolho no banco do carro e encosto o telefone no ouvido. Toca algumas vezes até uma voz opaca responder.

– Hospital de Saúde Comportamental de Saint Anne, aqui é Tara. Como posso ajudar?

Engulo em seco.

– Hum, oi, Tara. Meu nome é Aysel Seran. Sou filha de Omer Seran. Fui informada de que ele foi transferido do Centro Correcional McGreavy para Saint Anne e…

As palavras saem aos tropeços da minha boca, mais rapidamente do que quero, mas fico com medo de que, se não falar tudo de uma vez, ela vá desligar e eu perca a chance de encontrar meu pai.

– Sei. – A voz dela falha. – Você é menor de idade?

– Como?

– Tem menos de dezoito anos?

Penso em mentir.

– E isso importa?

– Não estou autorizada a dar informações sobre pacientes a menores. Também não estou autorizada a dar qualquer informação confidencial por telefone.

– Mas… – Mordo o lábio inferior. – O que devo fazer? Quero muito ver meu pai.

Ouço um suspiro.

– Se seu pai for paciente daqui, o que não sou legalmente autorizada a confirmar, seria preciso que seu tutor nos ligasse para agendar uma visita. Dependendo do estado do paciente, a visita pode ou não ser possível.

– Não pode me dar nenhuma informação além dessa? Nem uma pista se meu pai está aí?

– Acho que seria uma boa ideia falar com sua mãe sobre marcar uma visita. – Outro suspiro. – Ela pode ligar neste número.

Um pequeno sorriso se forma tímido no meu rosto.

– Obrigada.

– Por nada. Tenha um bom dia.

E desliga.

Boto o telefone de volta no bolso e desço o banco do carro para me deitar. O sol está à espreita atrás das nuvens e se espalha sobre meu rosto. *Preciso falar com minha mãe sobre meu pai.*

Imagino como seria visitá-lo. Será que estaria usando roupas brancas de hospício? Ou pior, acorrentado? Aperto os olhos e tento vislumbrar seu rosto, mas tudo o que vejo é o homem de quem me lembro. O homem que nunca teria espancado um garoto até a morte com um taco de beisebol. Talvez todos tenhamos a escuridão dentro de nós, e alguns de nós sejamos melhores em lidar com ela que outros.

O que meu pai fez foi errado, terrível, imperdoável, mas talvez ainda haja esperança. Talvez, se ele conseguir a ajuda de que precisa, o homem que me ensinou sobre a tocata de Bach e a dormir na cadeira do quarto quando eu estivesse com medo do escuro possa ressuscitar.

E, se há esperança para meu pai, ainda há esperança para mim. Talvez seja verdade que ele e eu temos a mesma lesma preta dentro de nós, mas depende de mim dominá-la. Devo isso ao meu pai. Devo isso a mim mesma.

Ajusto o banco do carro para a posição normal e ponho a chave na ignição. *Preciso falar com minha mãe*. Quando saio do estacionamento da escola, faço uma promessa a mim mesma: *Serei mais forte que minha tristeza*.

Farei o melhor para me tornar a garota do desenho de Roman. A garota de olhos brilhantes. A garota esperançosa.

SEGUNDA-FEIRA, 1º DE ABRIL

Faltam seis dias

Quando chego em casa, minha mãe está ao lado da pia, descascando batatas. Vou até o armário e olho a parte dos biscoitos, tentando encontrar uma barrinha de granola com gotas de chocolate.

– Aysel – diz ela, me dando um aceno tímido.

Viro para encará-la segurando a caixa vazia de barrinhas de granola.

– Mike sempre pega a última e nunca joga a caixa fora. Que coisa irritante.

Minha mãe abre um sorriso cansado. Os cabelos castanho-claros estão presos em uma trança frouxa. Quando seus cabelos estão assim, expondo a testa larga e as maçãs pontudas do rosto, ela fica mais parecida com Georgia que o normal. Minha mãe deixa o descascador de batatas de lado e seca as mãos.

– Podemos conversar?

Parece que ela não vai dizer nada sobre as barrinhas de granola. Deixo a caixa na mesa.

– Claro.

– A TMC ligou hoje. O sr. Palmer queria saber onde você esteve. Você não foi até lá no sábado e deveria ter ido trabalhar hoje também, certo?

Ela parece indecisa, como se tivesse medo de me repreender. Mas está certa. Eu cabulei o trabalho. Achei que, se fosse morrer, não seria tão importante manter o trabalho. Dinheiro é inútil para uma pessoa morta. Mas a questão é que, mesmo se eu não pular de Crestville Pointe, tenho certeza de que nunca mais quero trabalhar na TMC.

– Vou sair do emprego – digo.

– O quê? – pergunta ela em uma voz calma e comedida.

– Pode gritar comigo – falo. – Sabe, eu não sou ele. Talvez seja como ele, mas não vou acabar do mesmo jeito.

Sinto o peso crescer atrás dos olhos. Eu me esforço para reter as lágrimas.

Minha mãe se encolhe como se eu tivesse acabado de lhe dar um tapa. Ela leva a mão ao rosto.

– Ah, Aysel. Ah, querida.

Ela estende a mão. Eu deixo que me abrace, mas não retribuo. Despenco contra seu corpo e sinto-a se enrijecer ao segurar o peso do meu.

Ela toma minha mão e me leva até seu quarto. Não entro ali desde que me mudei. É o quarto principal da casa, mas isso não diz muita coisa. Não é muito maior que o quarto que Georgia e eu dividimos. Vejo algumas camisas sujas de

Steve num canto, mas, fora isso, parece que minha mãe trabalha duro para manter o local limpo. É seu único santuário longe do furacão de bagunça que é o resto da casa.

Sentamos na cama. Apoio a palma das mãos no edredom floral. Os fios estão esgarçados, o que faz as rosas parecerem difusas e machucadas. Pego um dos fios soltos.

Ela se afasta um pouco para fitar meus olhos.

– Aysel – diz ela –, você não é como ele.

Sinto o coração batendo, e parece tão pesado e grande que me pergunto se é a única coisa que a lesma preta me deixou. Como se por dentro eu estivesse vazia, e tudo o que me restasse fosse meu coração solitário, palpitante.

– Mas eu sou como ele.

Ela toca minha mão de leve.

– Como assim?

Minha respiração está trêmula, e eu engulo em seco algumas vezes para tentar me controlar.

– Sou triste, mãe. Sou triste o tempo todo. E eu acho que ele era também.

– Ah, minha querida – diz ela com a voz pesada.

Enfim ergo os olhos e vejo que os dela estão turvos e injetados.

– Você tinha que ter me contado. Por que não me procurou antes?

Baixo a cabeça, encaixando o queixo no peito.

– Fiquei com medo… – Minha voz falha, e sinto o gosto de lágrimas salgadas crescendo na minha garganta. – Fiquei apavorada, achando que me mandaria embora. Ou pior, que eu causaria mais problemas para você. Não merece mais problemas.

Minha mãe me puxa para perto dela de novo. Em silêncio, balançamos para a frente e para trás. Ela me solta e limpa meu rosto.

– Não sei como explicar, Aysel, mas acho que nunca falei com você sobre tudo isso porque fiquei com medo de dizer bobagem.

Ela hesita por um momento, e seus lábios se retorcem como se estivesse prestes a dizer algo, mas não diz.

– Mãe?

Ela suspira.

– Acho que ainda não sei o que quero dizer. Ou o que deveria dizer. Sabe, quando você era mais nova, eu costumava ver você parada, sozinha, embaixo da árvore, no jardim da escolinha, usando o casaco azul que seu pai havia comprado para você. Aquele cheio de patinhos amarelos. Lembra?

Eu lembro. Ela continua.

– Eu ia até lá pegar Georgia e sabia que seu pai vinha buscá-la, mas eu não conseguia me livrar da sensação de que havia alguma coisa que eu deveria fazer por você. Você parecia tão solitária, mesmo naquela época. Queria sair do carro

e abraçá-la, falar com você, mas nunca fiz isso. E então, quando aconteceu tudo aquilo com seu pai, deixei que o medo tomasse conta de mim ainda mais. Me desculpe, me desculpe. Eu deveria ter sido mais forte por você.

Ela estende o braço para pegar minha mão, mas eu me afasto. As lágrimas escorrem da minha bochecha, e eu as seco com a manga da camiseta. Pigarreio.

– Quero visitar meu pai.

Ela não diz nada. Só olha para o chão.

– Mãe, eu quero muito vê-lo. Acho que vai ser bom para mim.

– Ele não está mais na prisão – diz ela, devagar, tentando pegar minha mão, e dessa vez eu deixo. Ela aperta. – Eles transferiram seu pai para um hospital psiquiátrico.

– Eu sei.

Ela ergue a cabeça.

– Como?

– Tentei visitá-lo em McGreavy, e me disseram que ele havia sido transferido. E preciso que você vá comigo para eu poder visitá-lo em Saint Anne.

Ela leva a mão aos lábios e a fecha em punho, mordendo de leve os nós dos dedos.

– Então, vai me levar? – insisto.

Ela respira fundo, de forma bem vagarosa, estende o braço e corre a mão por trás dos meus cabelos, o jeito que eu a vejo fazer com Georgia e pensei que nunca faria comigo de novo.

– Não sei se é a melhor ideia, mas vou ver o que podemos fazer.

– Promete?

Ela pega minha mão.

– Prometo. Mas também preciso que me faça um favor.

– O quê?

Nossas mãos estão entrelaçadas bem forte, e ela aperta devagar.

– Me fale sobre sua tristeza, Aysel. Você precisa se consultar com alguém, um profissional?

Eu viro o rosto.

– Não sei.

Pelo que eu me lembre, fiquei apavorada de contar a alguém sobre minha tristeza porque tinha certeza de que a veriam como uma prova de que eu havia herdado a insanidade do meu pai. Mas percebo que nunca serei capaz de mudar o que meu pai fez ou o fato de que eu não estava lá, naquela tarde, para tentar impedi-lo. Todos os dias vou acordar e ainda serei responsável pela morte de Timothy Jackson.

E talvez a lesma preta sempre viva dentro de mim. Talvez eu sempre tenha dias ruins quando o peso parecer insuportável. Mas, por mais brega que soe, talvez os bons dias façam valer a pena passar pelos ruins.

Por tempo demais fiz do meu passado meu futuro, com medo de imaginar outra coisa. E agi assim – estática –, com medo da minha energia cinética. Talvez seja hora de começar a imaginar, talvez seja hora de me pôr em movimento. Talvez seja hora de lutar contra a tristeza dentro de mim.

Será que é possível fazer Roman entender isso? Fazê-lo ver que minha mudança não tem a ver com dar para trás, mas com lutar? Vou ter de encontrar a coragem para ser sincera com ele.

– Posso pensar sobre isso? – pergunto por fim.

– Claro – diz ela. – Mas, mesmo se não falar com um profissional, precisa prometer que vai continuar falando comigo. Não pode manter tudo isso escondido dentro de você, Aysel. Nunca mais.

– Eu sei – falo, e me recosto nela.

Sinto o cheiro de seu perfume floral e me lembro de quando eu era mais nova, antes de o peso dentro de mim ser tão avassalador, tão insuportável. Será que é assim que a escuridão vence, convencendo-nos a prendê-la dentro de nós, em vez de jogá-la fora?

Não quero que ela vença.

QUARTA-FEIRA, 3 DE ABRIL

Faltam quatro dias

Na aula de inglês, passamos dos poetas norte-americanos depressivos para a unidade sobre *Paraíso perdido*. Acho que estamos apenas mudando o lado, trocando o enfoque de poetas depressivos norte-americanos para os ingleses.

A sra. Marks está apaixonada por John Milton. Fica com o livro agarrado ao peito, como se fosse um bebê e um de nós fosse arrancá-lo de suas mãos e fugir com ele. Ao que parece, precisou lutar por anos até receber autorização para ensiná-lo, e ainda age como se a qualquer segundo o diretor fosse entrar e acabar com tudo.

Está caminhando pela sala de aula. Ela é assim. Faz com que a gente se sente em meio círculo e passa a aula toda circulando entre nós.

– Como sabem, sou doida por uma boa citação. Uma construção de frase inteligente.

Algumas pessoas na sala riem do seu uso da palavra "doida". Esfrego os olhos, me esforçando para ficar acordada. A sala de aula é quente e abafada, e mal consigo prestar atenção na sra. Marks quando a sala está em temperatura ambiente. Olho o relógio. Mais treze minutos até o sinal tocar e eu ir para a aula de física.

– E, por mais que eu ame John Berryman, Sylvia Plath e Allen Ginsberg, tenho uma queda por poesia inglesa – diz ela, e é sucedida por mais grunhidos. A unidade de poesia norte-americana não fez muito sucesso. Que surpresa! – E John Milton talvez tenha a grande distinção de ter escrito minha frase favorita de todos os tempos.

Ela para de fazer voltas e vai até a lousa. Pega um canetão azul e rabisca: "A mente é um lugar em si, e nela pode-se fazer um céu do inferno, um inferno do céu." Ela lê a frase em voz alta e pergunta:

– Alguém pode me explicar o que Milton quis dizer com isso?

A sala fica em completo silêncio. Sem grunhidos. Releio a frase e as palavras ecoam em minha mente. Pela primeira vez no ano, abro o caderno de inglês no meio da aula. Está quase vazio, exceto onde anotei as lições de casa. No topo de uma página em branco, copio a frase.

– Aysel? – diz a sra. Marks.

Não acredito que está me chamando. Nunca me chama. Pensei que tínhamos uma espécie de acordo velado.

Ergo os ombros e falo baixinho:

– Não sei.

– Ah, vamos lá. – Ela bate a ponta do canetão na lousa. – Vi que você está escrevendo aí. Deve ter algumas ideias sobre a frase. Arrisque e diga a melhor delas.

Respiro fundo e leio a frase pela terceira vez. É como se alguém tivesse ligado meu cérebro na tomada e causado uma faísca de energia.

– Ela me lembra de Einstein.

Todos na sala voltam a dar risadinhas e soltar grunhidos.

– Silêncio – repreende a sra. Marks. – Continue, Aysel.

Sei que seria melhor eu parar de falar. Uma semana atrás, teria feito exatamente isso. Mas sinto que tem algo em mim que não consegue mais ficar calado.

– O que eu estava tentando dizer é que me lembra a teoria da relatividade de Einstein. Mas é claro que Milton não está falando sobre velocidade da luz, está falando sobre como a mente humana enxerga a vida.

A sra. Marks balança a cabeça, incentivando, e eu continuo.

– Mas, na verdade, Milton e Einstein estavam meio que falando a mesma coisa. Que tudo é subjetivo na mente humana. Nossas emoções, nossas opiniões, são todas relativas. Tudo depende do ponto de vista.

– Excelente, Aysel – diz ela. – Deveria participar mais.

E, para minha surpresa, não há cochichos. Nem insultos sussurrados. A sala fica quieta, e a sra. Marks volta a tagarelar sobre *Paraíso perdido*. Ela passa algumas páginas como lição de casa e, em seguida, o sinal toca. Quando estou saindo da sala, a sra. Marks faz um discreto sinal de ok para mim. Meneio a cabeça, sorrindo com os olhos. Saio às pressas pelo corredor para chegar à aula de física antes de todo mundo. Estou quase sem fôlego quando chego à sala do sr. Scott.

– Uau, Aysel – diz ele, erguendo as mãos. – Não precisa correr.

– Desculpe – arfo, tomando fôlego. – Só queria perguntar se eu ainda posso me inscrever para aquele programa de verão.

Seus lábios abrem-se em um sorriso imenso.

– Claro. O prazo termina só no dia primeiro de maio. Ainda tem tempo para você fazer a inscrição. – Ele vai até a mesa e abre uma das gavetas. Puxa outra cópia da apostila e me entrega. – Caso você tenha perdido a outra. – Ele pisca para mim.

Penso em lhe dizer que ainda tenho a outra. As fotos brilhantes estão manchadas porque passei muito tempo folheando o caderno. Tentando me imaginar como um daqueles jovens sorridentes, usando óculos grandes demais para meu rosto, analisando lâminas em microscópios ou construindo uma ponte com palitos de dente.

Ainda não consigo me ver daquele jeito, mas consigo imaginar a possibilidade.

Melhor. Consigo sentir o potencial, lá no fundo.

Mas não falo nada disso para o sr. Scott. Pego a segunda apostila e sorrio.

– Obrigada.

Estou indo até a carteira quando ele diz:

– Ah, Aysel?

– Sim?

Eu me viro.

– Como vai seu projeto? Quero muito ver o que você e Tyler estão fazendo.

Penso no passeio ao zoológico. Parece que já faz anos.

– Estará tudo pronto até o dia dez.

O sr. Scott sorri.

– Ótimo. Já estou ansioso.

QUINTA-FEIRA, 4 DE ABRIL

Faltam três dias

Estou dirigindo até a casa de Roman. Mandei uma mensagem de texto para avisá-lo da minha chegada. Ele não respondeu, mas às vezes é lento para responder.

Eu o imagino no quarto. Jogado na cama de barriga para cima, observando o Capitão Nemo, desenhando distraidamente, o lápis fazendo marcas leves pelo papel. Será que ele e o Capitão Nemo ficam em silêncio o dia todo ou Roman fala com ele? Será que Roman fala com ele sobre mim? Queria que Capitão Nemo pudesse revelar todos os segredos de Roman.

Agarro o volante e me lembro de que não preciso que ninguém me conte os segredos de Roman. Que vou fazê-lo me contar. Porque vou ser sincera sobre tudo. Tiro os olhos da estrada por um segundo e olho o banco do passageiro, onde deixei o livro que comprei, chamado *Explorando as Praias da Carolina do Norte*. Imagino que vou começar vendendo para ele a ideia da viagem até o mar e espero que o restante venha naturalmente.

Roman ainda não respondeu à mensagem de texto quando chego à sua casa. Fico sentada no carro por alguns segundos, encarando a conhecida caixa de correio caramelo. Envio mais uma mensagem e, como ele não responde, tento ligar. Sem sucesso.

Dou um pulo no banco do motorista quando ouço a porta da frente se abrindo, mas relaxo assim que vejo que é a mãe dele. Saio do carro e aceno para ela.

– Aysel – diz ela enquanto se aproxima.

Está usando um suéter cor-de-rosa e os tamancos de margaridinhas. Os cabelos pintados de castanho estão amarrados em um coque. Faz com que pareça mais jovem que o habitual.

– O que está fazendo aqui? – pergunta.

Abro um sorriso como um pedido de desculpas.

– Ah, eu estava na vizinhança e quis ver se Roman estava em casa. Semana passada combinamos de nos encontrar hoje.

A sra. Franklin franze a testa, juntando as sobrancelhas.

– Roman não está em casa.

– Sério?

Tento não parecer chocada. Pensei que ele nunca saía de casa, a menos que estivesse comigo.

– É. Ele me disse que estava indo para sua casa.

Sinto o queixo cair.

– O quê?

Ela abraça o corpo como se de repente sentisse muito frio.

– É, ele me pediu o carro emprestado para ir à sua casa. Não sei se você sabe, mas Roman ficou sem dirigir por algum tempo. Mas parece que ele está tão melhor, saindo com você, então pensei… – Ela para de falar.

Um pensamento terrível me atinge com a força de um tsunami. Sinto como se eu estivesse me afogando quando consigo gaguejar:

– Posso ir lá em cima?

Ela hesita, me encara, uma expressão confusa no rosto. Então seus olhos se arregalam e ela corre para a casa. Eu a sigo.

Atravessa às pressas a cozinha, tirando a cadeira do caminho, que bate no balcão e faz uma xícara de chá cair da beirada e estilhaçar. Salto sobre os cacos e fico bem atrás da sra. Franklin enquanto ela corre escada acima.

Subimos voando até o primeiro andar, e meu coração fica um pouco aliviado quando vejo a porta do quarto de Roman aberta. Talvez esteja lá dentro. Talvez esteja apenas com fone de ouvido, ouvindo suas músicas horríveis, viajando, esquecido do mundo.

A sra. Franklin para na entrada. Ergue a mão ao coração e solta um suspiro profundo e ruidoso. Parece que tem duas âncoras penduradas nos meus pés, grudando-os no chão, mas forço-os a se mover e entro no quarto.

Os pelos do meu braço se arrepiam e eu tenho uma sensação repentina de fracasso quando vejo o quarto vazio. Viro para olhar a sra. Franklin e seu rosto é neutro, quase aliviado. Passo os olhos pelo quarto, procurando algum sinal dele.

A cama está desarrumada, o edredom bege, amassado e empilhado numa bagunça. Há uma depressão no travesseiro. Vou até lá e ponho a mão sobre ele.

– Aysel – diz a sra. Franklin, com a voz trêmula. – Tem alguma coisa que eu deva saber? – Ela se abraça de novo. – Devo me preocupar?

Não respondo. Verifico o criado-mudo e não encontro nenhuma carta, nenhum bilhete de suicídio. Suspiro de leve.

– Não tenho certeza.

Eu me agacho e enfio a cabeça debaixo da cama. Não encontro nada. Levanto e vou até o aquário do Capitão Nemo. Meu coração tem um sobressalto quando eu vejo. Outro pratinho de comida foi posto ali. Costumava ter apenas um, mas agora há dois.

Mordo com força por dentro da bochecha. Talvez seja um engano. Talvez o Capitão Nemo estivesse com mais fome do que o normal esta manhã. Minha mente começa a buscar justificativas, mas nada é muito convincente, e a boca do meu estômago fica cada vez maior enquanto observo a tartaruga subindo e descendo na água.

– Precisamos encontrá-lo – grito, mas o que sai parece mais um sussurro

abafado.

Saio do quarto correndo e desço as escadas como louca. A sra. Franklin me segue e agarra minha mão, puxando-me para trás.

– O que está acontecendo? – indaga. Sua voz é ofegante e seu rosto está vermelho.

– Estou preocupada com o que Roman…

Não consigo olhá-la. Mexo nas chaves do carro.

– Vou com você.

Não é um pedido, é uma ordem. Não quero que ela venha comigo, mas não sei como dizer não. Como posso dizer alguma coisa quando tudo isso é culpa minha? Quando deveria ter lhe dito dias atrás sobre nosso plano, nosso pacto suicida.

Meu carro derrapa quando dou ré na entrada da garagem o mais rápido que posso. A sra. Franklin segura no console para se equilibrar, mas não me repreende por dirigir tão rápido. Parto a toda velocidade para Crestville Pointe.

A sra. Franklin começa a soluçar. Ela chora, geme. Os ombros tremem. Ela bate o punho na janela do passageiro.

– É tudo minha culpa.

Não é sua culpa. É minha, grito dentro da cabeça. Meus dentes estão cerrados, e me concentro na estrada. Roman sempre quis que eu prestasse atenção na estrada. Ficasse concentrada.

– Ele se culpa pela morte da irmã – diz ela.

Eu sei. Eu sei de tudo. Permaneço em silêncio.

– Mas é minha culpa. Eu lhe disse isso milhares de vezes. Fui eu quem o deixou sozinho com ela. Era muita responsabilidade para um garoto de dezesseis anos. Eu nunca deveria tê-la deixado… tê-lo deixado sozinho com ela…

Ela despenca e enterra a cabeça entre as mãos.

– Quando Roman foi ver o psicólogo, fui com ele. E várias e várias vezes falamos que o pai dele e eu éramos responsáveis, não ele, mas ele nunca nos ouviu.

Eu nem mexo a cabeça. Não consigo dizer nada. Estaciono o carro às margens da floresta. Examino a área, procurando o jipe vermelho dos Franklin. Não o vejo em lugar algum. Talvez Roman tenha entrado com o carro na floresta. Ele não se importaria com o fato de ser ilegal e perigoso.

– Volto já – digo.

– Quero ir com você.

Olho para seus tamancos.

– Mas…

Ela sai do carro e joga os calçados de lado.

– Ele é meu filho, Aysel. Eu vou.

Ela estende o braço e pega minha mão. Corremos pela floresta, e ela aperta

minha mão o tempo todo. Sua pegada é tão forte, e eu sinto que a qualquer segundo meus dedos vão cair por falta de circulação. Os pés descalços saem quebrando galhos, mas ela nem liga. Acompanha meus passos, e logo chegamos à clareira.

O penhasco se agiganta à frente. Quero encontrar Roman aqui e não quero encontrá-lo aqui. Quero envolver seu pescoço com meus braços e puxá-lo para perto, sentir seu cheiro de pinho e beijar as sardas em sua nuca. E quero lhe dar um murro na barriga, um tapa na cara por me trair desse jeito. Por mentir. Por tentar morrer sem mim. Mas talvez eu não consiga fazer nada disso se não o encontrarmos a tempo. Meus joelhos cedem.

– Você não acha que ele… acha? – pergunta a sra. Franklin, a voz rouca pelo choro.

Vejo como ela encara o penhasco. O rio Ohio murmura lá embaixo, e duvido que seríamos capazes de vê-lo se estivesse lá. Na água. A cabeça batendo nas pedras, a espinha quebrada e amolecida. Tiro esses pensamentos da cabeça.

Ele não está morto. Não pode estar. Será que eu sentiria se ele estivesse morto? Eu saberia, entenderia em um nível celular? Meu corpo seria capaz de sentir a energia dele cedendo e desaparecendo? Pela primeira vez, seguro firme a mão da sra. Franklin, devolvendo o aperto forte.

– Precisamos encontrá-lo. Vamos encontrá-lo.

Não sei por que digo isso. É mais um desejo que uma promessa. Ela solta minha mão e me puxa num abraço forte. Cheira a massa de bolo e baunilha.

– Você é um anjo.

Morro quando ela diz isso. Não sou um anjo. Sou o oposto. Poderia ter impedido. Deveria ter impedido. Estou prestes a lhe dizer quando um pensamento me acomete.

– A senhora disse que deu as chaves do carro para Roman?

Ela faz que sim com a cabeça.

Corro de volta para meu carro, e a sra. Franklin me segue. Nem ponho o cinto de segurança e já piso fundo no acelerador. Partimos correndo de Crestville Pointe. O trajeto de oito minutos parece durar uma eternidade. Quando chegamos à casa de Roman, puxo o freio de mão e salto do carro.

Corro para a garagem. Sinto o cheiro de fumaça de escapamento saindo da porta e ouço o zumbir baixo do motor do carro. Puxo a porta, mas não consigo abrir. Então, chuto.

Atrás de mim, ouço a sra. Franklin gritar e correr para a casa. Continuo batendo na garagem, mas é inútil. A sra. Franklin volta, agitando loucamente o controle remoto da porta da garagem no ar. Ela aperta o botão várias vezes, a porta se abre, e então vemos.

O motor do jipe vermelho está ligado. A garagem está cheia de fumaça. Através da névoa, vejo Roman no banco do motorista. Está curvado sobre o

volante, e os olhos grandes, bonitos, estão fechados. Ele não se mexe.

Minhas pernas fraquejam e algo dentro de mim explode. Meu coração.

SEXTA-FEIRA, 5 DE ABRIL

Faltam dois dias

Estou sentada na sala de espera do hospital há horas. Encaro a luz branca fluorescente piscando, tentando tirar o corpo amolecido e inconsciente da cabeça. A sala de espera cheira a café queimado, desinfetante e sal das lágrimas. Você nunca acha que o medo ou a tristeza têm cheiro até passar um bom tempo no hospital.

Será que a culpa tem cheiro? Um odor fedorento, horrendo que os pais de Roman conseguem detectar. Estou sentada entre os dois, e eles mal falaram comigo, exceto para perguntar às vezes se estou bem. Como ainda podem estar preocupados comigo? Não sabem que fui parte do problema, que estava nos planos? Tenho certeza de que me odiariam se soubessem a verdade.

Os dois voltaram para visitar Roman. Felizmente, ele está estável. Oscila entre a consciência e a inconsciência. Acho que não teve a chance de lhes dizer que traidora eu sou, para ele e para eles.

Eu me contorço na cadeira. O assento de plástico está úmido de suor e gruda nas minhas coxas. Deveria ter usado jeans e não shorts. Enquanto cutuco a pele ao redor das unhas, fico cada vez mais furiosa com Roman. Talvez eu seja uma traidora, mas ele também é. Foi em frente e tentou morrer sem mim.

A mãe de Roman põe a mão no meu ombro, trazendo-me de volta à realidade.

– Querida, a enfermeira disse que Roman deve acordar logo. Expliquei quem você era, e ela me disse que pode visitá-lo em alguns minutos, se quiser. – Sua voz é suave, quase uma canção de ninar. – Eu disse que foi você quem salvou a vida de Roman. Se não fosse você…

Ela me puxa em um abraço para sufocar o som de suas lágrimas.

– Somos tão gratos.

Ela me solta e abre um sorrisinho triste.

– Como poderemos retribuir?

Meu fôlego fica preso na garganta. Não consigo encontrar palavra nenhuma, é como se minha boca estivesse cheia de areia movediça, e cada palavra que eu quisesse dizer fosse puxada para a boca do meu estômago.

– Tudo bem, querida. – Ela acaricia meus cabelos com as unhas perfeitas. – Não precisa dizer nada. Sei que é coisa demais para lidar. – Ela inclina a cabeça para me olhar nos olhos. – Quer ver Roman, não quer?

Faço que sim com a cabeça. Quero ver Roman. Quero mesmo. É tudo o que quero.

Mas, ao mesmo tempo, não sei como encará-lo.

Fico sentada com a sra. Franklin por mais alguns minutos. O sr. Franklin volta da cantina do hospital com um café para ela e um biscoito para mim. Deixo o biscoito na mesinha ao lado. Não o toco de novo.

No fim das contas, a enfermeira com cabelos cor de canela se aproxima de nós. A sra. Franklin aponta para mim, e a enfermeira meneia a cabeça. Quando me levanto, minhas pernas grudam no estofado de couro da cadeira da sala de espera. É como se a cadeira implorasse para eu não ir, me alertasse para não ir.

A enfermeira me conduz pelo corredor azulejado até o quarto de Roman. Examino os cartões e as palavras de incentivo que foram coladas nas outras portas. Em uma delas estava grudada uma porção de balões amarelos. Será que eu deveria ter trazido balões? Que pensamento estúpido. Não parece uma ocasião para balões.

Por fim, chegamos ao quarto de Roman. A enfermeira gira a maçaneta de metal e entra. Fico do lado de fora, no corredor, por alguns momentos, apertando as mãos, respirando fundo, murmurando o "Concerto de Piano nº 15" de Mozart.

– Entre, querida – encoraja a enfermeira.

Será que ela lida com isso o tempo todo? Visitantes que não conseguem aguentar, encarar a realidade.

A visão de Roman deitado na cama faz meu coração parar um instante. O corpo alto e magro é grande demais para a cama – os dedos do pé pendem para fora. As luzes do hospital fazem sua pele parecer quase translúcida, e há olheiras grandes e escuras sob os olhos amendoados. Não parecem mais tão dourados. Apenas um verde opaco, enlameado.

– Aysel – diz ele, com uma voz rouca e tensa.

A enfermeira abre um sorriso esperançoso e estende a mão para tocar meu ombro.

– Estarei aqui fora se precisarem de algo.

Olho ao redor da sala porque não consigo encará-lo. Vejo que a mãe lhe trouxe a coleção de Júlio Verne e o caderno de desenho, e há um vaso de calêndulas ao lado da cama. Sem Capitão Nemo. Acho que faz sentido. É provável que seja proibido levar uma tartaruga de estimação para um hospital.

Mas, além das flores, dos livros e do bloco de desenho, o quarto é estéril. Nada parecido com Crestville Pointe. Não é como o lugar em que ele imaginou morrer. Não pode morrer neste lugar. Não pode morrer, ponto.

– Aysel – repete ele. Dessa vez a voz é mais alta, mas ainda soa incrivelmente dolorida.

Pisco para evitar as lágrimas que já sinto se formarem nos olhos.

– Como pôde?

– Você não queria – diz ele. – Sei que não queria. E eu não queria que você me acompanhasse. Eu gosto muito de você para vê-la morrer. Quero que viva,

Aysel. Então fiz sozinho porque queria salvá-la.

Estico o queixo e olho em seus olhos. O rosto está tão pálido. Vejo as veias. Parece tão frágil, como se a qualquer segundo o corpo fosse desistir dele.

– Me salvar? Se você estivesse tão preocupado comigo, não teria feito isso.

Aproximo-me da cama, mas continuo em pé. Observo como tenta balançar a cabeça. Mal consegue mover o pescoço. Quando chego mais perto, vejo que a garganta está machucada. Roxa e inchada.

– Eu tinha que fazer isso, Aysel. Não sou como você. Não mereço viver. – Ele solta um suspiro pesado. – Não consigo viver comigo mesmo. Não quando sei que sou a causa da morte de Maddie.

– Mas e o sete de abril? E morrer na água?

Dessa vez é ele quem se recusa a me olhar.

– Não queria pular de Crestville Pointe sem você. Parecia errado. E, quanto mais pensava nisso, mais percebia que não era correto morrer no mesmo dia que Maddie. Ou da mesma forma. Seria como se eu estivesse tirando algo dela.

Ele tenta balançar a cabeça novamente.

– Não sei por que escolhi o carro. Só senti aquele frio na barriga, um sinal de que, se eu não fizesse naquele momento, nunca conseguiria.

Baixo o rosto para que ele não veja meus olhos, encostando o queixo no peito. Puxo o ar quando soluço, mas ainda assim as lágrimas escorrem no meu rosto em silêncio.

– Não chora – diz ele. – Vem aqui.

Não me movo.

– Aysel, vem aqui.

Respiro fundo e me sento na poltrona ao lado da cama.

Ele estende a mão, e eu a pego. A pegada é fraca e frouxa, diferente de quando segurou minha mão no parque de diversões. E, desta vez, sinto minha mão. Sinto tudo. E quero continuar sentindo. Mesmo as coisas dolorosas, horrendas, terríveis. Porque sentir as coisas é o que nos faz saber que estamos vivos.

E eu quero estar viva.

– Não posso perder você – digo, por fim.

– Não fala isso – sussurra ele.

– Não, é verdade. Não posso perder você. Roman, você precisa decidir viver. Sei que nada pode apagar o que aconteceu com Maddie, mas você não pode desistir.

Ele mexe o rosto para franzir a testa. Parece dolorido. Quase vejo os músculos doendo sob a pele. A pele ao redor dos olhos parece escura e escoriada, como se alguém tivesse dado vários socos em seu rosto.

– Não estou pedindo para viver por mim. Embora fosse bom, porque estou apaixonada por você. E, sim, sim, você pode dizer que estou usando errado a

palavra, mas não me importo. É como me sinto. Mas não tem a ver comigo ou como me sinto sobre você. Quero que viva por *você*, porque sei que há muito mais à sua espera. Há muito mais para você descobrir e experimentar. E você merece, talvez pense que não, mas merece. Estou aqui para dizer que você merece. E sei que pode parecer brega pra caramba. Acredite, seis semanas atrás eu teria me estapeado por dizer uma merda dessas, mas conhecer você…

Eu paro por um instante.

– Conhecer você me ajudou a ver as coisas de um jeito diferente. Ver a mim mesma de um jeito diferente. E tudo o que quero é que você se veja do jeito que eu vejo.

Depois de dizer tudo isso, me sinto esvaziada, exausta. Sei que a maioria das pessoas usa "exausta" de um jeito negativo, mas hoje me sinto exausta de um jeito positivo. Como se eu tivesse mantido todos esses segredos dentro de mim por tanto tempo e agora tivesse deixado todos saírem. Eu me sinto mais leve. Livre. Disse a Roman que o amava; pus essa carga positiva no universo. E estou apenas esperando para ver se ela faísca – se nos coloca em movimento.

Roman gagueja como se estivesse prestes a dizer algo, mas então seus olhos fecham e seu fôlego se estabiliza. Ele adormece. Fico lá sentada por um tempo, minha mão esquerda segurando sua direita. Me sinto estranha velando seu sono, mas não consigo evitar. Estou com medo de que, se parar de olhá-lo, ele vá desaparecer.

O peito dele sobe e desce. Parece tão frágil, mas ainda está vivo. E é isso que importa. Quando o encaro, me flagro desejando ver através de sua pele, enxergar dentro dele. Ver se há apenas vazio, escuridão, ou se há algo mais.

DOMINGO, 7 DE ABRIL

Falta zero dia

Hoje é o dia: o aniversário da morte de Madison. Quase não tive coragem de vir ao hospital, mas sabia que, se não viesse, nunca me perdoaria.

Pela primeira vez em três anos, estou usando algo diferente de camiseta cinza listrada e jeans. Peguei emprestado um vestido preto simples de Georgia, lavei o cabelo e fiz uma trança francesa. Não que eu ache que Roman se importe nesse momento com minha aparência, mas eu me importo. E estou tentando mostrar isso a ele.

As sapatilhas prateadas que também peguei de Georgia estalam pelo ladrilho enquanto atravesso o corredor. Assim que chego ao quarto de Roman, dou uma olhada lá dentro e vejo seus pais juntos ao pé da cama.

– Ah, Aysel – fala a mãe.

Ela me dá um sorriso alegre. Estou começando a acreditar que o carinho da mãe de Roman não é de fachada, como ele diz; ela tem mesmo esse tanto de amor dentro dela.

O sr. Franklin está com o braço ao redor dela e, quando me vê, puxa a sra. Franklin para si.

– Entre – diz ele. Sua voz é menos efusiva que a da mulher, mas também não é fria.

Roman olha para mim. Não diz nada. Talvez seja minha imaginação, mas juro que seus olhos se iluminam um pouco. A pele ao redor ainda está manchada, mas está menos impressionante que na sexta-feira.

– Estou com fome, você não? – pergunta a mãe de Roman ao pai. Ele parece confuso por um segundo, mas entende a deixa.

– Ah, sim – responde ele. – Morrendo de fome.

A sra. Franklin vira-se para mim.

– Querida, se importa de cuidar de Roman por alguns minutos enquanto vamos comer alguma coisa?

– Sem problema.

Sorrio para ela a fim de agradecer a gentileza. Agradecer por ainda me deixar ver Roman, por me colocar na lista de visitantes e me tratar como família.

A sra. Franklin beija a testa de Roman e, assim que seus pais saem, me sento na poltrona ao lado da cama.

– Eu deveria estar diante do túmulo dela – diz Roman por fim. Sua voz ainda sai com esforço, mas mais firme que na sexta-feira. – Principalmente hoje, eu

deveria estar lá.

– Ela não precisa que você esteja diante do túmulo para saber que se importa.

Ele aperta os olhos.

– Acredita mesmo nisso?

Faço que sim com a cabeça.

– Acredito, Roman. Talvez não esteja aqui fisicamente, mas ainda está aqui. E ela quer vê-lo feliz. Sei que quer.

Ele fica em silêncio por alguns segundos. Os lençóis vão até o queixo, e ele está imóvel. Nós nos olhamos em silêncio até ele perguntar:

– Quando eu sair daqui você vai lá comigo?

– Ao túmulo dela?

Os lábios dele se retorcem, e eu interpreto como um sim.

– Vou a qualquer lugar com você.

Meu rosto fica vermelho. Não costumo dizer esse tipo de coisa, mas, quando vejo seu sorriso se abrir devagar, toda a minha vergonha desaparece.

– Olhe para mim, ainda estou sendo brega pra caramba. – Ele deixa escapar uma risada baixa, rouca. – Por falar nisso – digo, pegando minha bolsa.

Puxo o livro que comprei sobre as praias da Carolina do Norte. Coloco na bandeja de comida para que ele o veja.

– Pensei que quando você melhorar talvez a gente possa ir lá.

Ele encara o livro e seus olhos brilham. Passam do verde-musgo para um dourado-escuro.

– Até o oceano – acrescento.

Ele não diz nada. Pega o livro da bandeja e folheia. Percebo que está tentando fingir desinteresse, mas passa mais tempo encarando as fotos brilhantes de algumas páginas.

Por fim, pergunta:

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que continua tentando quando sabe como eu sou complicado?

Ergo os ombros. Levanto e vou até o criado-mudo, onde sua mãe deixou os romances de Júlio Verne e o bloco de desenho. Pego o bloco e volto a me sentar na poltrona.

– Por quê? – repete ele.

Vejo os desenhos a lápis e carvão e ergo os olhos, forçando-me a fitar seus olhos.

– Porque te amar me salvou. Fez com que eu me visse de forma diferente, visse o mundo de forma diferente. Devo tudo isso a você.

Antes que ele possa retrucar, ouvimos uma batida na porta.

– Olá? – pergunta uma voz que soa profissional.

A porta se abre e uma mulher está parada na entrada do quarto. Não está

usando jaleco ou roupa de enfermeira, mas calças pretas e uma camisa de botão branca.

– Você deve ser Aysel – diz ela, e se volta para Roman. – Oi, Roman. Como está se sentindo hoje?

Roman apenas a encara.

Ela estende a mão e toca meu ombro de leve.

– Se importa de nos esperar lá fora, no corredor?

Balanço a cabeça e saio do quarto, fechando a porta devagar. Caminho pelo corredor enquanto tento imaginar a conversa que está rolando no quarto. Imagino o rosto silencioso e petrificado de Roman e aquela mulher se esforçando ao máximo para arrancar respostas dele.

Estou prestes a percorrer o corredor pela vigésima terceira vez quando a porta se abre e a mulher sai. Ela tira uma mecha de cabelo escuro da testa.

– Sou a dra. Stead.

Ela estende a mão. Cumprimento-a sem muito entusiasmo.

– Aysel, mas a senhora já sabe. Está trabalhando com Roman?

Ela assente com a cabeça.

– Sim, é isso.

Bom, penso, mas não digo nada.

– Espero que consiga, sabe, fazê-lo se abrir.

Ela não sorri, mas de alguma forma consegue parecer amistosa. Será que essa é uma habilidade que ensinam na faculdade de medicina?

– Vou fazer o melhor que puder. Sabe, sou muito boa no que eu faço.

Ela enfia a mão no bolso e me estende um pequeno cartão de visita.

O papel é macio, e corro os dedos pelo texto em relevo.

– Se algum dia quiser conversar ou precisar de alguma coisa, você me encontra nesse número – acrescenta.

Ela me observa, os olhos suaves e gentis. Será que sabe sobre Crestville Pointe, sobre nosso pacto? Será que Roman contou algo?

– Obrigada – digo baixinho, e viro o cartão.

Ela se afasta, e o estalo dos saltos ecoa no corredor.

Quando volto ao quarto de Roman, ele me dá uma olhada fria.

– O quê?

– Não vai me dizer que eu devia falar com aquela mulher, vai?

Fecho o cartão na mão.

– Você contou para ela sobre nós?

– O que sobre nós?

– Você sabe…

Ele se ergue para apoiar as costas na cabeceira de metal da cama. Parece difícil, mas ele consegue.

– Não. Eu não disse nadica de nada para ela. Nem pretendo.

Volto a me sentar na poltrona ao lado da cama.

– Talvez não fosse tão ruim assim.

Ele suspira, e juro que ouço os músculos de sua garganta reclamarem. Imagino como seu corpo deve estar por dentro, todo envenenado e ferido. Tento tirar aquele pensamento da cabeça.

– Não sei se ainda te conheço – diz ele.

Mordo o lábio inferior.

– Não é justo. Digo, você não tem que falar com ela. Mas ao menos fale comigo.

Ele não diz nada. Fico em pé e volto à estante de livros. Dessa vez pego *Vinte mil léguas submarinas*.

Sento e abro o livro. As páginas acetinadas são fáceis de folhear. Começo a ler alto para ele. No início, minha voz é um pouco trêmula, mas logo encontro um ritmo. Olho para ele algumas vezes e vejo que está me observando, o rosto relaxado como se estivesse ouvindo a história.

Ele me interrompe apenas quando termino o segundo capítulo.

– Aysel?

– Sim?

Ele desliza de repente para se aproximar da beirada da cama. Os movimentos são lentos e esforçados.

– Venha aqui.

Ele toma meu rosto entre as mãos. Inclino o corpo, e nossas bocas se encontram. Seus lábios estão rachados e inchados, mas o beijo é suave, leve, perfeito.

– Vou falar com você – sussurra. – Prometo.

Quando fito os olhos cor de mel, não sei se acredito totalmente nele. Sei que ainda está arrasado, incrivelmente triste, mas quando segura minha mão sinto o potencial de alegria em seu pulso.

– E sabe o que disse antes, sobre eu ter feito você se ver de um jeito diferente? – pergunta ele, o rosto ainda a poucos centímetros do meu.

– Sei.

– Bem, é por isso que desenhei você daquele jeito. Para tentar mostrar a pessoa que vejo quando olho para você, não a pessoa que você pensava que era.

Meus olhos piscam como se um flash brilhante de câmera tivesse acabado de disparar – tudo fica esbranquiçado –, e me sinto mais exposta do que jamais estive na minha vida inteira. Sei que ele me vê, cada fenda mínima e oculta, mas isso não me assusta. Meu coração dispara quando percebo que estou gostando da luz. Para mim já deu de escuridão.

Ele me observa, os olhos percorrendo meu rosto.

– Acho que quero ver o mundo de um jeito diferente… – Ele para, e sua expressão volta a se entristecer.

O quarto está tão silencioso que ouço a luz zumbindo no teto.

– Mas isso ainda é uma bosta, sabe? – acrescenta ele por fim.

– É, eu sei.

Sofro por ele e queria que tivesse alguma coisa que eu pudesse fazer, mas sei que a única coisa que há para fazer é ficar.

– Posso continuar a ler? Este mundo… – Pego o livro e ergo – … Não parece ser tão ruim assim.

– Você diz isso agora, mas espere para ver.

Olho a página, um monstro marinho ilustrado me encara, e então me viro para Roman.

– Espero para ver se você esperar.

Ele pega minha mão e aperta de leve.

– Eu vou esperar.

Nota da autora

Comecei a escrever este livro em janeiro de 2013, depois da morte de uma das minhas amigas mais próximas. Eu me vi em uma situação muito sombria, e trabalhar neste projeto foi, em parte, meu jeito de lidar com aquelas emoções. Para mim, *Meu coração e outros buracos negros* sempre foi uma história sobre as pessoas que entendem você, você por inteiro, mesmo as partes mais assustadoras e estranhas. Sobre aquelas pessoas que entram na sua vida quando você menos espera, dos jeitos mais estranhos, e mudam tudo. Sobre a importância de deixar essas pessoas chegarem, de se abrir para elas. Sobre as pessoas que ajudam você a se ver de um jeito diferente e sobre o poder verdadeiro das relações humanas.

Embora esta história termine com um tom de esperança, a estrada para a recuperação é longa e permanente. Em muitos casos, a batalha com a depressão dura uma vida inteira. Para aqueles que estejam lidando com as emoções da mesma forma que Aysel e Roman, quero que saibam que não importa o quanto vocês se sintam perdidos, nunca estarão sozinhos. Se tiverem pensamentos suicidas, precisam tratar como uma emergência médica. Os serviços de apoio à vida estão sempre abertos e, por mais assustador que seja falar o que está passando em sua cabeça, espero que encontre a força para isso. O que temos de mais poderoso em nós é nossa voz.

Para aqueles que sentem que têm um amigo que esteja às voltas com a depressão, ofereçam ajuda. Sei que pode parecer desconfortável, mas falar sobre essas coisas é o que vai nos ajudar a eliminar o estigma associado à depressão e aos pensamentos suicidas. A melhor coisa que se pode fazer é falar com o amigo ou com um responsável. Ao incentivar que ele fale, talvez você ajude a conduzi-lo ao caminho da recuperação.

Por fim, espero que esta história tenha feito você se lembrar das pessoas que realmente importam em sua vida. Cuide delas, seja gentil com elas e lembre-se de que a vida é frágil. Desejo a vocês todos uma vida muito cinética e bela.

Serviço de apoio à vida no Brasil

CVV (CENTRO DE VALORIZAÇÃO À VIDA)

http://www.cvv.org.br

Telefone: 141 para todo o Brasil ou por chat ou e-mail no site

Agradecimentos infinitos a Brenda Bowen, minha agente incrível, que mudou o rumo da minha vida quando aceitou o manuscrito deste livro e foi em frente para realizar todos os meus sonhos mais malucos. Serei eternamente grata pela orientação, pela compreensão, pelo entusiasmo e pela fé no meu trabalho. Nunca vou parar de agradecer. Muito obrigada também à equipe inteira da Greenburger Associates, especialmente a Stefanie Diaz e a Wendi Gu.

Minha mais profunda gratidão à minha adorável editora, Alessandra Balzer, que me deu as sugestões mais precisas e brilhantes da maneira mais gentil e inspiradora. É um sonho trabalhar com você. Um agradecimento enorme a todo mundo na Balzer + Bray e na HarperCollins – é uma sorte imensa ter vocês do meu lado. Além disso, agradeço imensamente a Emily Kitchin e à equipe maravilhosa de publicação da Hodder & Stoughton.

Fui sortuda por ter em minha vida muitos professores maravilhosos. Em especial, gostaria de agradecer a Chris Lynch e Pat Lowery Collins pela orientação generosa durante meu semestre de pesquisa para a dissertação. Também gostaria de agradecer à minha professora de inglês do ensino médio, Connie Smith, que me incentivou a ir atrás do sonho de ser escritora. Da mesma forma, agradeço a todos os meus ex-alunos: sou grata por ter tido a oportunidade de conhecer cada um de vocês.

Agradeço ao dr. Anthony Cavalieri, do Cincinnati Children's Hospital, por nos auxiliar com sua experiência e análise do manuscrito deste livro.

Um agradecimento enorme a Brenda St. John Brown, a primeira leitora do manuscrito, que deu um retorno valioso. Muito amor a todas as moças do #twitterbloc, que foram parte desta jornada fantástica comigo desde o início, especialmente Kayla Olson. Um viva a todos os meus colegas autores estreantes de 2015 – essa é uma viagem louca! Em especial, gostaria de agradecer aos membros da #beckminavidera: Beck Albertalli (Jim), David Arnold (Big D) e Adam Silvera (Kareem) – sou mais que sortuda por ter amigos tão brilhantes e engraçados como vocês. (Becky, nunca vou parar de mandar gifs da Sailor Moon.) Também gostaria de agradecer a Freshman Fifteens pelo apoio – tenho a imensa felicidade de fazer parte desse fabuloso grupo de mulheres incrivelmente talentosas. Um obrigado especial a Kim Ligget, que responde a cada e-mail e me ajuda a resolver todas as dúvidas – vamos construir aquele túnel? Também agradeço muito a Alexandra Perrotti (minha amiga da vida toda que troca ideias

comigo desde que temos quinze anos), Renee Sabo, Erica Kaufman, Sara Farizan e Kristan Hoffman por todo o apoio – virtual e em carne e osso.

Por fim, gratidão à minha família incrível, deste lado do Oceano Atlântico e do outro. Em especial, muito obrigada ao meu avô (que me ensinou a plantar tomates), à minha avó (cuja postura nem um pouco surpresa em relação a tudo isso é a maior injeção de ânimo possível), e ao meu irmão, Brandon Khader – meu amor infindável por você ter inspirado a cena da festa de aniversário. Agradecimentos imensuráveis para meu pai, que se sacrificou tanto para que eu fosse atrás dos meus sonhos.

Mãe, você merece um parágrafo todo seu, pois é o motivo pelo qual amo histórias. Você lê incansavelmente toda palavra que escrevo e chega ao equilíbrio perfeito entre honestidade e incentivo. Obrigada por tudo.

E, por fim, um agradecimento imenso a Gregory Warga. Obrigada por acreditar que este momento chegaria, mesmo quando eu não acreditei. Obrigada por ser meu farol na escuridão. Tudo o que escrevo é, de algum jeito estranho, uma carta de amor para você.

Título original
MY HEART AND OTHER BLACK HOLES

Copyright © 2015 *by* Jasmine Warga

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Centro – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de Originais
MARIANA MOURA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
CLARICE GOULART

Edição Digital: março, 2016

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

W235m
Warga, Jasmine
Meu coração e outros buracos negros [recurso eletrônico] : uma faísca pode mudar tudo / Jasmine Warga ; tradução Petê Rissatti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Jovens Leitores, 2016.
recurso digital

Tradução de: My heart and other black holes
ISBN 978-85-7980-278-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Livros eletrônicos. I. Rissatti, Petê. II. Título.

16-30479 CDD: 028.5
CDU: 087.5

A AUTORA

JASMINE WARGA é graduada em Escrita Criativa para Crianças e Jovens pela Lesley University, de Massachusetts. Ela lecionou ciências por um breve período. Este é seu primeiro livro.

Table of Contents

Folha de rosto
Sumário
Dedicatória
Epígrafe
Terça-feira, 12 de Março
Quarta-feira, 13 de Março
Quarta-feira, 13 de Março
Quarta-feira, 13 de Março
Quinta-feira, 14 de Março
Quinta-feira, 14 de Março
Sexta-feira, 15 de Março
Sábado, 16 de Março
Sábado, 16 de Março
Segunda-feira, 18 de Março
Quarta-feira, 20 de Março
Quinta-feira, 21 de Março
Sexta-feira, 22 de Março
Sábado, 23 de Março
Sábado, 23 de Março
Terça-feira, 26 de Março
Quarta-feira, 27 de Março
Quarta-feira, 27 de Março
Sexta-feira, 29 de Março
Sábado, 30 de Março
Sábado, 30 de Março
Sábado, 30 de Março
Domingo, 31 de Março
Domingo, 31 de Março
Domingo, 31 de Março
Segunda-feira, 1º de Abril
Segunda-feira, 1º de Abril
Quarta-feira, 3 de Abril
Quinta-feira, 4 de Abril
Sexta-feira, 5 de Abril
Domingo, 7 de Abril
Nota da autora
Agradecimentos
Créditos
A autora